



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIANGELA POLACCHINI ZANELLA

**LEITURA, LEITURAS DE LEITORES E *LEITURA* LEITORES:
TEXTO E ESPAÇO E NARRATIVA**

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências do Câmpus
de Rio Claro, Universidade
Estadual Paulista, como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Mestre em Educação.

**Rio Claro
2010**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Área: Alfabetização e Linguagens
Linha de Pesquisa: Linguagens: práticas culturais e formação

MARIANGELA POLACCHINI ZANELLA

**LEITURA, LEITURAS DE LEITORES E *LEITURA* LEITORES:
TEXTO E ESPAÇO E NARRATIVA**

**ORIENTADORA: PROF^a DR^a MARIA ROSA
RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO**

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências do
Campus Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho, como
parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre
em Educação.

Rio Claro
2010

372.6 Zanella, Mariangela Polacchini
Z28l Leitura, leitura de leitores e leituraleitores: texto e espaço
 e narrativa / Mariangela Polacchini Zanella. - Rio Claro :
 [s.n.], 2010
 156 f. : il., fots.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
 Instituto de Biociências de Rio Claro
 Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

 1. Comunicação e expressão. 2. Linguagem - experiência.
 3. Histórias narradas. 4. Leitura compartilhada. 5. Práticas de
 leitores. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CAMPUS DE RIO CLARO

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS DE RIO CLARO

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Leitura que gera histórias de leituras e de leitores: texto, espaço e narrativa

AUTORA: MARIANGELA POLACCHINI ZANELLA

ORIENTADORA: Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro

Prof. Dr. CESAR BONIFATI PEREIRA LEITE
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro

Profa. Dra. KATIA MARIA KASPER
Setor de Educação / Universidade Federal do Paraná

Data da realização: 20 de agosto de 2010.

GRATIDÃO

*Allah Hu Akbar!
(Deus é o maior!)*

Não caminho só...

Este trabalho começou há anos, muito antes da Graduação, do Ensino Médio, do Fundamental...

Trilhas que, aos poucos, foram desbravadas com a ajuda de pessoas singulares.

Nilson, Thaís e Bia, sou grata por me amarem apesar da minha destemperança diante de tantos afazeres e da falta de tempo.

Ana e José, porto seguro, sou grata por deixarem a própria casa e cuidarem da minha, dos meus, quando me desesperava com compromissos e prazos.

Maria Rosa, sou grata pelo carinho, pela acolhida, por organizar minhas ideias e palavras, pela sabedoria na condução.

Aos professores Dra. Kátia Maria Kasper e Dr. César Donizetti Pereira Leite sou grata pela valiosa contribuição, por serem leitores, sensíveis, deste trabalho.

Ao pessoal do teatro do SESI-Rio Claro e às queridas irmãs leitoras, sem os quais meu olhar não se alargaria...

Aos meus alunos e alunas, crianças que ao longo dos anos me ensinam a enxergar sempre um pouco mais.

Às minhas irmãs biológicas, Pati e Ju e às do coração, aos meus cunhados e cunhados, sobrinhos e sobrinhas, pérolas encantadas.

Queridas irmãs em existência, Roberta e Luciana, sou grata pela amizade e pelo companheirismo a toda hora, que vão além das imposições do tempo e da distância.

A todos os amigos e amigas que de uma forma ou de outra se fizeram presentes em cada momento desta travessia.

EVOLUÇÃO

*Todas as noites o sono nos atira da beira de um cais
e ficamos repousando no fundo do mar.
O mar onde tudo recomeça...
Onde tudo se refaz...
Até que, um dia, nós criaremos asas.
E andaremos no ar como se anda em terra.*

Mário Quintana

RESUMO

Esta pesquisa foi iniciada com o objetivo de refletir sobre algumas questões relativas ao universo leitor como: apropriação e significação de textos; possibilidade de constituição de espaços para leitura compartilhada e socialização de narrativas despertadas a partir das leituras, pensando na contribuição desses espaços enquanto geradores de experiências, portanto espaços de formação. A trajetória deste estudo apoiou-se nas características qualitativas para a pesquisa em educação (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Nesta perspectiva, esta pesquisa participativa apresentou três momentos de realização. O primeiro foi realizado no Gabinete de Leitura de Rio Claro-SP, por meio da formação de um espaço para leitura pela pesquisadora, contou com a participação de duas leitoras e com a leitura e discussão de três textos de Clarice Lispector. O material colhido através de áudio-gravação e registros em diário de campo foi analisado observando nas narrativas a exposição dos sujeitos participantes no que diz respeito às suas práticas de leitura, diferentes significações conferidas ao texto e posturas de leitores inseridos em espaços de formação (escolar, familiar). Um segundo momento de realização da pesquisa ocorreu junto ao Núcleo de Artes Cênicas do SESI de Rio Claro, onde a pesquisadora inseriu-se num grupo já formado, de atores e atrizes, que trabalhavam na montagem do espetáculo “Sacra Folia” e, portanto, na leitura e discussão do texto. A análise do material colhido (áudio-gravação e diários de campo) revelou um constante exercício dialógico de criação e recriação de texto e personagens. O terceiro momento da pesquisa traduz-se na própria escrita do texto, revelando-o enquanto espaço de formação, visto que se fez necessária a escrita de histórias vividas como forma de justificar o olhar da pesquisadora diante do observado no Gabinete e no teatro, revelando o inacabamento das reflexões realizadas em momentos distintos e a transformação desse olhar, conforme outras situações são experienciadas (LARROSA, 2005). Esta pesquisa apresenta caminhos traçados e não traçados durante o estudo, reveladores de reflexões sobre a busca do devir enquanto formação permanente e inacabada do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIAS NARRADAS. LEITURA COMPARTILHADA. PRÁTICAS DE LEITORES. EXPERIÊNCIA.

ABSTRACT

This research was initiated in order to reflect on some questions regarding the reading universe : ownership and significance of texts; possibility of creating spaces for shared reading and sharing of narratives aroused from reading, thinking on the contribution of these spaces while generators of experience, so training spaces. The trajectory of this study relied on qualitative characteristics for research education (BOGDAN and BIKLEN, 1994). In this perspective, this participatory research presented three moments of realization. The first was held at the Gabinete de Leitura, Rio Claro-SP through the creation of a space for reading by the researcher, with the participation of two readers and the reading and discussion of three texts of Clarice Lispector. The material collected through audio-recording and daily records in the field was analyzed by observing in the participants' narratives their explanation regarding to own reading practices, different significances given to the text and attitude of readers immersed in spaces of education (school , family). A second moment of the research took place at the Núcleo de Artes Cênicas at SESI Rio Claro, where the researcher was part of a group already formed, actors and actresses who worked to assemble the show, "Sacra Folia" and therefore in the reading and discussion of the text. The analysis of the collected material (audio-recording and field diaries) revealed a constant dialogic exercise of creation and recreation of text and characters. The third moment of the research is translated into the actual writing of the text, revealing it as an area of training, as it was needed to write real stories in order to justify the researcher view of what was observed at the Gabinete and the Núcleo, revealing the incompleteness of reflections at different times and the transformation of this view as other situations are experienced (Larrosa, 2005). This research presents paths traced and not traced during the study, revealing reflections on the pursuit of transformation while lifelong learning and incompleteness of the individual.

KEYWORDS: STORYTELLING. SHARED READING. PRACTICE OF READERS. EXPERIENCE.

SUMÁRIO

Apresentação	08
CAPÍTULO UM – LEITURAS QUE TECEM LEITURA QUE TECE HISTÓRIA E HISTÓRIAS – UM EXERCÍCIO DE TRANSFORMAÇÃO.....	13
14 de maio de 2009	15
O movimento dos corpos: folhas que se inscrevem	22
Modos de ler: o texto no papel	24
CAPÍTULO DOIS – HISTÓRIAS QUE TECEM LEITURA QUE TECE LEITOR E LEITORAS – UM EXERCÍCIO DE FORMAÇÃO	39
Histórias que não se dão a ver	40
Três histórias? Outras histórias... ..	44
Tessituras	63
CAPÍTULO TRÊS – PERAMBULAÇÕES... METODOLÓGICAS?	68
Andanças: lugares de busca	69
Perambulações	75
Ziguezagueando	81
Tecido engorvinhado: o objeto de estudo	82
CAPÍTULO QUATRO – HISTÓRIAS QUE SE TECEM E A LEITURA QUE AS ENTRELAÇA	87
Minhas histórias	87
Histórias com outros	104
Alinhavando retalhos	112
ALGUNS PONTOS	115
LEITURAS: UMA IMAGEM	119
BIBLIOGRAFIA	122
ANEXO A	126
ANEXO B	127
ANEXO C	129

Apresentação

A vida de cada um de nós é história que não tem fim e difícil de encontrar o começo. A vida é histórias que se cruzam, se entrelaçam, formam elos com o que se passou, com o que se passa e com aquilo que está por vir, refazendo-se, constituindo-se, transformando-se em outras...

Cresci ouvindo histórias, ordinariamente (CERTEAU, 1994). Fábulas e contos de fadas, contadas pela minha avó, caçadas e pescarias que sempre se tornavam histórias de assombração, contadas pelo meu avô. Minha mãe contava histórias brincando, principalmente de lobo mau, e meu pai transformava pequenos acontecimentos, a pesca de um lambari, por exemplo, em desbravadoras conquistas.

De que modo os modos como nos apropriamos das histórias nos dão a ver como leitores de um mundo que se apresenta diante de nós e nos constituem num exercício incessante?

Paulo Freire lia seu mundo e o transformava em “palavramundo”, esta plena de sentidos, antes mesmo de aprender a decodificar as palavras signos; Manoel de Barros lê a gota d’água do riacho no seu “mundopalavra” no qual sente e não explica, mas produz sentidos.

As histórias contadas e ouvidas e as leituras de mundo que se integram a outras leituras e a outras histórias podem ser entendidas como espaço de formação que formam e transformam, fazendo parte de um viajar em si mesmo, reinventando-se – criando-se - a todo o tempo.

Que indícios os lugares e objetos de leitura podem revelar sobre os leitores? Em que medida permitem que estes se deixem ver, se deixem encontrar, traduzindo o modo pelo qual se apropriam do que leem? Que mostras dão sobre a forma como adquirem estes objetos de leitura ou sobre o modo de significar e (re) significar esses objetos e seu conteúdo?

Concepções de leitura se evidenciam, justapõem-se, modificam-se. Entre elas, os contos de fadas, cuja leitura se deu desde a infância, revelaram uma leitura que ia se modificando aos poucos, conforme eu mesma me modificava, ou seja, constituía-se em minha própria história enquanto sujeito e enquanto leitora, compondo o (des) lugar, ou seja, o espaço que busca relacionar sentidos do mundo

vivido e do mundo ficcional, porém sem ponto de partida ou chegada, mas em constante transitoriedade de produção de sentidos.

As histórias podem revelar em si outras histórias e histórias com outros, numa condição dialética de existência, podendo ser produzidas com outros, ainda que em tempos distintos, indicando aquilo que passou, mas que sobrevive na palavra, na escrita. Revelam momentos de formação e de transformação.

Vigotski e Bakhtin propõem o resgate da materialidade da palavra, ou seja, entender na linguagem a possibilidade de a palavra revelar os múltiplos sentidos que pode alcançar, sentidos estes que entremeiam o dito, o verbal, e o não-dito, o extraverbal, aquilo que, de certa forma, está oculto no texto e que necessita de uma interação entre texto/leitor/leitores para ser subentendido. A esta palavra podemos dizer palavra-viva, palavra que vivemos, histórias que produzimos.

Para Clarice Lispector, esse sentido subentendido na palavra é isca para o leitor, fazendo-o nesta interação, de certa forma, autor:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente. (LISPECTOR, 1998, P. 20)

Roger Chartier, em “Práticas de leitura”, denomina este *extraverbal* como o *fora-do-texto*, apontando para a dificuldade de identificá-lo, visto que este entendimento, este sentido conferido além das palavras, é parte integrante do sujeito, portanto sua própria história, e não somente do texto em si:

(...) cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos que se apropria. Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras. (CHARTIER, 1996, p. 20)

A proposição de Chartier implica que a significação que o leitor dará ao texto mantém uma estreita ligação com sua própria vivência em leitura, entre suas histórias e, ainda, na relação constante entre histórias de vida e de leituras.

A vida que vivemos é um texto onde muitas histórias se revelam, se desdobram, se reinventam. Para a história que vivemos, tal como com as palavras,

podemos produzir diferentes sentidos, em diferentes tempos, reinventá-la, transformá-la. Histórias e leitura: vínculo eterno.

Pensando nesta multiplicidade de possibilidades de produção de sentidos que a palavra pode alcançar inserida em uma leitura com o outro, na história de cada um e com cada um, esta proposta de estudo orientou-se inicialmente pelas seguintes questões:

- De que maneira é possível constituir espaços destinados à leitura compartilhada com outros leitores ou, se esses espaços existem, como se revelam?
- É possível pensar a condição da leitura compartilhada entre leitores como um espaço que se disponibiliza e é aberto às narrativas de experiências subjetivas?
- Um espaço aberto a narrativas de experiências subjetivas pode revelar-se gerador de outras experiências, de outras narrativas, portanto espaço de formação (de leitores)?
- De que maneira um leitor apropria-se dos textos que lê, (re) significando-os enquanto texto, mas também enquanto experiência de leitura?
- Que contribuições as histórias de leitores comuns, ordinários, teriam a oferecer para pensarmos sobre a questão de ser leitor e de sua formação?

Conforme o caminho ia sendo percorrido e, principalmente, durante a escrita da primeira versão deste texto, as histórias apresentadas foram “ganhando vida” e impuseram-se até encontrarem outros lugares.

Com as reflexões geradas na interlocução com outros leitores¹, esta questão ficou mais clara e foi tomando outros contornos.

As histórias apresentadas neste trabalho direcionaram meu olhar para minha própria história, para reelaborá-la e reinventá-la, conforme propõe Jorge Larrosa:

E resulta que um dos traços característicos do *bildungsroman* é, precisamente, esse funcionamento reflexivo do relato, no qual, o processo de “chegar a ser o que se é” do protagonista aparece como dobrado em si mesmo e, contado, em dois planos ao mesmo tempo, o plano sucessivo dos acontecimentos e o plano reflexivo, construído a partir do final, em que cada um dos momentos temporais é mostrado a partir de seu resultado. (LARROSA, 2005, p. 53)

No Capítulo Um deste texto, apresento o *corpus* da pesquisa realizada junto ao grupo de teatro do Núcleo de Artes Cênicas do SESI de Rio Claro – SP. Acolho

¹ Agradeço à Profª Drª Kátia Maria Kasper e ao Profº Drº César Donizetti Pereira Leite pelas valiosas contribuições apontadas durante e após o Exame de Qualificação e no momento da Defesa deste trabalho.

este *corpus* como a leitura da experiência que desloca, que não se permite possuir, pois está fundada na liberdade, no movimento do pensar, constituindo-se dessa maneira porque decorre de outras histórias e é recriada permanentemente.

A pesquisa realizada no Gabinete de Leitura de Rio Claro, apresentada no Capítulo Dois, revela uma busca pela aproximação entre leitura e histórias produzidas, num exercício de pensar as histórias enquanto leitura que fazemos daquilo que nos ocorre, do modo como olhamos os fatos, portanto, como podemos, com a leitura de um texto, produzir diferentes sentidos para elas.

Os percursos traçados, re-pensados diante de dificuldades encontradas e re-elaborados durante o desenvolvimento da pesquisa, os principais referenciais teóricos que acompanharam e acompanham meu olhar e minhas reflexões durante a trajetória da pesquisa de campo e a escrita deste texto compõem o Capítulo Três.

As histórias apresentadas no Capítulo Quatro foram despertadas a partir de leituras, de imagens que acordaram memórias, de encontros e desencontros. Dão a ver o modo como me insiro nas histórias relatadas nos capítulos Um e Dois. Inserem-se neste espaço, neste texto, como um arcabouço que sustenta este trabalho, pois registram modos de existência e constante reflexão sobre estes, numa reflexão passional, como condição de transformação, de renascimento.

Na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele. Por isso o sujeito passional não está em si, no próprio, na posseção de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado, transtornado.

[...]

A paixão tem uma relação intrínseca com a morte, ela se desenvolve no horizonte da morte, mas de uma morte que é querida e desejada como verdadeira vida, como a única coisa que vale a pena viver e, às vezes, como condição de possibilidade de todo renascimento.” (LARROSA, 2004, p. 164-165)

As histórias não obedecem uma linearidade cronológica. Isto ocorre com a intenção de que ocorra o entendimento de que o modo como cada fato foi pensado é decorrência do que aconteceu anteriormente a este fato. Portanto, se houve determinado olhar para cada acontecimento, este olhar é resultado de uma trajetória/história e de constante reflexão/paixão sobre esta trajetória/história.

Em “Alguns pontos” busco refletir um pouco sobre o conteúdo apresentado no texto, sobre as principais questões que me afetaram durante esta pesquisa, mas entendendo que, a cada momento, a cada olhar que se lance sobre elas, e também

sobre o todo deste texto, novas reflexões e considerações poderão ser feitas. Esta constante re-elaboração ajusta-se com a pretensão de que o que é aqui apresentado não se feche em si mesmo, mas que seja constantemente reinventado.

Finalizo este texto anexando a cópia do convite disponibilizado aos leitores do Gabinete de Leitura, e também o “diário de campo” e a transcrição das vozes gravadas, ambos referentes ao primeiro encontro com o grupo de teatro do SESI – Rio Claro, realizado em 14 de maio de 2009.

CAPÍTULO UM – LEITURAS QUE TECEM LEITURA QUE TECE HISTÓRIA E HISTÓRIAS. UM EXERCÍCIO DE TRANSFORMAÇÃO (Cena 3)

Meu primeiro encontro com o grupo de teatro do Sesi – Rio Claro aconteceu em 14/05/2009, mas ao todo nos reunimos durante cinco meses. Durante este período, foram realizados vinte e nove encontros, com três horas de duração cada um.

Os encontros eram destinados à montagem de uma peça teatral, “Sacra Folia!”, baseada no texto de Luis Alberto de Abreu, e compreenderam desde as leituras iniciais do texto, a caracterização dos personagens, a montagem do cenário, os ensaios e outras empreitadas neste intento.

Todos os encontros foram gravados (gravação de vozes) e registrados em diário de campo. O anexo A deste texto é composto por minhas anotações sobre este encontro (14/04/2009) e o anexo B traz sua transcrição, pois todos os encontros tiveram seus áudios gravados.

O material coletado compreendeu, além das anotações, cerca de setenta e três horas de gravação, onde doze pessoas dialogavam. Considerando as necessidades da pesquisa em relação ao tempo disponível para realizá-la, a ideia inicial de transcrever todas as gravações realizadas nos encontros foi abandonada.

Neste contexto, o material de análise foi constituído pela transcrição de três encontros, pois nestes realizamos a leitura compartilhada do texto a ser dramatizado.

As anotações realizadas sofreram uma transformação. O diário de campo sofreu uma alteração: foi reescrito e passou a comportar as anotações iniciais reformuladas/completadas a partir da audição das gravações realizadas.

Logo que cheguei, Claudia, a professora do grupo de artes cênicas e diretora dos espetáculos, apresentou-me ao grupo e eu expliquei o motivo de estar ali; falei sobre a pesquisa e sobre o que já havia feito no Gabinete de Leitura.

Todos me receberam com tranquilidade e se mostraram disponíveis a ajudar no que fosse possível. Alguns manifestaram espanto em relação ao meu interesse pelo grupo e questionaram o motivo de eu não ter procurado um lugar “com pessoas mais sérias” para realizar uma pesquisa.

Conforme convivíamos, entendi esta colocação. De forma geral, porém com algumas exceções, o pessoal do grupo considerava que as pesquisas ocorriam em

ambientes onde houvesse uma formalidade maior durante a presença do pesquisador, entre todos os envolvidos pela pesquisa, e que seguissem algo previsto por esta. Acredito que a experiência que vivemos ajudou-nos a conceber a realização de uma pesquisa sob diferentes olhares e com maior amplitude de sentidos para os envolvidos.

Aos poucos fui conhecendo um pouco mais dos onze integrantes do grupo, composto por estudantes, funcionários do comércio e da indústria, professores, uma enfermeira, profissionais autônomos, além da arte-educadora diretora do espetáculo e deste núcleo, que se insere no Núcleo de Artes Cênicas de Rio Claro.

O Núcleo de Artes Cênicas de Rio Claro tem como propósito a pesquisa, o estudo e a difusão das diversas linguagens que compõem a expressão artística, mais especificamente o teatro. Existe há cerca de 15 anos, com certa transitoriedade de atores e atrizes, e faz do palco um espaço de criação, recriação e transformação de textos, ideias, modos de fazer e de pensar. É uma estrutura viva, portanto um espaço aberto ao diálogo, à transição e à abertura para o novo e para novas possibilidades.

Os alunos, folhas de papel repletas de histórias, aos quais, a partir de agora, passo a me referir como atores e atrizes, reúnem-se duas vezes por semana, três horas em cada dia, em torno de um texto, com o propósito de criar e recriar personagens e histórias.

Convivemos durante 29 reuniões, quase todas as necessárias para a montagem do espetáculo “Sacra Folia!”, baseado na obra de Luis Alberto de Abreu, de mesmo título, que estreou no dia 14/10/2009. Esta história é caracterizada pela oralidade popular e repleta de trocadilhos e de versos jocosos. Conta as andanças da Sagrada Família, que foge da fúria do ganancioso e poderoso rei Herodes, e acaba se vendo em terras brasileiras. Movidos ora pela necessidade, ora pela compaixão, João Teité e Matias Cão, definição própria de homem do sertão que sofre, vibra e pulsa dentro da condição de povo esquecido, buscam, cada um a seu modo e pelo seu interesse, reconduzir a Sagrada Família a Belém. Em meio a confusões, idas e vindas sertão afora, finalmente a família encontra seu caminho. Mas é exatamente neste momento que o público descobre onde Jesus passará os primeiros doze anos de sua vida².

² Esta sinopse, que produzi entre agosto e setembro/2009, compôs o material de divulgação da peça para os outros núcleos e cidades onde se apresentariam.

Durante todo este tempo, presenciei muito mais que a montagem de um espetáculo teatral, presenciei e participei de um movimento incessante chamado produção de sentidos para uma história, a partir de suas múltiplas leituras.

Leitura de texto, leitura de vozes, leitura do corpo, leitura de contexto, leitura da imagem escondida e da imagem revelada, leitura de leituras que se revelam e se guardam.

Melhor contar a história desde o início.

14 de maio de 2009

Tudo estava acertado. Logo após o almoço, passei no SESI e retirei com a Claudia uma cópia do texto de “Sacra Folia”. Li durante a tarde, rapidamente. À noite seria meu primeiro contato com o grupo de atores e atrizes e não queria chegar sem ter lido a história. Não foi uma leitura de grande compreensão, pois não havia tempo para eu me ater melhor ao que lia e, sendo um texto para encenação, era necessário rever algumas partes, penetrar nas entrelinhas e descobrir cada personagem.

Ressonâncias:

Seriam estas preocupações a revelação do temor diante de uma situação inusitada?

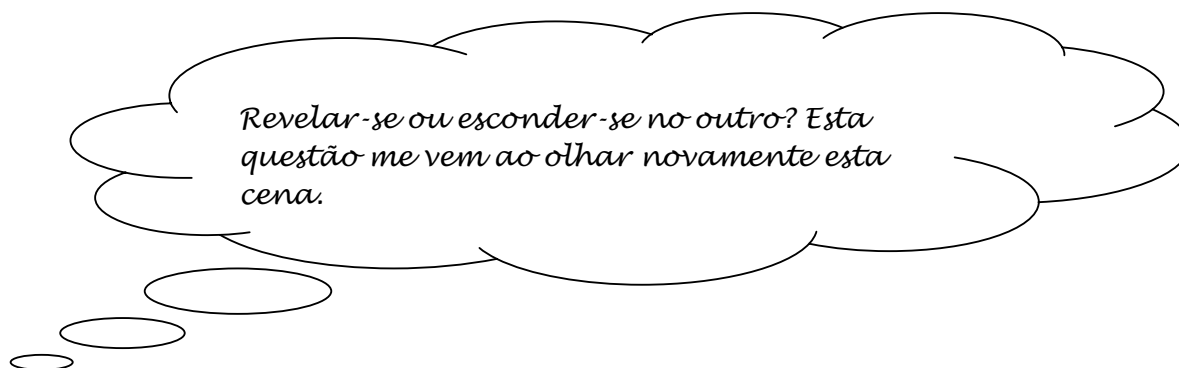
A preocupação em ler o texto pode revelar além de uma preparação para o encontro...

Esta cena lembra o aluno que deve fazer sua tarefa para não ser surpreendido pelo professor, mantendo a situação sob controle...³

Entrei no teatro, pontualmente, às 19 horas. Não queria me atrasar, mas também não queria chegar antes da hora. O grupo ainda não sabia que eu estaria

³ Sempre que a autoria das *ressonâncias* não estiver indicada, remete a questões e reflexões que me vêm ao sabor da escrita.

presente e, assim, preferi chegar no mesmo momento em que a professora Claudia chegasse.



Fui muito bem recebida.

Naquela noite haveria a leitura do texto pelos atores e atrizes, buscando apreender as características das personagens da história. Eles precisavam fazer isto para poder criar o personagem em si, vestir-se dele, sorvê-lo.

Este processo de criação significa, a partir da pesquisa textual, das informações que o texto oferece, reunir o maior número de elementos característicos de cada personagem, sejam estes revelados de forma explícita ou implícita, para que o ator ou a atriz possam construir atitudes, gestos, entonação da fala, aparência física e o figurino do(a) personagem a interpretar.

No início do ano, o grupo realizou alguns estudos sobre a *commedia dell'arte*, com a intenção de montar o espetáculo utilizando os novos conhecimentos.

Decidiram iniciar a caracterização pela personagem Maria. Millo sugeriu uma forma para esta criação:⁴

Millo: Será que o personagem não vai surgir da própria improvisação? Lendo, montando a história e ...

Tula: Por exemplo:

- *Tula, você vai ser o Millo.*

- *De onde você veio?*

- *Eu vim da Bahia.*

- *E seu pai?*

- *Meu pai e minha mãe eram pobres, meu pai judiava da minha mãe, minha mãe fugiu de casa com o vizinho. O vizinho criou todos nós, ele era padreiro, enriqueceu e então traiu minha mãe.*

E essa era a vida do meu personagem.

Millo: Ah, entendi. Você quer dizer a gênese.

⁴ As transcrições que se seguem, desta página 16 à página 19, referem-se ao encontro de 14 de maio de 2009.

Cláudia: Então, só que na *commedia dell'arte*, uma das coisas que a gente vai ter que ver é que não é desse jeito.

Tula: Não!

Claudia: É de uma outra forma. Acho que é muito mais corporal.

Tula: A Maria pode ser manca?

Claudia: Pode!

Fiquei muito atenta aos comentários, pois não tinha nenhum conhecimento sobre o gênero discutido.

Aos poucos, entendi que a *commedia dell'arte*, atualmente, aproxima-se daquilo que conhecemos por teatro mambembe. Os personagens são fixos, usam máscaras e geralmente são representados pelos mesmos atores, o que se modifica é a história, geralmente cômica, que é dramatizada. Há somente dois personagens que variam a cada dramatização, os enamorados, e estes não usam máscaras.

Na *commedia dell'arte*, os personagens têm características muito definidas, que os identificam e distinguem dos outros com clareza. Alguns personagens bastante conhecidos derivam deste gênero, pois foram criados para estas dramatizações (Arlequim, Colombina, Polichinelo).

Ao retomar o gênero, perceberam a necessidade de classificar os personagens conforme ocorre na *commedia*, para poder conferir-lhes as características que lhes são próprias nesta forma teatral.

Claudia: - Porque olha só, uma das coisas que a gente tinha dito aqui era que a Maria, por exemplo, onde é que a gente vai começar a criação do personagem. João Teité nem está aqui. Maria é uma das enamoradas; ela é sonsa...

A indicação de Claudia fez com que outros no grupo se manifestassem:

Tula: ...tapada, sonhadora, viajante... Mas, espera aí...

Tiago: Ela é enamorada na *commedia dell'arte* original, mas deste texto...

Claudia: ...aí a gente tem que bater uma com a outra e fazer uma mistura, entendeu?

Tiago: Certo.

Paulo L.: Afinal, quem são os enamorados da peça, são o José e Maria só?

Milo: José e Maria...

Claudia: Maria e José.

Milo: ...e tem um ameaço entre Mateúsa e Matias Cão...quer dizer tem uma intenção de um lado só...

Patrícia: O Matias e a Mateúsa tem um pouquinho...

Decidiram passar à leitura do texto, buscando subsídios que definissem o personagem.

Começaram a leitura. Alguns integrantes do grupo não estavam presentes porque apresentavam outra peça, num festival na Bahia. Os que estavam faziam a leitura; cada um lia seu próprio personagem e o texto não era lido em sua ordem exata e sim buscando as falas dos personagens a serem caracterizados, a começar por Maria.

Aí veio minha primeira surpresa. Que texto era aquele que estava sendo lido?

A resposta, óbvia, surgiu-me rapidamente: o mesmo texto que eu havia lido durante a tarde. O fato é que aquela leitura me causava enorme estranhamento por dois motivos: não acontecia conforme o meu costume – do início ao fim, sem pular partes – e estava impregnada de voz. Uma voz que não era voz de quem narra algo ou simplesmente lê para todos ouvirem.

Era voz de quem conta interpretando, ou melhor, era a voz do personagem que estava nascendo, buscando forma, mas já com uma entonação tão particular, tão individual. Acredito que neste momento comecei a dissociar o personagem do ator ou da atriz. Aquela presença de voz já iniciava a criação do personagem diante de mim.

Ora, a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria... como o atestam tantas lendas sobre plantas e pedras enfeitiçadas que, um dia, foram dóceis. (Zumthor, 1997, p. 11)

Passado o estranhamento, diverti-me. Era surpreendente como o texto era outro. E eu, acostumada a contar histórias, principalmente para crianças, experimentava agora estar do outro lado e entendia porque meus alunos e alunas ficavam tão espantados diante de meus gestos e das minhas mudanças de voz ao ler ou contar uma história.

O grupo de atores parava a leitura, muitas vezes, para discutir sobre o que liam. Buscavam as características, retomavam o texto e seu entendimento. Procuravam nas falas das personagens indícios que os conduzissem às particularidades do personagem, que os distinguíssem, tornando-os únicos.

Aos poucos, fomos descobrindo sutilezas no texto que revelavam os personagens. Estas sutilezas conduziam ainda a suposições sobre as atitudes que estes poderiam ter e sobre seus sentimentos.

Tula: Maria é só isto? Que bom...

Claudia: Aqui no texto não tem mais. O resto vocês podem estar criando. Vocês querem criar mais alguma coisa? É a hora!

Millo: Quando o Teité rouba a criança e o Gabriel fala: *...olha a frágil mulher que chora*

Claudia: Poxa, isto aí é importante, olhem... o Millo descobriu outra parte que é muito importante.

Millo: O Teité rouba a criança enquanto Maria e José estão trabalhando, numa cena aqui, depois da cantoria da Maria, e o Gabriel fala: *Olhem a frágil figura de mulher que chora e se desespera*.

Claudia: Então ela é frágil...

Paulo L.: Claudia, mas depois fala assim: *Olhem, de novo, a frágil figura: o choro cala, os olhos secam e uma raiva santa inunda! De toda a criação a mulher é a mais variável: onde se espera frágil, assoma em fortaleza guerreira, e no meio da guerra pode desfazer-se em lágrimas*.

Claudia: Ela é geminiana. Porque ela muda de uma hora para outra... É coisa de geminiano, não é?

Millo: *Porque Deus as fez assim não sabemos*. Poderia ser uma fala da própria Maria. Gabriel está falando e a Maria dá aquela limpada nas lágrimas, passa na frente dos três, toma a frente. Gabriel fala: *De toda a criação a mulher é a mais variável: onde se espera frágil, assoma em fortaleza guerreira, e no meio da guerra pode desfazer-se em lágrimas*. E este segredando ao público pode ser a Maria falando: *Porque Deus nos fez assim nós não sabemos. Só sabemos que ele é muito sábio*. E então quando Matias Cão fala: *Virgem santíssima!*, ela já está de volta a ela.

Tiago: Ela já voltou...

Millo: *Não quero saber de conversa...*

Tiago: Ah... Então ela é frágil e forte...

Claudia: Ela é decidida...

Millo: É... ele está explicando esta personagem controversa quando ele fala as duas coisas...

Claudia: Ela tem uma coisa de dualidade... ela tem os dois extremos...

Quando Tula, no início da citação acima, questiona as características de Maria, até então autoritária e mãe zelosa, refere-se também à pequena participação desta personagem na história, que ela interpretaria, embora não estivesse muito satisfeita com isto.

A retomada do texto acontece e, pouco depois do momento em que Claudia aponta a dualidade da personagem, Tiago lê a lista de características observadas após a leitura e discussão dos trechos onde Maria aparece:

Tiago: Características de Maria apontadas pelo grupo após a leitura: autoritária, mãe amorosa, manca, vive a dualidade da fragilidade e da fortaleza, vive os extremos das emoções, persistente, geniosa, brava.

Além de Maria, mãe do menino-Deus, o seu marido José, o rei Herodes e sua esposa Boraceia, a escrava Mateúsa, o anjo, o demônio, Mathias Cão e João Teité, e o narrador, Millo, compõem "Sacra Folia".

O mesmo exercício de leitura foi feito para cada um dos personagens. Liam suas falas, discutiam e, em seguida, as características eram anotadas.

Durante o encontro, pelo menos três características fundamentais foram conferidas a cada personagem, depois de várias releituras do texto:

Maria	autoritária	amorosa	frágil	forte	geniosa
José	carinhoso	sereno	manso	cuidadoso	
Herodes	marido traído	apaixonado pelo poder	casado por conveniência		
Boraceia	Fútil	vadia	mandona	gananciosa	presunçosa
Mateúsa	Tonta	burra	oferecida	mulher de vida fácil	
Matias Cão	Folgado	malandro	preguiçoso		
João Teité	Folgado	malandro	preguiçoso		
Anjo Gabriel	manipulador	carrancudo	mal-encarado		
Demônio	Sexy	medrosa	sedutora	provocante	uma coitada

Na busca pelas características de João Teité e de Matias Cão no texto, percebemos que elas eram praticamente as mesmas. Claudia explicou que neste texto eles representavam os palhaços da *commedia dell'arte*, e a diferença entre os dois era realmente sutil, porém que “entre dois palhaços tem um que é mais esperto e outro que é mais tonto...” (Claudia – 14/05/2009)

Neste mesmo encontro, assim que terminamos a leitura, Claudia já propôs que cada ator escolhesse um personagem para “brincar” um pouco.

Atualmente, reflito muito sobre este “brincar”. Não seria exatamente este “brincar” o espaço para que o planejado, o explorado, se mescle com a liberdade de deixar existir aquilo que aflora e rompe com o pré-determinado?

Se assim for, este fazer, este “brincar”, seria o espaço da experimentação e da criação onde, partindo de algo antecipadamente pensado, exercita-se o indeterminado, aquilo que vem ao sabor do acontecimento, reconstruindo seu presente.

Toda actividad humana que no se limite a reproducir hechos o impresiones vividas, sino que cree nuevas imágenes, nuevas acciones, pertenece a esta segunda función creadora o combinadora. El cerebro no se limita a ser um órgano capaz de conservar o reproducir nuestras pasadas experiencias, es también um órgano combinador, creador, capaz de reelaborar y crear com elementos de experiencias pasadas nuevas normas y planteamientos. Si la actividad del hombre se redujera a repetir el pasado, el hombre sería um ser vuelto exclusivamente hacia el ayer e incapaz de adaptarse al mañana diferente. Es precisamente la actividad creadora del hombre la que hace de él um ser proyectado hacia el futuro, um ser que contribuye a crear y que modifica su presente. (VIGOTSKI, 2003, p. 9)

Os atores e atrizes já haviam combinado que, antes de iniciar a peça, cantariam o pastoril. Claudia cantarolou a letra da canção:

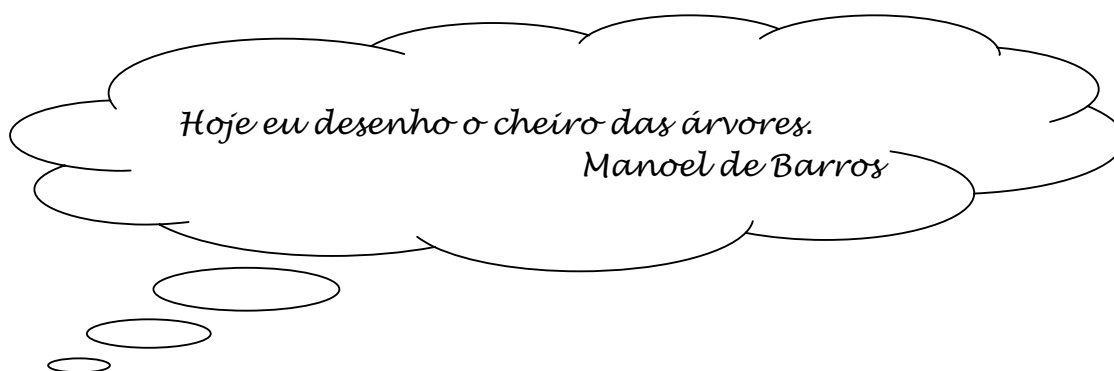
Boa noite, meus senhores todos
Boa noite senhoras também
Somos pastoras, pastorinhas belas
Que alegremente vamos a Belém
Somos pastoras, pastorinhas belas
Que alegremente vamos a Belém

Millo explicou que o pastoril, ao ser criado, era cantado somente por mulheres, que “Era como se fosse uma redenção nessa época.” Combinaram que o pastoril seria cantado por todos, sem distinção por gêneros.

Cantarolando junto a cada um, Millo buscava afinar as vozes, ao mesmo tempo em que produzia, no violão, os acordes que acompanhariam a cantiga.

Tudo foi se encaixando: a cantiga, a música, o bailar dos atores que já não conseguiam apenas afinar a voz para cantar no ritmo certo. Seus corpos se moviam de forma circular, num ir e vir harmonioso, leve. Também não consegui ficar parada, mais parecia que também pertencia ao grupo há tempos. Cantei e dancei com eles.

A diretora parou, imaginou a cena e pediu para que buscassem algumas saias. Fiquei imaginando se ela conseguia desenhar a cena, os movimentos dos atores e atrizes, as sensações, o cheiro em sua mente. Seu olhar dizia que sim...



As saias chegaram: compridas, floridas e muito coloridas. Todos vestiram e já saíram cantando, dançando e balançando suas saias. Belíssimo!

Tiago buscou o surdo, o triângulo, o pandeiro e o chocalho. O Millo orientou o uso dos instrumentos.

Várias possibilidades de canto e sons foram testadas.

Ficou decidido que a abertura do espetáculo seria assim: cantando e dançando o pastoril, desde a entrada do teatro.

Fomos todos ao portão que fica depois do saguão de entrada do teatro para ensaiar. Os testes com os instrumentos e a combinação de seus sons foram feitos.

Uma ideia ia se agregando a outras num caldeirão efervescente e posso dizer que, diante de mim, já se fazia o espetáculo.

Todos os vinte e oito ensaios seguintes se revelaram para mim como momentos de encantamento. A cada novo encontro fui percebendo o quanto cada um daqueles atores e atrizes, além da diretora, se envolvia com a história que lia e, principalmente, com o personagem que interpretava.

O movimento dos corpos: folhas que se inscrevem

Ao pensar em leitura e corpo ou corpo ao ler (e se dar a ler) me vêm à mente duas expressivas imagens.

A primeira, de certa forma, corresponde à imagem da pintura de Renoir, *Les deux sœurs*. A leitura que ocorre tendo o corpo em estado de descanso, acomodado, em entrega total ao objeto que se lê. Leitura silenciosa e solitária em relação a outros corpos.

A outra é movimento. É o movimento do se dar a ler enquanto corpo, voz e texto. Ler para outros, ler com outros, contar as histórias, fazendo do corpo e da voz o próprio texto.

Descobri os corpos que se preparam e se tornam textos.

As folhas de papel, corpos, estavam espalhadas pelo chão. Não estavam em branco; já traziam em si muitas histórias. E comportam muitas outras, que se incorporam, que se mesclam, que se fundem.

Cenário: O sertão. Sol escaldante e ar seco. Deserto. Fome.

As folhas se movimentam, algumas são mais rápidas e outras mais lentas. Inscrevem-se no espaço. Algumas já se tornam curvadas pelo tempo e suas marcas.

Coçam-se, abanam-se.

Têm fome, fome de vida.

Folhas bocejam, espreguiçam. O calor do sol, a imensidão amarelada e solitária traçam o deserto.

Marcas de suor.

Folhas pesadas, arcadas, arrastadas.

Cenário: Prédios, asfalto, floresta de concreto, imensidão desconhecida. Gente que vai e vem. Folhas que vão e vêm. A fome e o roubo.

Folhas que olham assustadas e curiosas, que se dobram, se amassam, se escondem, se perdem em meio a outras folhas.

Folhas ágeis, firmes, leves, sutis.

Movimentos baixos, médios e altos

Movimentos baixos:

As folhas estão espalhadas pelo chão. Se espreguiçam, se encolhem e se acolhem. Ainda que se levantem, continuam rentes ao chão. Buscam o espaço, se encontram e se olham em silêncio. Olhares ausentes: dor, tristeza, desamparo. Olhares abertos: alegria, contentamento, surpresa, malícia. Olhares espremidos: tempo, distância, procura. Folhas que se expandem, leves.

Movimentos médios:

Folhas curvadas, buscando leveza no movimento. Folhas que querem se esticar. Folhas que querem se contrair. Folhas tortas, contorcidas, amassadas. De respiração profunda, cansada. Folhas que se arrastam. Folhas que vão se tornando pesadas, lentas, dispersas.

Movimentos altos:

Folhas que se esticam, procurando a imensidão no próprio corpo. Tentam alcançar o céu. Abrem-se, espalham-se e se juntam. Encontram-se e se perdem em olhares. Buscam o infinito, aquilo que os olhos não enxergam. Olhos de medo e de horror. Folhas que dançam. Folhas que pulam.

Folhas que não respeitam a cena e são altas, médias e baixas.

Fazer ressurgir nos corpos a capacidade de falar, de se dar em textos, de contar uma história. Os corpos em movimentos, em silêncio, deixando-se inscreverem pelas cenas propostas, por outros corpos à volta. A busca do sentido e

do fazer sentir sem o som de uma palavra, pelo corpo, que é palavra porque se dá a entender e quer ser entendido.

...o começo da lição é abrir o livro, num abrir que é, ao mesmo tempo, um convocar. E o que se pede aos que, no abrir-se o livro, são chamados à leitura não é senão a disposição de entrar no que foi aberto. O texto, já aberto, recebe àqueles que ele convoca, oferece hospitalidade. Os leitores, agora dispostos à leitura, acolhem o livro na medida em que esperam e ficam atentos. Hospitalidade do livro e disponibilidade dos leitores. Mútua entrega: condição de um duplo devir. (LARROSA, 2003, p. 139)

Corpo palavra porque é diálogo vivo, interiorizado e exteriorizado, expressando o confronto de vozes interiores e exteriores. Expressa a cena estabelecida e se dirige a outros. Capta outros.

Os corpos em exercício, em movimento, buscando a interação entre vozes - as vozes do texto, as vozes no texto, as vozes dos atores e dos interlocutores - buscando uma espécie rara de comunicação, uma necessidade de se construírem pontes entre todas as vozes.

Os corpos, folhas escritas. Folhas que contavam a história que se tecia na comunhão entre texto e pessoas. Folhas/histórias a serem, e que são, lidas.

Na realidade toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (Bakhtin, 2006, p. 117)

Modos de ler: o texto no papel

As leituras do texto que fizemos pareciam verdadeiros bailes. O papel era o grande salão enfeitado, preparado para a festa; as palavras eram as pessoas que dançavam animadamente.

Fiquei um pouco surpresa no ensaio em que a Claudia sugeriu: “Vamos ler de trás para frente, as ações?”. Nunca pensei em ler um texto do final para o começo.

Confesso que já espiei o final de uma história, principalmente quando era mais jovem e não conseguia conter a ansiedade. Minha primeira sensação, novamente, foi de estranhamento.

Lembrei-me de Pennac, que “esqueceu-se” desta forma de leitura quando listou os “Direitos imprescritíveis do leitor”. Mas, de qualquer forma, sua influência em meu modo de transitar pela leitura me fez disponível a esta nova aventura.

O texto teatral, dividido, foi lido por cenas, da última para a primeira. A intenção era destacar a ação principal que movia cada cena e perceber o elo de ligação, ou melhor, o fato que a gerava. Era como desenrolar um novelo até chegar ao seu início, entendendo que este fio, no texto, representava as ações e reações interligadas, que só tinham sentido se estivessem unidas.

Achei ser esta uma forma muito interessante de entender as ações principais e logo pensei nesta forma de leitura para o preparo de uma história para contá-la.

As ações foram listadas, depois lidas no sentido correto.

Com este exercício de leitura, os atores puderam discutir a ação e a intenção direta de cada personagem. Foi uma leitura daquilo que é explícito no texto, não se traçavam hipóteses que justifiquem as ações, porque se justificavam pelas ações que lhes deram origem. Compreendi, inicialmente, esta necessidade da leitura daquilo que está explícito para assim poder ser apresentado ao público para que este possa dar outros sentidos, formular hipóteses, estabelecer relações ou simplesmente se divertir com o que tem diante de si.

Acredito que meu estranhamento foi percebido, lido. Poucos dias depois, Bruno trouxe um livro para que eu lesse. De certa forma, dentro daquele contexto, já havia compreendido, ainda que basicamente, o que representava aquela leitura ao inverso, porém “Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais”, de David Ball, me situou não somente neste entendimento, como me aproximou da complexidade na escrita de um texto e da intenção do autor para cada palavra que escreve.

O exame dos eventos para trás garante a ausência de lacunas na compreensão do texto. Se for encontrado um evento que não possa ser conectado a um evento anterior, com certeza há um problema a resolver, seja ele do leitor ou do escritor. (BALL, 2006, p. 33)

Conforme os ensaios se encaminharam ao longo dos meses, percebi que esta leitura se consolidou como forma de fazer com que todos se “agarrassem” ao texto, à história. Uma maneira de terem muito bem delineados todos os

acontecimentos a serem representados, a serem dados em leitura ao público durante os espetáculos.

Trago, neste momento, minha experiência leitora como contadora de histórias, anterior à leitura de Ball. Leio o texto e imagino cada acontecimento narrado, como se um filme se passasse em minha mente. Fecho os olhos e imagino novamente. Releio o texto e, nesta releitura, sempre me surpreendo com imagens de acontecimentos da história que foram intensificados pelo filme que eu criei e pelos que se tornaram obscuros, transformados ou até esquecidos.

Ao contar uma história, conto-a conforme a minha leitura do texto, conforme os sentidos que atribuo ao texto e, frequentemente, percebo o quanto altero a história ao contá-la.

Pensando nos dois exercícios de leitura, nas finalidades a que se destinam e nas pessoas envolvidas neles, compreendi minha possibilidade de ler e contar uma história não me preocupando com eventuais alterações ou recriações realizadas, considerando, mesmo com esta recriação, que a sequência narrativa não se perde ou se torna difícil de entender.

Entendi também o seu limite. Mesmo considerando que o momento da leitura – leitor/texto – represente a interação entre as vozes, entre os referenciais de quem lê e as vozes do escrito, durante a leitura compartilhada por vários leitores a multiplicidade de sentidos decorrente desta interação é muito mais ampla e perceptível.

Minha leitura, com a finalidade de contar uma história, de certa forma é solitária, não passa por um aprofundamento de sentidos e de sentimentos que observei e participei durante a montagem de “Sacra Folia”.

Entretanto, o momento do contar a história representa, ainda que indiretamente, o momento de outra interação. Mesmo que nenhum ouvinte se manifeste oralmente, o diálogo é perceptível e cúmplice. Os olhos de contador e ouvinte se comunicam, o corpo do ouvinte responde à leitura, e a voz de quem conta parece ressoar esta interação.

Por outro lado, o ator se limita às ações do texto, às falas da personagem e à própria interpretação ensaiada, quando se dá a ler num espetáculo, pois ainda que ocorra o improviso, tem a responsabilidade de dar “a deixa” para quem com ele contracena. Esta “deixa” tanto pode ser uma ação quanto uma fala. No caso da fala,

um desvio um pouco mais acentuado do texto ou até mesmo seu esquecimento podem dificultar a encenação de outros atores.

Esta situação pouco acontece para quem conta uma história, pois a continuidade do que é narrado não depende de outros, depende somente de quem conta.

Num dos encontros que tivemos, esta preocupação de que todos do grupo dominassem cada ação e cada fala de uma cena e a comparação entre o momento de contar histórias (individualmente) e a dramatização de uma peça pelos atores foi discutida:

Millo: Com a peça é diferente, com a peça tem que acontecer, a gente não pode fugir muito do texto, enfiando muito caco, mas a gente está sempre fazendo, e cada vez que está fazendo tem que fazer como se fosse nova, como se fosse primeira, porque senão a gente não convence quem está, a gente não se convence e não convence quem está vendo. Teatro é isso, cada vez é uma vez nova que está se fazendo, tem que ter aquela vontade nova sempre, senão não tem a mínima graça. É diferente, é lógico que entra um caco ou outro aí, mas a fidelidade no texto tem que acontecer.

Mariangela: No meu caso, eu conto história sozinha, quando eu contei com outra pessoa, eu não podia mudar, porque se eu mudasse, a pessoa se perdia.

Bruno: Aí que vem o improviso. Tem que estar atento aos improvisos, conhecer o fio da meada.

Mariangela: Ah sim, mas dependendo do quanto você muda.

Bruno: É, é mais difícil.

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Já convivíamos há mais de um mês quando Claudia pediu para que lêssemos o texto juntos. Na verdade, o texto era lido/falado em todos os ensaios, com exceção do dia 14/05/2009, quando sentamo-nos ao redor dele. Isto acontecia no mesmo tempo da dramatização, ou seja, cada um com a parte de seu personagem, sendo que, como raramente durante a peça todos os personagens contracenam juntos, muitos não ouviam o texto completamente.

A proposta era para eu ler trechos do texto em voz alta e que todos nós os discutíssemos, num exercício parecido a uma “tertúlia literária”.

Sentamos no chão do palco, em círculo. Propositamente, comecei a ler o texto sem procurar expressar por minha voz ou pela entonação minhas impressões sobre ele. Hoje, não vejo mais sentido nesta postura ao ler. Embora minha intenção fosse a de não influenciar a leitura dos demais

Assim que terminei o primeiro parágrafo, Claudia me olhou. Agora era ela que me olhava com estranhamento.

Cláudia: Gozado, eu não consigo desvincular de imagens que a gente já fez.

Mariangela: Sim.

Nathalie: A do Millo falando "Sacra Folia!".

Claudia: É muito maluco, porque depois que a gente começa a fazer no palco fica muito... O começo das saias girando...

Nathalie: Fica muito automático.

Claudia: É uma coisa assim das saias rodadas e do Millo falando, é uma coisa que parece que fica uma imagem tão forte, mais do que o texto.

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 25/06/2009)

O início do espetáculo já estava montado. Todos entravam cantando o pastoril e, em seguida, Millo narrava o trecho de apresentação lido por mim naquele encontro. Para alguns, o texto já remetia à cena, a imagem já havia se formado para aquela leitura. A cena remetia ao texto.

Bruno, Tula e Tiago seguiram por outras trilhas, buscaram outras memórias para associar ao momento daquela leitura. Construíram narrativas que rememoram fatos vividos.

Bruno: Eu já vejo aquela mulher de óclinho lendo, sua orientadora, você lê igualzinho a ela. Nossa, lembrei na hora da didática, ela pegava os textos, quando ela começava a ler os textos na sala de aula, na frente da gente, nossa é igualzinho, eu lembro daquele oclinho quadrado dela, de aro meio grosso.

Erika: Você começou a procurar coisas...

Bruno: É a mulher...

Mariangela: É verdade, ele começou a procurar em mim coisas dela.

Erika: Exatamente.

Bruno: Não, só de ouvir mesmo, é igualzinho à Maria Rosa lendo.

Tula: Pra mim dá a impressão que é uma mãe contando uma história de Natal para a família em casa, sabe, ou uma avó, enfim, ou uma irmã mais velha, alguém assim chamando "olha, vem cá, eu vou contar uma história pra vocês".

Tiago: Pra mim já passaram algumas imagens diferentes assim, como se fosse um começo de um filme onde, tem muitos filmes que são assim, principalmente filmes mais infantis que contam histórias de aventuras, essas coisas. Mas então, mas pra mim foi passando a imagem, as palavras em forma de legenda em baixo, porque eu nunca assisto filme dublado, e conforme ela vai falando as imagens vão mudando, mas imagens diferentes dessas que a gente está fazendo aqui.

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 25/06/2009)

Conforme líamos o texto, adentrávamos em seu entendimento, percebíamos que seu sentido explícito havia se perdido em alguns momentos, durante os ensaios. Isto não acontecia devido a possibilidades de diferentes criações, mas era resultado de leituras isoladas. Os atores e atrizes preocupavam-se principalmente em decorar as falas do personagem a interpretar, fragmentando o entendimento da história em

sua totalidade e até mesmo desconsiderando algumas características dos personagens.

Bruno: Chega certa hora que você fica tão preocupado em decorar o texto, que não está nem aí para o que acontece na cena.

Claudia: E aí vai cair a ficha depois...

Bruno: Vai cair a ficha depois que você estreou, você fala “nossa, ele fala isso por causa disso.”

Nathalie: Vira um teatro coreografado...

Tula: Ou, às vezes, depois da última apresentação, quando passa alguns dias, que você não vai apresentar mais, você fala “Nossa, porque que eu não percebi tal coisa, eu podia ter feito assim, assim, assim, mas eu não percebi antes”.

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 25/06/2009)

Millo: É uma leitura que leva todos a conhecer a peça de fato, porque a gente não para para fazer uma leitura assim. Deveria, mas a gente não para para fazer. A gente faz a leitura de personagem, tal, e vai indo corrido, e acaba que a gente se preocupa, por exemplo, na hora em que eu estou aqui, como Gabriel, me corrija se eu estiver errado Tula, a gente está lendo, acompanhando, mas eu estou pregado aqui para ver onde que é Gabriel.

Tula: É.

Millo: Até aqui nós sabemos agora qual que é a história do Sacra Folia, de fato. Pode passar o tempo que for, a gente vai saber a história do Sacra Folia. Com o conjunto, se eu estou lendo sozinho, eu leio a história e isso passa um tempo, isso vaza, some, mas lendo desse jeito, todo mundo interpretando, todo mundo dizendo o que achou, como grupo, como peça montada, isso se amarra de um jeito que não vai ser tão cedo que a gente vai esquecer.

Tula: Sem contar que dá para a gente ver as visões que cada um tem...

Milo: Também.

Tula: Porque antes que chegasse num denominador comum, e que muitas vezes nós não chegamos, cada um vê de uma maneira, cada um pensa de uma maneira.

Milo: E depois existe um consenso, aonde que a gente chega a alguns pontos, fala “então vamos aceitar que é assim”, então é um consenso. Tendo consenso, a peça vai fluir. Se o texto vai fluir, a peça vai fluir e os diálogos também vão fluir, dentro deste entendimento.

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Algumas impressões, até então individuais, foram compartilhadas, modificando entendimentos prévios ou transformando-os conforme a discussão se fazia.

Tiago: É por isso que veio um diabo de baixa qualidade, porque eles fizeram só metade...

Nathalie: É que, pensando nisso agora, em determinado ponto, na hora em que ela fala “ ah, se esse cão coxo não serve para o que eu quero, então eu...” acho que ela podia ter brincado, “por isso que não podia parar no meio, olha essa desgraça que veio...”

(...)

Claudia: Agora gente, se ele é tão aquilo que vocês estão falando, ela tem que ser coxa, ela tem que ser manca, ela tem que ser...

Joe: É o que está aqui no texto, é o que está aqui olha, está no texto.
 Claudia: Ela está muito certinha.
 Joe: Olha, "Ao ver um demônio torto, manco, desdentado..."
 Mariangela: "Vira-se e grita de susto ao ver um demônio torto e manco que entra."
 Joe: Não pode ser um diabinho, não...
 Claudia: Ela não pode ser bonita, não, pode sim ser muito mais feia.
 Joe: E também nunca andar sensual...
 (Falas retiradas da transcrição do encontro de 25/06/2009)

Num outro trecho:
 Mariangela: Eu fui romântica, nessa parte, já achei assim... uma relação de amor.
 Bruno: Ele trocou uma mulher por um canivete, você acha que...
 Mariangela: Não, mas essa é outra.
 Bruno: É igualzinha!
 Mariangela: Mas ele fala assim "vamos fazer uma historiazinha paralela", ele quer fazer uma história com ela.
 Tula: Olha a maneira que ele fala, olha só: "Vamos fazer uma "historiazinha", não é "Vamos construir uma história de amor", mas não, é uma "historiazinha", "Vamos ali fazer uma historiazinha e depois tudo bem".
 (Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Apesar de o texto já estar sendo encenado há algum tempo, provavelmente muitos aspectos não foram percebidos, talvez devido à leitura fragmentada, observada por Bruno e por outros integrantes, que se fazia. O grupo ainda teria muitos ensaios pela frente e com isto o aprofundamento se daria.

Ressonâncias:

De que modo se dá a relação leitura e compreensão do que foi lido?

Será que o problema seria mesmo a leitura fragmentada? Ou será que, se tratando da criação de personagens, ou de tirar personagens do papel para lhes dar vida, a questão estava no tempo desta "gestação" e deste "nascimento"?

Durante os dois encontros em que procedemos a esta leitura, cerca de seis horas de leitura e discussão, muitos entendimentos foram alcançados, os quais

refletiram na montagem do cenário, na elaboração do figurino e mesmo na postura dos personagens diante do enredo em que se inseriam.

O resultado da leitura mais atenta do trecho abaixo foi uma interpretação de cada palavra do texto pelo ator. A cena tornou-se uma das mais empolgantes do espetáculo.

Trecho lido: Sai furiosa. Matias fica imaginando o que pode lhe acontecer. Espantado, passa o dedo em riste no pescoço; dramático, golpeia a mão fechada sobre o peito, como se cravasse um punhal no coração; horrorizado, passa a mão fechada sobre o abdômen, como se fizesse haraquiri e finalmente inicia um gesto de castração que interrompe e começa a soluçar. Entra Mateúsa.

Mariangela: Alguém quer falar?

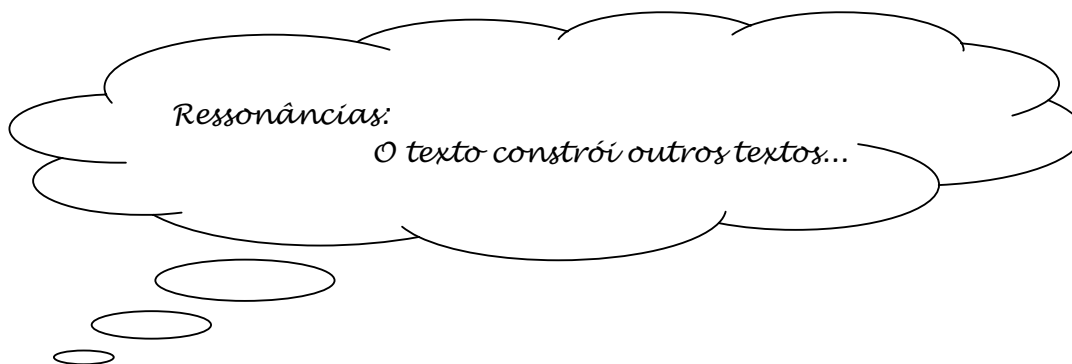
Bruno: Eu nunca reparei que ele fazia tudo isso. Para mim é novidade essa parte do texto.

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Outro aspecto importante foram as relações históricas estabelecidas e observadas. Traços de acontecimentos que afetaram e afetam a história da humanidade, relatados pela literatura, no caso pelo “Sakra Folia”.

Na citação abaixo, do mesmo texto, Luis Alberto de Abreu descreve a matança dos inocentes. Imediatamente relacionamos a narrativa com a chacina da Candelária, no Rio de Janeiro, em julho de 1993. Embora isto não estivesse explícito, nossa correspondência se deu a partir das memórias dos fatos ocorridos na Candelária:

A aldeia de Betânia, perto do rio Jordão, amanheceu como sempre amanhecia: silêncio bom de paz e de sono. Cavalos e soldados entraram a passo lento nessa aldeia, nessa manhã, nessa paz. Em silêncio, as espadas ergueram-se nas mãos e em estrondo de portas arrombadas, de gritos e ordens, as espadas procuraram os inocentes. Nos berços, nos braços das mães, sob as camas, fugindo com passinhos miúdos. Encontraram todos num zás, trás e truz de corte e talho e saíram com a consciência do dever cumprido. E a aldeia de Betânia, perto do rio Jordão, entardeceu naquele dia, marcada inteira de morte, como nunca entardecia. Cruzaram e recruzaram o país e de madrugada chegaram ao rio. Os inocentes, desta vez, dormiam, atrás de um templo, amontoados, um cobertor do outro. A grande cidade também dormia. Então, eles chegaram na velocidade de uma vertigem e frearam os carros bruscamente como quem fecha os olhos. E o canto dos pneus entrou no sonho e os inocentes abriram os olhos para ver a morte. E foi bala e bala, papapá de tiro, olho fechado de homem mirando pontaria em corpo de menino. E, depois, silêncio. E depois do silêncio, as portas bateram com pressa e os carros arrancaram. De manhã, levaram os corpos e lavaram o chão. Eu conto o que fizeram os soldados de Herodes para que não se lave a lembrança. Sim, há um tempo em que homens matam crianças.



A reação de Claudia, assim que terminei a leitura, foi imediata, acompanhada por outros integrantes. Neste parar para a leitura, a crítica de Luis de Abreu foi percebida e discutida e houve o entendimento de que os fatos vêm se repetindo através dos tempos.

Claudia: É, aí ele faz uma crítica do caramba, que é “há um tempo”, que tempo não é, eles estão matando sem parar.

Nathalie: Porque esse “há um tempo” no final, esse “há” é de existir.

Millo: É que isso aqui foi escrito antes dessas coisas piores que a gente andou vendo agora, senão ele escreveria isso de outra forma.

Nathalie: Então, mas esse “há” que ele fala no final é um “há” de algum tempo atrás, é um “Há” de existir, não é?

Mariangela: Sim.

Claudia: Quando que o Abreu escreveu esse texto?

Millo: 1994, por aí.

Nathalie: Então, porque “há um tempo”, assim: já tem um tempo em que homens estão matando crianças e ninguém está fazendo nada. Eu imagino como esse tipo de crítica. Porque esse “há um tempo” não é um “há” de “há um tempos atrás...” é um “Há” de..

Tiago: Eu acho que ele quis dar..

Bruno: Já faz um tempo em que vem se matando crianças.

Mariangela: Há de existe.

Tiago: E também para provocar aquele negócio assim, tipo, hoje... É ruim falar isso para mim, mas dá a impressão que é banal. Porque a gente está tão acostumado a ouvir que nem sempre choca a gente. Então quando ele fala “há um tempo em que homens matam crianças”, quando ele fala dessa maneira aí a pessoa fala “Nossa, verdade, como é que tem gente que tem coragem de matar criança”.

Bruno: E eles falam “matam” no presente, não “matavam”.

Nathalie: Na hora em que ele fala do “homem de olho fechado mirando pontaria em corpo de menino”, isso é covardia das piores, entendeu.

Tiago: É, na verdade, isso foi uma chacina, uma coisa terrível, mas foi só um exemplo.

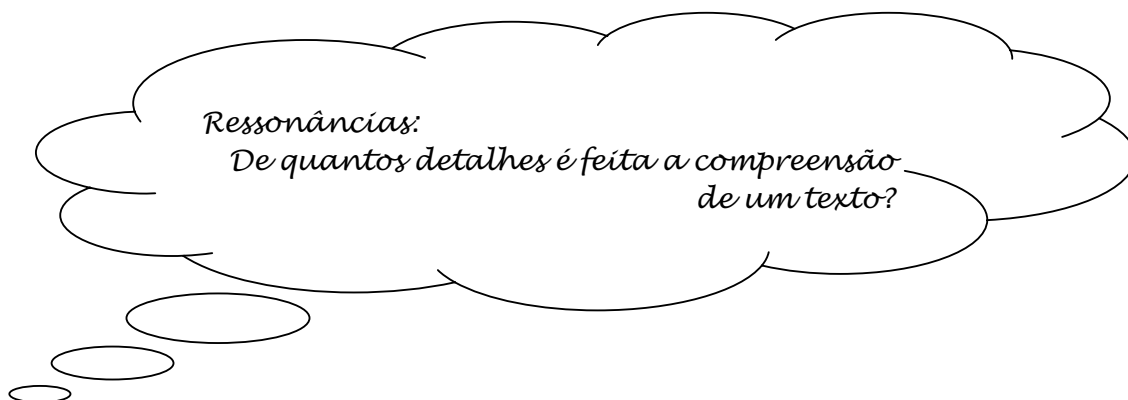
Tula: Um!

Tiago: Um exemplo. E naquele tempo isso já era só um exemplo, porque outras coisas já tinham acontecido e estavam acontecendo e muitas outras cenas aconteceram.

Nathalie: Calma, mas de que tempo você está falando? Da aldeia de Betânia ou...

Tiago: Do presente.

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 25/06/2009)



Conforme nos aprofundávamos na leitura, passamos a buscar mais do que o entendimento do texto em si. Buscávamos o que as palavras unidas queriam nos expressar. Os sentidos iam se aprofundando. Cada vez que alguém comentava algo, era ouvido com atenção e, em seguida, fervilhavam os pensamentos na roda.

Trecho que discute sobre José de Nazaré:

Nathalie: Mas eu acho que a questão do preconceito, eu não descartaria totalmente, haja vista que o anjo vem para usar o outro, que a outra invoca o demo, então eu acho que já está tudo perdido mesmo, deixa a Sagrada Família ser preconceituosa.

Paulo L: É, como aquilo que a gente falou no começo, todos os personagens têm o seu lado bom e seu lado mau, então o defeito de José pode ser esse.

Após a leitura de outro trecho com a Sagrada Família:

Nathalie: Eu acho que aí mostra o preconceito, porque se ele tivesse falado “quando seu filho crescer pede para ele olhar por essa pessoa”, é uma coisa, mas agora “pede para ele olhar por esse lugar”, ou seja, da primeira pessoa que ele viu ele já criou a imagem do lugar todo.

Paulo L: Generalizou tudo. Julgou o todo pela parte. Mas para ele sair do Egito bater perna até chegar aqui, ele deve ter passado por vários lugares. A primeira impressão que eles tiveram do Teité, é a do cara que fala que conhece o sertão como a palma da mão direita [mostrando a mão esquerda].

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Aspectos históricos que justificam as proposições do ator para os trocadilhos nas falas dos personagens são rememorados:

Nathalie: ... é por volta de 1994-1996 (data da escrita do texto), é quando se começa a falar de globalização, hoje se fala muito mais, mas são os primeiros indícios de, assim “Olha, se você não oferecer melhor preço, melhor condição, melhor não sei o que, vai perder”.

Bruno: Então, e naquela época, vamos ver, como é que era o comércio exterior do Brasil? O Brasil era difícil de importar e exportar coisas, o Brasil não tinha esse hábito, e aí quem abriu as fronteiras exatamente foi o

Fernando Henrique Cardoso, tanto é que os “buns” de cursos de administração com ênfase em comércio exterior começaram nessa época.

Nathalie: Sim, por causa do plano real.

Millo: Eu ia falar que isso tudo começou não com o Fernando, foi com o Collor.

Nathalie, Bruno: Sim...

Millo: Globalização é a palavra que a gente ouviu, eu ouvi três vezes em um único discurso. Ele era ligado nisso, e a gente passou o que passou graças a ele, infelizmente aconteceu o que aconteceu. Perdeu o rumo, ou perderam o rumo para ele.

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Quando já estávamos no final da história, nossas discussões nos levaram a fazer várias relações entre ela, a realidade das pessoas e algumas de suas concepções:

Mariangela: Porque ele não está preocupado com riqueza (referência a João Teité), ele quer comer. E é parte que mais lhe afeta, ele quer comer. E durante todo o texto, do começo até o fim, ele bate nessa questão. Então, em nenhum momento, ele desvia daquilo que é o foco, que é o tema que ele trata no texto. Para mim o tema do Teité é a fome.

Tiago: Tanto é sério que nessa hora as outras pessoas ali levam ele a sério. Tanto que faz um silêncio, aí os três, Gabriel, José e Maria, é a hora que eles param para ir discutir a questão. É o que está falando as rubricas aqui. Eles param para discutir a questão: “Espera aí, eu acho que a gente vai ter que discutir isso”.

Mariangela: Isso, exatamente, porque até então eles estavam mais é a fim de acabar com ele.

Bruno: E ele quer para todos, não só para ele.

Tiago: E não levavam ele a sério quando ele...

Mariangela: Só que na hora que ele fala isso, é realmente um tapa na cara. Espera aí, o que está acontecendo? Tem que parar para olhar.

Bruno: E outra coisa, eles falam aqui. Nessa hora ele não fala só nele, ele fala em todo mundo: “Queria ver, pelo menos uma vez, todo mundo comendo com a boca tudo o que só comeu com os olhos!”. Então ele fala todo mundo, não fala só ele.

Mariangela: A realidade que ele disse é a que ele vê. Então para mim ele foi o mais verdadeiro naquilo que...

Tiago: O bom para a gente pensar nesse texto, é que é legal da gente pensar na hora de montar, porque o seguinte: esse texto foi escrito há 12 anos, 13 anos, 15 anos atrás, há 15 anos atrás, e depois daquilo toda a vez que tem eleição você vê os caras falando que vai resolver os problemas sociais, que vai resolver a comida, que vai resolver a questão da segurança, só que até hoje a gente está discutindo uma coisa que há 15 anos atrás já estava cansado de ser discutida.

Tula: E que daqui há 15 anos...

Tiago: E que daqui há 15 anos a gente vai estar discutindo ainda.

Nathalie: Mas é o que você falou daquela fala do começo, que ele fala: “e agora, os dois personagens que a gente só põe porque não tem o que fazer com eles”, é isso na verdade que o Abreu fez o tempo todo, é uma comédia sim, é engraçado, mas o texto todo ele dá lição de moral, ele dá lição de moral de preconceito, ele dá lição de moral de fome...

Mariangela: Para mim, quando ele coloca, a minha visão agora, quando ele coloca a Sagrada Família lá, José e Maria com aquela postura...

Nathalie: Ele coloca para satirizar.

Mariangela: Mas ele coloca não é nem para satirizar não, é para falar assim: “olha aqui, esse negócio de ‘é porque Deus quer’ não é assim”. Porque o que você vê: até hoje a gente vê essas reportagens, “aconteceu tal coisa”, “ah, Deus quis”. Espera aí, não é isso, olha, não dá para ir por essa justificativa, não dá para ir para a justificativa política, não dá para ir para essas questões. A gente tem que começar a pensar e puxar o tapete mesmo daqueles que são os...

Nathalie: A frase que eu me referia é essa daqui: “E por último, o restinho, restinho, restolho, sobranço, o que ninguém quer, mas a lei proíbe de dar fim”. Então eu acho que do mesmo jeito que ele não quer a gente também não quer, mas como a gente não pode matar, a gente põe na peça. Eu acho que do mesmo jeito ele dá vários tapas, a peça toda.

Mariangela: Mas por quê? Por que quem é que João Teité e Matias Cão representam, o quê? Que parte da sociedade?

Nathalie: O povo brasileiro.

Mariangela: Que é aquele que ninguém quer ver. Faz de conta que não está aqui.

Erika: Fecha os olhos...

Mariangela: Faz de conta que...

Nathalie: Não é meu!

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Sei que realizei esta escrita sobre a leitura do texto impregnando-a de indícios que me levaram às reflexões aqui observadas. Estes indícios correspondem a muito mais do que foi dito, mas principalmente em como foi dito, e também àquilo que a convivência enredou. O mesmo aconteceu por parte dos *sujeitos da pesquisa*, os atores. Após a leitura de determinado trecho do texto, Tula e Bruno me interpelaram:

Mariangela (leitura de trecho da história):

Não sei se é briga de sogra com nora ou se tem problema de herança, que é coisa que mais dá desavença.

Eles não são da família. Eles têm parte é com o demo!

Como é que é?

Eles querem matar o menino!

Jesus!

É, esse mesmo! Como é que sabia o nome dele?

Bruno: Acho que a Mari adora essa cena, porque é muito engraçado, você lê o texto totalmente passiva, aí, chegou aqui, você chegou empolgada, acho que é a cena que a Mari mais gosta. Não sei se vocês repararam isso?

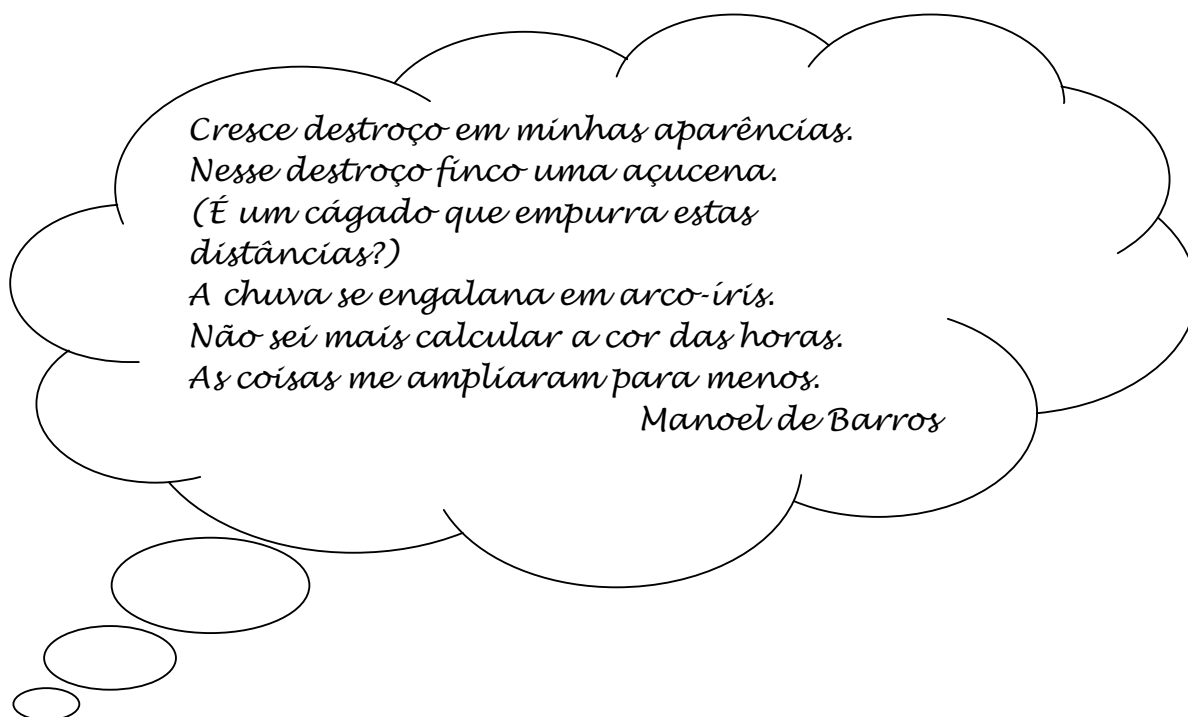
Tula: É! Porque até agora ela estava passiva, não é Bruno?

Bruno: Não, ela estava assim: “eu preciso de uma ajuda”... calminha, agora aqui ela se empolgou, ela começou a entonar, eu pensei “Nossa, que que aconteceu?”; acho que ela gosta dessa parte do texto. Acho que é a parte do texto que você gosta, não é?

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Sem dúvida, este foi um momento muito interessante e especial. Trai-me e deixei-me à mostra, não consegui ficar “fora” do texto ao lê-lo. Minha intenção de

não influenciar os ouvintes me fazia ler sem demonstrar minhas impressões, porém rendi-me ao escrito.



Cresce destroço em minhas aparências.

Nesse destroço finco uma açucena.

(É um cágado que empurra estas distâncias?)

A chuva se engalana em arco-íris.

Não sei mais calcular a cor das horas.

As coisas me ampliaram para menos.

Manoel de Barros

Quando terminamos a leitura, vários comentários sobre a importância de sua realização em grupo foram tecidos:

Tiago: Mari, apesar de a gente ter passado, feito mais batidão essa última parte aqui, eu acho que foi muito válido pra gente e para o processo...

Paulo L.: A gente conseguiu entender muita coisa que estava escondida nas entrelinhas.

Nathalie: Aquela história do preconceito mesmo, eu nunca ia achar que os caras eram preconceituosos.

Paulo L.: Foi que nem o Millo falou no começo, a gente fica decorando e apresentando. Agora, assim que a gente bater o olho no nome Sacra Folia, a gente vai saber de tudo...

(Falas retiradas da transcrição do encontro de 01/07/2009)

Compartilhamos momentos de leitura. Escrevemos uma história.

Todos os momentos em que estive junto ao grupo movimentaram-me a pensar algumas questões:

O que é um encontro?

De que maneira ocorre a formação?

O que é a criação?

Percebo que o encontro nem sempre ocorre no encontro, mas sim nos desencontros, na angústia e no desespero. Talvez seja exatamente no momento do

desencontro que consegui enxergar o encontro e não determiná-lo previamente. A quantos (des) encontros estamos sujeitos a cada instante?

Formação, eterno devir, que vai sendo construído, transformado, recriado. Para Heráclito “Um homem não toma banho duas vezes no mesmo rio”, o rio não é mais o mesmo e nem o homem.

A criação. Onde fica? Ocupa um espaço? Acredito que a criação está conosco desde que se possibilite a ruptura com o determinado, que se abra espaço para o acontecimento, que brinque e dance e cante com ele, embalando as saias da fantasia, lendo na ordem que nem sempre se prevê.

A experiência vivida durante os encontros me lança a um entranhamento com o Poema III, em “O Guardador de Águas:

Nascimento da palavra:

Teve a semente que atravessar panos podres, criames
de insetos, couros, gravetos, pedras, ossarais de peixes,
cacos de vidro etc. – antes de irromper.

Agora está aberto no meio do monturo um grelo pálido.

Não sabemos até onde os podres o ajudaram nessa
obstinação de ver o sol.

Ó absconsos ardores!

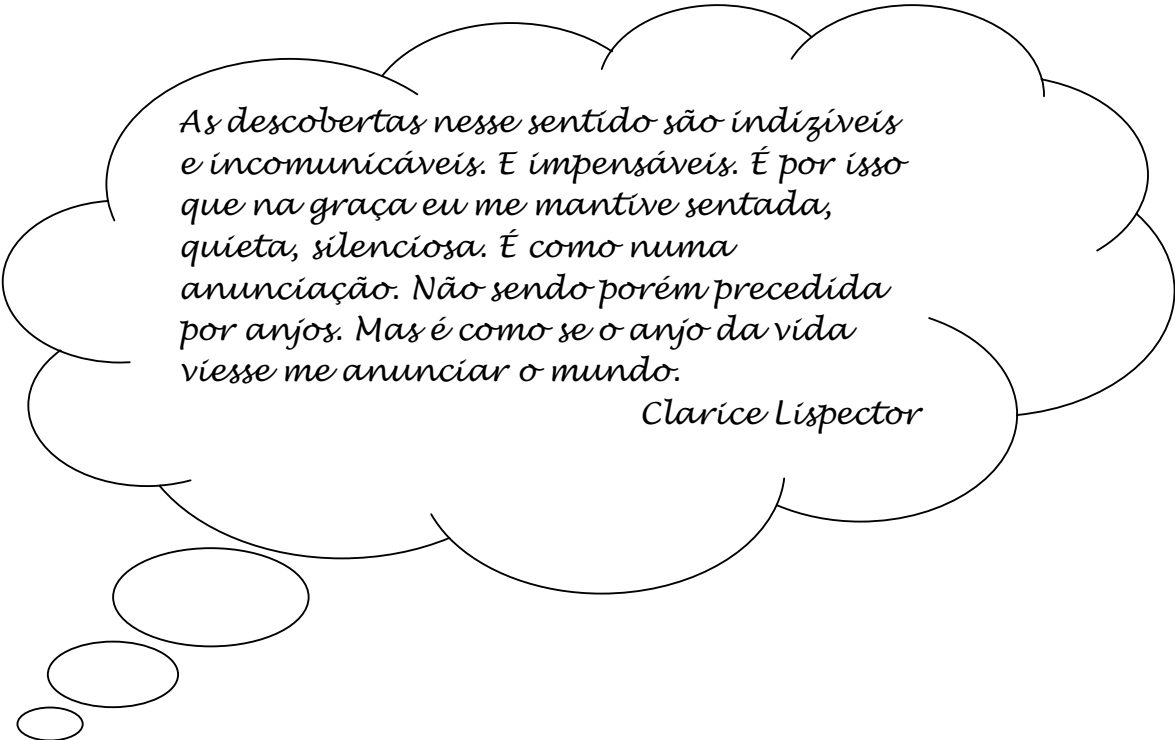
É atro o canto com reentrâncias que sai das escórias
de um ser.

Os nascidos de trapo têm mil escolhas...

P.S. No achamento do chão também foram descobertas as
origens do voo.

Manoel de Barros

Assim como na semente, onde o embrião tem que se libertar de seu invólucro, irromper barreiras até alcançar a luz, a história vivida também rompeu barreiras, desfez modos de pensar arraigados, transformando-os em algo que não se explica com palavras, mas revela a travessia entre a formação e a transformação.



As descobertas nesse sentido são indizíveis e incommunicáveis. E impensáveis. É por isso que na graça eu me mantive sentada, quieta, silenciosa. É como numa anunciação. Não sendo porém precedida por anjos. Mas é como se o anjo da vida viesse me anunciar o mundo.

Clarice Lispector

A história não terminou e talvez nunca termine. É possível que desta história se façam outras e esteja em outras, quem sabe...

CAPÍTULO DOIS – HISTÓRIAS QUE TECEM LEITURA QUE TECE LEITOR E LEITORAS. UM EXERCÍCIO DE FORMAÇÃO (Cena 2)

Ler, ler e ter confiança nos olhos que se abrem, nas cabeças que se divertem, na pergunta que vai nascer e que vai puxar uma outra pergunta.
(Daniel Pennac)



RENOIR, Pierre-Auguste. (1841 – 1919) *Les deux sœurs*. Óleo sobre tela.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/As_duas_irm%C3%A3s> Acesso em 24/01/2010

Histórias que não se dão a ver

O lugar era o Gabinete de Leitura de Rio Claro.

Pretendia, ali, formar um grupo de pessoas dispostas a ler e discutir textos literários, acolhendo a proposta de estudo que delineei; a formação de um grupo era (é) a condição imprescindível para a realização da proposta. Estava, já há algum tempo, à espera de pessoas dispostas a compartilhar uma leitura.

A entrada do Gabinete é por uma escada de madeira não muito larga, com poucos degraus, que se inicia logo ao final da calçada. Portanto, quem entra no prédio o faz de forma um pouco abrupta, pois a sensação é de que a escada se inicia na calçada.

Ao subir os degraus, deparamo-nos com o piso de assoalho e com as estantes de madeira, cuja frente é fechada por vidros. Toda a parede é preenchida por estas estantes. No lado esquerdo, espalhadas pelo salão, ficam prateleiras de metal mais recentes, abarrotadas de livros. Ao centro, ao lado das prateleiras de metal, há uma mesa com algumas cadeiras, onde os jornais do dia ficam à disposição dos leitores.

Foi nesta mesa que me instalei. Considerei ser este um lugar estratégico. Coloquei o livro, um caderno e lápis para minhas anotações, o gravador de voz e um copo com água. Esperei pelos leitores. Esperei.

Logo à frente da mesa e à direita do salão, havia murais com fotos. Fotografias do cotidiano da cidade. Muros, janelas, fios da rede elétrica, “gatos”, ruas, imagens captadas em diferentes ângulos, proporcionando diferentes interpretações.

Parei diante delas. Em silêncio profundo, interiorizado, observei atentamente.

Ali, parada, angustiada pela ausência, pensei nas imagens e em leitura. Quantas leituras aquelas imagens possibilitavam. Quantas imagens a leitura possibilita? O que queria dizer o artista? Eu poderia formular muitas hipóteses, dialogar com as imagens, inventar...

Havia também a fotografia de um tanque de lavar roupas vazio. Nela me demorei especialmente.

Anos atrás estive em Graúna – SP, onde outrora funcionava uma estação de trem. Neste lugarejo, rodeado por morros, rios e riachos, viveram meus avós.

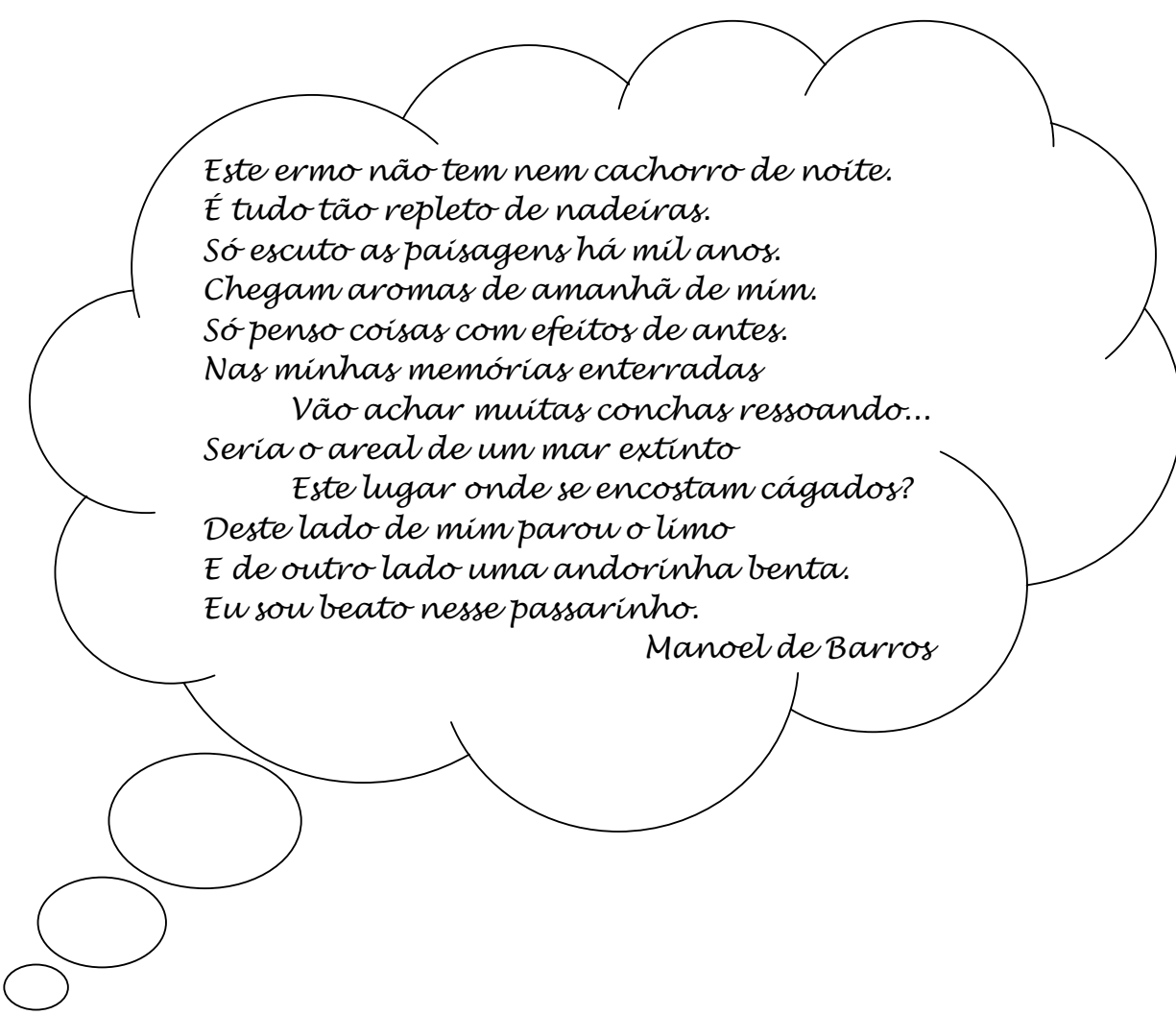
Meu avô era funcionário da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e minha avó era lavadeira de roupas, sendo que a maioria de seus fregueses era de Rio Claro e suas roupas vinham de trem para que minha avó as lavasse e passasse.

Nesta visita, a primeira e única que fiz ao local, já não havia mais a estação tão bem descrita por minha mãe, tios, tias e avós. Também as casas dos funcionários não existiam mais. Tudo havia sido demolido.

Estava com minha mãe e, apesar de o local se parecer mais com um grande pasto, ela foi me levando e descrevendo com exatidão onde ficava cada construção, até que chegamos à sua casa, ou melhor, à lembrança de sua casa.

Em meio ao matagal, ela encontrou o enorme tanque de cimento usado durante anos por sua mãe, único vestígio material da casa onde nascera e vivera até se tornar adulta.

Ela parou diante dele, em silêncio.



*Este ermo não tem nem cachorro de noite.
É tudo tão repleto de nadeiras.
Só escuto as paisagens há mil anos.
Chegam aromas de amanhã de mim.
Só penso coisas com efeitos de antes.
Nas minhas memórias enterradas
Vão achar muitas conchas ressoando...
Seria o areal de um mar extinto
Este lugar onde se encostam cágados?
Deste lado de mim parou o limo
E de outro lado uma andorinha benta.
Eu sou beato nesse passarinho.*

Manoel de Barros



A estação de Graúna, em 1918.
Álbum dos 50 anos da Paulista.
Fonte: <http://estacoesferroviarias.com.br/g/grauna.htm>



Fotos tiradas em nossa visita a Graúna, em julho/2002:
lugar onde antes foi a plataforma da estação.
Fonte: Mariangela Polacchini Zanella (acervo pessoal)



Fotos tiradas em nossa visita a Graúna, em julho/2002:
Em meio às folhagens e aos galhos secos, o tanque de minha avó.
Fonte: Mariangela Polacchini Zanella (acervo pessoal)

Qualquer pessoa que por ali passasse jamais poderia supor para onde e em que tempo aquela imagem do tanque me arremessava.

Aquele momento havia sido pensado por mim para acontecer de outra forma, seria meu primeiro contato com os sujeitos da pesquisa.

Entretanto, o que houve foi uma volta a memórias adormecidas, um encontro com lembranças que não eram exatamente minhas, mas que foram produzidas em mim ao longo do tempo, diante dos relatos de minha avó e de minha mãe, que ganharam vida e se tornaram parte de minha história.

Qual seria a intenção daquele fotógrafo com aquelas imagens? Teria ele ideia das sensações que causaria com elas? Quantos não se prostraram diante delas e também foram arremessados para suas memórias? Quantos não se indignaram com as imagens?

Talvez esteja aí o espaço da invenção do artista ao captar as imagens e a do espectador que pode lhes agregar outros significados, desvencilhar-se delas ou, ainda, reinventá-las e observá-las em seu próprio contexto, em sua própria história, em suas próprias memórias...

Estava imersa em meus pensamentos quando adentraram ao Gabinete duas senhoras. Carregavam grandes sacolas de tecido; percebia-se que estavam pesadas pela forma como foram depositadas no balcão de atendimento. Em seguida, começaram a retirar livros de dentro delas para serem devolvidos.

Continuei observando as imagens do mural e as mulheres.

Logo as duas estavam bem próximas a mim, pois ao lado dos murais havia duas pequenas estantes aramadas com os livros recém adquiridos.

As leitoras manuseavam os livros, liam trechos, discutiam entre si sobre o autor ou autora e separavam os que iriam emprestar.

Fui me aproximando, observando e manuseando os livros das estantes. Esperava a oportunidade certa para iniciar uma conversa, explicar sobre o meu projeto de estudo e convidá-las para compartilharmos algumas leituras. Pensei em falar sobre algum autor, mas as senhoras manuseavam livros de autores que eu não conhecia o suficiente para tecer algum comentário.

Comecei a conversar, temendo perder as leitoras. A conversa iniciou-se tímida, mas aos poucos se tornou prazerosa. Descobri que as senhoras eram irmãs, foram professoras, e que eu conhecia a filha de uma delas, pois se tratava de uma colega de trabalho.

Expliquei sobre o espaço de leitura que gostaria de montar, sobre minha pesquisa, e as duas logo se interessaram pela proposta. Combinamos nos encontrar na próxima semana, visto que uma delas tinha um compromisso assim que saísse dali. Despedimo-nos.

Recolhi os objetos que havia postado sobre a mesa. Fui embora. Mais uma vez estava nas fronteiras da floresta, e nela experimentei o sentimento da solidão e da incerteza. Senti solidão ao não ter ninguém para compartilhar a história que havia escolhido para ler, e incerteza em não saber se contaria realmente com a presença das duas irmãs ou de algum outro leitor na próxima semana.

Na semana seguinte, no horário combinado, eu esperava. Já havia organizado a mesa. Trouxera novamente os contos de Clarice Lispector e de Regina Machado. Faria a sugestão e esperaria que as leitoras decidissem.

Sem atraso, as irmãs chegaram. Conversamos um pouco, apresentei os livros e elas optaram por algum conto de Clarice Lispector, pois há muito tempo não liam esta autora.

Três histórias? Outras histórias...

Lisa, Aline⁵ e eu realizamos a leitura dos contos: “Felicidade Clandestina”, “A criada” e “O grande passeio”, de Clarice Lispector, um em cada um dos três encontros que tivemos.

Confesso que fui tendenciosa e sugestiva ao apresentar os livros de Clarice Lispector em nossos encontros. Imaginava que, diante dos textos de Lispector, seria impossível manterem-se reclusas, mesmo diante de uma estranha. Como o que queria era que se expressassem, não pensei em outra opção.

Com o primeiro texto, “Felicidade clandestina”, minha intenção era a de que revelassem suas experiências enquanto leitoras e que, ao mesmo tempo, fossem surpreendidas pelo conto.

A escolha de “A criada” deu-se porque sempre que leio este conto me vejo diante das trevas e da floresta que somos, naquilo que cada um tem em si e não revela, no que está secreto, enclausurado. Pensamentos que jamais serão

⁵ Nomes fictícios, inspirados na obra de Renoir, que retrata as irmãs Elizabeth e Aline, vestidas em azul e rosa.

revelados; íntimo inacessível. Queria saber como outros reagiriam, o que sentiriam diante da história.

Para nosso terceiro encontro, escolhi o texto “O grande passeio”. O motivo dessa escolha foi a relação que faço entre a descrição de Mocinha e a figura de minha avó, Julia, perante alguns acontecimentos por ela vividos.

Durante os encontros, eu fazia a leitura em voz alta. Lisa e Aline sentavam-se diante de mim, calmas e atentas. Procurava ler de forma bastante tranquila, sem transmitir por minha voz as impressões das leituras que já fizera dos contos, antes daquele momento. Não queria, com meu modo de ler, com entonação ou reações fisionômicas, influenciar a apropriação que faziam do texto. Seguia as pontuações do texto, sem pronunciá-las em demasia, exercício difícil para mim, acostumada a contar histórias movimentando-me e expressando todos os sentimentos aflorados a partir delas.

Ao mesmo tempo em que lia, atentava-me às expressões das duas. Aos momentos em que elas se remexiam, franziam suas testas, arregalavam os olhos e buscavam uma o olhar da outra. Buscava minhas próprias reações, contidas, na fisionomia e nos gestos de Lisa e Aline. Elas não falavam, não interrompiam a leitura, mas expressavam seus sentimentos, diante da história ouvida, por meio de suas feições.

A primeira história lida foi “Felicidade clandestina”. Iniciei a leitura:

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livreria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saúde”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser. Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse ” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde

guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Lisa e Aline ouviam o conto atentas, sem expressar nenhuma emoção, até eu chegar ao momento em que a história faz referência à obra “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato.

Neste instante, no semblante das duas se depositou um leve sorriso e Lisa olhou para Aline, expressando satisfação. Mais tarde, após ter terminado a leitura, as irmãs comentaram⁶:

Aline: Pra mim, na minha infância, o Monteiro Lobato marcou muito nos meus dez, doze anos, eu lia muito, e dá para voltar no tempo. O primeiro que eu li foi *Reinações de Narizinho*.

Lisa: Depois tinha *Emília na Matemática*, tinha toda aquela coleção, a gente lia tudo.

Aline: Eu tenho bastante, não tenho a coleção inteira, mas tenho bastante dele...

Em outra passagem do texto, onde a menina dona do livro exerce sobre a menina leitora certa crueldade ao não emprestar-lhe o livro, Lisa, principalmente, remexia-se na cadeira, deixando nítida sua indignação diante da história. Aline continha seu corpo, porém seu semblante se tornava mais sério. Assim que terminei a leitura, Aline antecipou-se:

Aline: Que sadismo da outra, não?

E a discussão em torno da atitude de uma das personagens prolongou-se:

Lisa: Nossa, que coisa! Ela fez um joguinho, não é? E a reação da menina que recebeu o livro...

Lisa: A outra tinha acesso, mas não usufruía.

Aline: Ela começou a perceber, mas ela tinha já um certo conhecimento da menina da livraria, porque ela vivia sempre tirando, dando um jeito de humilhar, com cartões. Ela conhecia um pouco, mas ela não conhecia tanto, até onde ia o sadismo da outra.

Lisa: Porque até as crianças têm maldade.

Aline: É, um pouquinho sempre têm. Mas, no caso, acho que a menina era assim porque ela não gostava dela mesma.

⁶ As transcrições que se seguem, desta página 47 até a página 51, são referentes ao encontro de 15 de outubro de 2008, quando lemos “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector.

Aline: Acho que ela não era muito feliz.

Aline: E ela tinha o poder de ter os livros. E fazia disto pretexto para que os outros precisassem dela.

Ao final do texto, quando a menina leitora consegue finalmente o livro, Lisa e Aline sorriram, olharam-se de forma cúmplice e menearam suas cabeças, como que concordando com o final da história.

Lisa: E a reação da menina que recebeu o livro?

Aline: Ela sofreu tanto para receber o livro que então ela tinha medo de não ser verdade. Ela ficou com medo de ser feliz.

Lisa: Que coisa, que bonito, viu.

Aline: Quando espera muito, quando espera muito, sem saber o que vai acontecer, quando chega a gente mal acredita, não é? Aí, no caso, a menina, a que queria o livro era, vai ver que era uma leitora em potencial, mas não tinha acesso, não é? E a outra, filha de dono de livraria...

Lisa: Ela foi persistente ali, na vontade de ler...

Aline: É, de conseguir, porque ela não tinha outra maneira de conseguir...

Lisa: É...então, ela foi persistente na vontade de ler. E ela protelou o momento de começar a leitura... (Lisa)

Aline: E ela falou que as palavras mais importantes que ela ouviu foram: "fique com ele o tempo que você precisar...isso foi mais importante do que se eu possuísse o livro".

Aline: Porque ela, enquanto ela tivesse com o livro, eu acho que ela teria felicidade, entendeu? Por isso que ela ia lendo aos poucos, cultivando aos poucos...pra ela foi mais importante isso.

Lisa: Podia ficar usufruindo ele ali, e ela não fazia, você vê? Não foi vorazmente assim, lendo, que coisa, não é, o sentimento dela? O tempo todo com o livro...

Aline: Era pra conviver com o livro.

Lisa: Ela venceu a vontade da outra.

Aline: E depois ficou cultivando a vontade de ler o livro.

Nosso diálogo sobre o conto de Clarice Lispector fez com que Aline e Lisa revelassem histórias de leituras, suas histórias enquanto leitoras e fatos vividos na infância, que determinaram suas formações enquanto leitoras.

Aline e Lisa relataram que não enfrentaram dificuldades para a aquisição dos livros que desejavam ler. A família e a escola se constituíram como fundamentais nesta questão, visto que o pai comprava a maioria dos livros que pediam e a escola onde estudavam possuía biblioteca.

Mariangela: Como vocês veem a dificuldade relatada pela menina para ler o livro *Reinações de Narizinho*, visto que vocês o tiveram sem maiores dificuldades?

Aline: Difícil não ter, não? É difícil não ter o que a gente almeja. Na época nossa, a gente tinha fartura, mas não era também tudo que a gente tinha...

Lisa: Mas o pai comprava livro que pedíamos...

Aline: Mas não era tão impossível... mas sempre comprava... Mas fora isso, tinha a biblioteca na escola também. Daí, quando entrei na quinta série, cada classe tinha a sua, com a literatura adequada para a idade, de onze

anos, doze anos... E a professora de Português punha a gente como bibliotecária por semana; cada dia era uma aluna que era a bibliotecária, então a gente também aprendia a mexer com este outro lado. Marcar a retirada, a entrada, cobrava multa de quem demorava para trazer, a gente também tinha esse outro lado de aprendizagem...

Lisa: É, cada classe tinha sua biblioteca.

Aline: Fora a biblioteca grande. No final do dia, a gente abria a biblioteca e, quem era bibliotecário no dia, ficava servindo os outros. Era super gostoso, eu adorava!

A observação que Aline faz, ao falar do trabalho dos alunos enquanto responsáveis pela biblioteca de classe, revela outra ação importante na formação de leitores: o manuseio do material de leitura.

As irmãs se tornaram professoras e atitudes semelhantes a esta relatada foram mantidas em seus exercícios docentes.

Lisa: E na primeira série, quando eu era professora no Colégio Cândido⁷, a gente tinha um cestão, assim redondo, no fundo. Quando acabava o exercício, eles podiam ir lá folhear, pegavam o livrinho, e eu, como era leitora voraz, queria transmitir que eles também lessem.

Aline: Quando eu trabalhei em sítio, não tinha, então eu levava os que eu tinha em casa. E contava histórias, porque não tinha biblioteca, era só a gente e as crianças. E tudo isso era extrema novidade para eles.

Lisa: Eles tinham vontade de ler, vontade de aprender (referindo-se às crianças do sítio). Justamente, acho, porque não tinham tanto acesso.

Aline: Tudo isto era novidade para eles.

Lisa: Isto foi na fazenda Tripoli, quando eu ainda era solteira. Quando chovia não podia voltar com o carro, não passava.

Aline: A gente dava aula de 1ª a 4ª.

Lisa: Acabou com o carrinho do meu marido. Dava para escrever um livro com estas histórias de nossas vidas. Ah, mas gostei muito deste conto.

Ressonâncias:

*A fazenda, o carrinho do marido...
Que outras histórias poderiam se revelar a
partir desta nossa história?*

Percebe-se também a preocupação de Lisa e de Aline em oferecer livros aos seus alunos, numa iniciativa particular, com seus próprios esforços.

Na fala de Lisa também se revela a preocupação com o momento da leitura coletiva, o momento de o professor ler a história para as crianças.

⁷ Nome fictício para a escola onde Lisa lecionou.

Lisa e Aline perpetuam nas relações familiares as práticas de leitura que desenvolveram desde a infância. Seus relatos me conduzem ao pensamento de que tanto a leitura extensiva quanto a intensiva, conforme propõe Roger Chartier (1996, p.86), permeiam suas práticas.

E nestas relações familiares já não se sabe ao certo quem conduz a leitura de quem: mães e avós ou filhos e netos?

Lisa: Minha neta de 12 anos quis de presente de dia das crianças o livro “Crepúsculo”. Eu queria dar um jogo inteligente, mas ela quis o livro. Ela estava lendo “A menina que roubava livros”.

Aline: Quando meus filhos faziam ginásio e tinham livros para ler, eu dava uma lida porque eles tinham que fazer ficha de leitura.

Lisa: Meu neto acabou de ler “Quando Nietzsche chorou” para a escola, ele está no primeiro ano do EM. Ele leu, mas nós achamos um pouco difícil para ele. Leu também “Carandiru” e levou o filme para eu ver [mostrou aversão ao filme]⁸ e disse: *vó assista para nós conversarmos*, mas parece banho de sangue ali.

Mariangela: Eles leram também “O cão dos Baskervilles”.⁹

Lisa: É, do Conan Doyle.

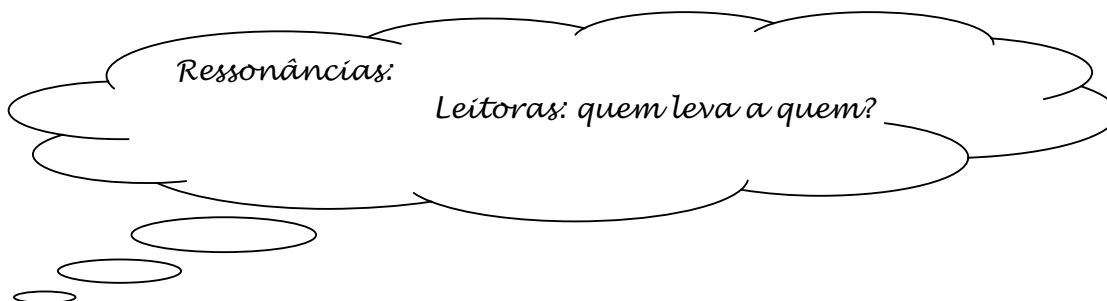
Aline: Eu peguei vários dele aqui.

Lisa: É, e tem o filme também. É, mas é bom eles lerem e é bom a gente se interessar também.

Mariangela: Minha filha assistiu ao filme “Quando Nietzsche chorou”, mas disse que é bem diferente, que o livro é bem mais interessante.

Aline: O livro me interessou tanto que eu não parava de ler.

Lisa: Mas, então, a gente quer também orientar, pois o livro fala de vampiros [referindo-se ao livro “Crepúsculo”]¹⁰.



Nossa conversa sobre experiências com a leitura parecia se esgotar. Porém, tão surpreendente como o final de muitos contos, Lisa revelou sua afinidade com o ato de escrever. As duas irmãs tinham cadernos de contos e poesias; também tive o meu na adolescência. Copiavam nestes cadernos os textos e as poesias que gostavam e depois liam uma para a outra e entre amigas.

⁸ Observação minha. Lisa, ao comentar este episódio, enrugou a face, deixando claro que este gênero cinematográfico não condiz com suas preferências.

⁹ Por ter uma filha estudando no mesmo colégio e ano que o neto de Lisa, pude aprofundar-me no assunto, pois tinha conhecimento das leituras propostas para o ano.

¹⁰ Observação minha.

Lisa: Daí, eu comecei a escrever, fiz um conto para uma revista e pensei: Vou virar escritora! A revista se chamava "Novidade". E então apareceram lá na porta do Colégio Cândido. Um homem me chamou e disse: - Você ganhou o primeiro prêmio, nós vamos publicar. Chamava "Toque de amor" o conto.

Aline: Ela tinha um caderno cheio de contos, então escolheu um daqueles e enviou.

Lisa: É, eu disse: - Vou mandar. Mande datilografar e mandei.

Aline: Eram os anos 60.

Lisa: É, eu estava no ginásio.

Mariangela: Então a senhora gostava de escrever também?

Lisa: Nossa! Minhas redações...

Aline: Ela sempre gostou de escrever. Ela não seguiu a carreira, mas poderia porque tem o dom. Mas não é tarde ainda.

Mariangela: Não, é lógico que não. E é fascinante saber que alguém na juventude tinha um caderno de contos, contos que escrevia.

Aline: Eu tinha cadernos em que eu copiava poesias. E nunca mais vou achar de onde é que eu tirava aquelas poesias, algumas tinham autor, outras não.

Lisa: É, eu também copiava poesias e adorava.

Aline: E depois ficávamos lendo uma para a outra, para as colegas. Uma lia uma, outra lia outra e ficávamos passando o tempo assim.

Lisa: Mas eu gostava mais de histórias mesmo.

Aline: O caderno de contos dela era bem bonito mesmo. A maioria terminava bem.

Em nosso segundo encontro fiz a leitura do conto "A criada":

Seu nome era Eremita. Tinha dezenove anos. Rosto confiante, algumas espinhas. Onde estava a sua beleza? Havia beleza nesse corpo que não era feio nem bonito, nesse rosto onde um doçura ansiosa de doçuras maiores era o sinal da vida.

Beleza, não sei. Possivelmente não havia, se bem que os traços indecisos atraíssem como água atraindo. Havia, sim, substância viva, unhas, carnes, dentes, mistura de resistências e fraquezas, constituindo vaga presença que se concretizava porém imediatamente numa cabeça interrogativa e já prestimosa, mal se pronunciava um nome: Eremita. Os olhos castanhos eram intraduzíveis, sem correspondência com o conjunto do rosto. Tão independentes como se fossem plantados na carne de um braço, e de lá nos olhassem - abertos, úmidos. Ela toda era de uma doçura próxima a lágrimas.

Às vezes respondia com má-criação de criada mesmo. Desde pequena fora assim, explicou. Sem que isso viesse de seu caráter. Pois não havia no seu espírito nenhum endurecimento, nenhuma lei perceptível. "Eu tive medo", dizia com naturalidade. "Me deu uma fome", dizia, e era sempre incontestável o que dizia, não se sabe por quê. "Ele me respeita muito", dizia do noivo e, apesar da expressão emprestada e convencional, a pessoa que ouvia entrava num mundo delicado de bichos e aves, onde todos se respeitam. "Eu tenho vergonha", dizia, e sorria enredada nas próprias sombras. Se a fome era de pão - que ela comia depressa como se pudessem tirá-lo - o medo era de trovoadas, a vergonha era de falar.

Ela era gentil, honesta. "Deus me livre, não é?", dizia ausente. Porque tinha suas ausências. O rosto se perdia numa tristeza impessoal e sem rugas. Uma tristeza mais antiga que o seu espírito. Os olhos paravam vazios; diria mesmo um pouco ásperos. A pessoa que estivesse a seu lado sofria e nada podia fazer. Só esperar.

Pois ela estava entregue a alguma coisa, a misteriosa infante. Ninguém ousaria tocá-la nesse momento. Esperava-se um pouco grave, de coração apertado, velando-a. Nada se podia fazer por ela senão desejar que o perigo passasse. Até que num movimento sem pressa, quase um suspiro, ela acordava como um cabrito recém-nascido se ergue sobre as pernas. Voltava de seu repouso na tristeza.

Voltava, não se pode dizer mais rica, porém mais garantida depois de ter bebido em não se sabe que fonte. O que se sabe é que a fonte devia ser muito antiga e pura. Sim, havia profundidade nela. Mas ninguém encontraria nada se descesse nas suas profundezas - senão a própria profundidade, como na escuridão se acha a escuridão. É possível que, se alguém prosseguisse mais, encontrasse, depois de andar léguas nas trevas, um indício de caminho, guiado talvez por um bater de asas, por algum rastro de bicho. E - de repente - a floresta.

Ah, então devia ser esse o seu mistério: ela descobrira um atalho para a floresta. Decerto nas suas ausências era para lá que ia. Regressando com os olhos cheios de brandura e ignorância, olhos completos. Ignorância tão vasta que nela caberia e se perderia toda a sabedoria do mundo. Assim era Eremita. Que se subisse à tona com tudo o que encontrara na floresta seria queimada em fogueira. Mas o que vira - em que raízes mordera, com que espinhos sangrara, em que águas banhara os pés, que escuridão de ouro fora a luz que a envolvera - tudo isso ela não contava porque ignorava: fora percebido num só olhar, rápido demais para não ser senão um mistério. Assim, quando emergia, era uma criada. A quem chamavam constantemente da escuridão de seu atalho para funções menores, para lavar roupa, enxugar o chão, servir a uns e outros.

Mas serviria mesmo? Pois se alguém prestasse atenção veria que ela lavava roupa - ao sol; que enxugava o chão - molhado pela chuva; que estendia lençóis - ao vento. Ela se arranjava para servir muito mais remotamente, e a outros deuses. Sempre com a inteireza de espírito que trouxera da floresta. Sem um pensamento: apenas corpo se movimentando calmo, rosto pleno de uma suave esperança que ninguém dá e ninguém tira.

A única marca do perigo por que passara era o seu modo fugitivo de comer pão. No resto era serena. Mesmo quando tirava o dinheiro que a patroa esquecera sobre a mesa, mesmo quando levava para o noivo em embulho discreto alguns gêneros da despensa. A roubar de leve ela também aprendera em suas florestas.

As irmãs passaram o tempo todo em que li o conto muito atentas. A narrativa e a descrição da personagem que Lispector vai tecendo neste texto nos conduzem a uma atenção para sua escuta que acontece naturalmente.

Porém, quando iniciei a leitura do último parágrafo, suas fisionomias foram se transformando. Ficaram incrédulas; não podiam imaginar o final da história e realmente se surpreenderam com ele.¹¹

Lisa: Olha que coisa....que figura...

Lisa: Então ela afanava...

¹¹ As transcrições que se seguem, desta página 52 até a página 55, são referentes ao encontro de 22 de outubro de 2008, quando lemos “A criada”, de Clarice Lispector.

Aline: Mas tem um trecho que falava: *honesta*. É porque era aquela simplicidade dela, que ela achava que talvez nem estivesse fazendo alguma coisa errada.

Neste momento reli o trecho citado por Aline, onde a personagem Eremita é caracterizada como gentil e honesta.

Lisa: Mas o que tinha de dinheiro ali, levava...

Aline: ...bastante calma. Como ela levava alguns gêneros alimentícios, algumas sobras...

Lisa: Foi um desfecho diferente, bem diferente do que a gente espera. Eu falava (pensava) é uma pessoa simplória. É interessante...

Lisa: E também não percebiam este lado dela.

Lisa: E também ninguém pensava isto dela...

Aline: Para mim o final foi até frustrante, porque eu pensava em alguém totalmente pura, agora não sei se dentro desta pureza dela ela não enxergava com malícia aquilo que fazia... que para ela era natural, não é...

Lisa: Eu pensei: vai ter um desfecho este conto, vamos ver se ela é mesmo uma pessoa bacana...

Retomamos a descrição realizada pela autora, como forma de entenderem as atitudes da personagem. Porém, o texto de Lispector vai se transformando na medida em que se funde ao nosso próprio texto, às nossas concepções e interpretações.

Aline: Olha que descrição. Esse conto é totalmente um texto descritivo, da aparência e da personalidade.

Aline: É, eu estava com a impressão de que era uma moça bem simples, tímida, envergonhada, que fazia tudo direitinho o que mandavam.

Lisa: Eu estava vendo ela com espinhas no rosto.

Mariangela: Mas será que ela não seria realmente esta pessoa simples, pura, porém que algo a tenha levado por este caminho.

Aline: Pela descrição da autora, não. Não se sabia, porque era uma escuridão dentro de outra escuridão, só penetrando muito profundamente se chegaria a algum ponto de luz.

Mariangela: Mas talvez seja algo que não se atinge...

Aline: O íntimo da pessoa.

Mariangela: O interessante é que ela tinha uma atitude fugidia quando comia o pão, que era dela, mas quando fazia outras coisas, inclusive pegar aquilo que não lhe pertencia, ela era serena.

Aline: Aí dava a impressão que ela fazia naturalmente, mas...

Mariangela: O que podemos pensar nas atitudes é exatamente o contrário que, ao tirar algo, a atitude seja fugitiva e ao comer o que é seu, serena.

Aline: E levar o dinheiro não era certo, agora pegar alguma coisa de comer...

Lisa: Mas tinha que pedir, não é?

Aline: É...

O desfecho da história causou tanta surpresa em Lisa e Aline que elas passaram a retomar trechos do texto como forma de justificarem seus posicionamentos.

Aline: Ela vivia introspectivamente, aparentemente...
 Lisa: Porque não gostava quase de falar...
 Aline: Era um tipo meio selvagem... dá a impressão, porque mergulhava na floresta, quando voltava, fazia o serviço também baseado na natureza, lavava roupa ao sol, o pão ela comia correndo de vergonha
 Aline: Mas também tinha vergonha, que ela falou...
 Aline: Descrevendo uma pessoa pura, como a natureza.
 Aline: Ela era uma incógnita para todo mundo.
 Lisa: Era meio estranha, não é? Ela ficava ausente, e as pessoas não podiam conversar, não podiam falar...
 Aline: Podia ser uma dissimulação...
 Lisa: Ela escapava para a floresta...quer dizer que dali ela gostava... Eu achei muito interessante o final...
 Lisa: E pela descrição as pessoas da casa confiavam nela. Escondia este outro lado dela.
 Aline: Ela fazia como que uma sombra na casa.
 Aline: Será que ela passou fome, pelo jeito como comia o pão?

E também trechos do texto que justificassem o fato de Eremita roubar.

Lisa: Porque você vê como ela voltava da floresta, com o olhar...
 Aline: ...que ninguém penetrava nas profundezas dela, ninguém conseguia alcançar o que ela estava pensando... [completando o pensamento de Lisa]
 Aline: É porque já era da índole dela... Se for uma coisa externa...

Perguntei a elas como entendiam a floresta e a ausência pelas quais Eremita adentrava.

Aline: A floresta não precisa ser exatamente uma floresta, pode ser um outro ambiente. Ela pode já ter passado fome...; de pessoas inadequadas.
 Lisa: A floresta pode ser a rua, um lugar fora da casa, onde ela aprendeu isto (roubar).
 Aline: Que “bichos” ela encontrava quando se punha a refletir...
 Aline: Acho que ela já trouxe alguns maus hábitos da vida pregressa. É, eu achei isto...

Esta discussão sobre a floresta levou a algumas suposições.

Lisa: Porque se ela sabia furtar estas coisas...
 Aline: Porque ela fazia com bastante sutileza, para não chamar a atenção, não é. A única coisa que ela deixava transparecer um pouco do passado dela era o modo de comer o pão.
 Lisa: Ela devia ter tido fome...
 Aline: No resto, era uma atitude sempre discreta.

As suposições nos faziam relacionar o conto com situações cotidianas e pensar em outras possibilidades, como se inventássemos outras histórias.

Lisa: E por que que ela fazia aquilo?

Aline: Nem todo mundo que passa fome ou tem uma infância problemática é levada a roubar.

Aline: Outra leitura. Porque muitas pessoas acham que trabalham, que ajudam então têm o direito também. E neste caso ela poderia pensar nisto naturalmente e não como se estivesse roubando. Porém levar o dinheiro já era um pouco estranho.

Mariangela: Se pensarmos na floresta como sendo o íntimo da pessoa e não como aquilo que ela tenha vivido, então podemos pensar que ela fazia aquilo não necessariamente porque passou fome. Agora se pensarmos na floresta como uma coisa externa, neste caso já temos duas possibilidades que a Clarice nos ofereceu para pensar.

Lisa: E mesmo o exterior da casa, já são situações que ela vivia. Já é outra linha de pensamento...

Aline: Pode ser que na floresta dela ela achasse que isto não tinha nada de mais, que ela achasse que já que estava trabalhando tinha o direito de levar.

Mariangela: E já é outra leitura...

Conforme íamos discutindo, retomando o texto, fazendo suposições, o entendimento sobre ele e a aceitação do desfecho da história se modificavam.

Lisa: Foi um desfecho diferente, bem diferente do que a gente espera. Eu falava (pensava) é uma pessoa simplória. É interessante...

Aline: Muito original (o conto), nos matou!

Aline: É como quando lemos um suspense: apostamos tudo em uma pessoa e de repente é alguém que a gente não espera.

Aline: Este conto leva a bastantes caminhos, a vários pensamentos.

Mariangela: E isto porque estamos somente nós três, porque imaginem se tivesse outras pessoas...quantas outras possibilidades...

Lisa: Porque ela deixou para cada um imaginar a moça e o que se passava com ela. E ela levou páginas escrevendo e deixou para o desfecho...

Aline: Poucas linhas...

Mariangela: Em cinco linhas ela puxou nosso tapete...

Lisa: Quando acabou eu pensei: Meu Deus, ela pega coisas lá...

Neste dia, as últimas frases de Aline e Lisa sobre a história de Eremita foram:

Aline: E ela chamar Eremita...

Lisa: Até o nome era estranho...

Em nosso último encontro li o conto "O grande passeio":

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as

marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro. Quando lhe perguntavam o nome, dizia com a voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação:

- Mocinha.

As pessoas sorriam. Contentes pelo interesse despertado, explicava:

- Nome, nome mesmo, é Margarida.

O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara. Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido. Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um tênue veludo branco. Quando lhe davam alguma esmola davam-lhe pouca, pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito. Quando lhe davam cama para dormir davam-na estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume. Ela também não agradecia muito: sorria e balançava a cabeça.

Dormia agora, não se sabia mais por que motivo, no quarto dos fundos de uma casa grande, numa rua larga cheia de árvores, em Botafogo. A família achava graça em Mocinha mas esquecia-se dela a maior parte do tempo. É que também se tratava de uma velha misteriosa. Levantava-se de madrugada, arrumava sua cama de anão e disparava lépida como se a casa estivesse pegando fogo. Ninguém sabia por onde andava. Um dia uma das moças da casa perguntou-lhe o que andava fazendo. Respondeu com um sorriso gentil:

- Passeando.

Acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear. Mas era verdade. Mocinha nascera no Maranhão, onde sempre vivera. Viera para o Rio não há muito, com uma senhora muito boa que pretendia interná-la num asilo, mas depois não pudera ser: a senhora viajara para Minas e dera algum dinheiro para Mocinha se arrumar no Rio. E a velha passeava para ficar conhecendo a cidade. Bastava aliás uma pessoa sentar-se num banco de uma praça e já via o Rio de Janeiro.

Sua vida corria assim sem atropelos, quando a família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais. De algum modo tinham razão. Todos lá eram muito ocupados, de vez em quando surgiam casamentos, festas, noivados, visitas. E quando passavam atarefados pela velha, ficavam surpreendidos como se fossem interrompidos, abordados com uma pancadinha no ombro: "olha!". Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo. Sobretudo o sorriso permanente, embora a moça compreendesse tratar-se de um ricto inofensivo. Talvez por falta de tempo, ninguém falou no assunto. Mas logo que alguém cogitou de mandá-la morar em Petrópolis, na casa da cunhada alemã, houve uma adesão mais animada do que uma velha poderia provocar.

Quando, pois, o filho da casa foi com a namorada e as duas irmãs passar um fim-de-semana em Petrópolis, levou a velha no carro.

Por que Mocinha não dormiu na noite anterior? À idéia de uma viagem, no corpo endurecido o coração se desenferrujava todo seco e descompassado, como se ela tivesse engolido uma pílula grande sem água. Em certos momentos nem podia respirar. Passou a noite falando, às vezes alto. A excitação do passeio prometido e a mudança de vida, de repente aclaravam-lhe algumas idéias. Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão – se ele tivesse vivido no tráfego do Rio de Janeiro, aí mesmo é que morria atropelado. Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido. Só relembrava o marido em

mangas de camisa. Mas não era possível, estava certa de que ele ia à repartição com o uniforme de contínuo, ia a festas de paletó, sem falar que não poderia Ter ido ao enterro do filho e da filha em mangas de camisa. A procura do paletó do marido ainda mais cansou a velha que se virava com leveza na cama. De repente descobriu que a cama era dura.

- Que cama dura, disse bem alto no meio da noite.

É que se sensibilizara toda. Partes do corpo de que não tinha consciência há longo tempo reclamavam agora a sua atenção. E de súbito – mas que fome furiosa! Alucinada, levantou-se, desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardava secretamente há dois dias. Comeu o pão como um rato, arranhando até o sangue os lugares da boca onde só havia gengiva. E com a comida, cada vez mais se reanimava. Conseguiu, embora fugazmente, Ter a visão do marido se despedindo para ir ao trabalho. Só depois que a lembrança se desvaneceu, viu que esquecera de observar se ele estava ou não em mangas de camisa. Deitou-se de novo, coçando-se toda ardente. Passou o resto da noite nesse jogo de ver por um instante e depois não conseguir ver mais. De madrugada adormeceu.

E pela primeira vez foi preciso acordá-la. Ainda no escuro, a moça veio chamá-la, de lenço amarrado na cabeça e já de maleta no chão. Inesperadamente Mocinha pediu uns instantes para pentear os cabelos. As mãos trêmulas seguravam o pente quebrado. Ela se penteava, ela se penteava. Nunca fora mulher de ir passear sem antes pentear os cabelos.

Quando enfim se aproximou do automóvel, o rapaz e as moças se surpreenderam com seu ar alegre e com os passos rápidos. "Tem mais saúde do que eu!", brincou o rapaz. À moça da casa ocorreu: "E eu que até tinha pena dela".

Mocinha sentou-se junto da janela do carro, um pouco apertada pelas irmãs acomodadas no mesmo banco. Nada dizia, sorria. Mas quando o automóvel deu a primeira arrancada, jogando-a para trás, sentiu dor no peito. Não era só por alegria, era um dilaceramento. O rapaz virou-se para trás:

- Não vá enjoar, vovó!

As moças riram, principalmente a que se sentara na frente, a que de vez em quando encostava a cabeça no ombro do rapaz. Por cortesia, a velha quis responder, mas não pôde. Quis sorrir, não conseguiu. Olhou para todos, com olhos lacrimojantes, o que os outros já sabiam que não significava chorar. Qualquer coisa em seu rosto amorteceu um pouco a alegria da moça da casa e deu-lhe um ar obstinado.

A viagem foi muito bonita.

As moças estavam contentes, Mocinha agora já recomeçara sorrir. E, embora o coração batesse muito, tudo estava melhor. Passaram por um cemitério, passaram por um armazém, árvore, duas mulheres, um soldado, gato! Letras – tudo engolido pela velocidade.

Quando Mocinha acordou não sabia mais aonde estava. A estrada já havia amanhecido totalmente: era estreita e perigosa. A boca da velha ardia, os pés e as mãos distanciavam-se gelados do resto do corpo. As moças falavam, a da frente apoiara a cabeça no ombro do rapaz. Os embrulhos despencavam a todo instante.

Então a cabeça de Mocinha começou a trabalhar. O marido apareceu-lhe de paletó – achei, achei! – o paletó estava pendurado o tempo todo no cabide. Lembrou-se do nome da amiga de Maria Rosa, daquela que morava defronte. Elvira, e a mãe de Elvira até era aleijada. As lembranças quase lhe arrancavam uma exclamação. Então ela movia os lábios devagar e dizia baixo algumas palavras.

As moças falavam:

- Ah, obrigada, um presente desses eu rejeito!

Foi quando Mocinha começou finalmente a não entender. Que fazia ela no carro? Como conhecera seu marido e aonde? Como é que a mãe de Maria Rosa e Rafael, a própria mãe deles, estava no automóvel com aquela gente? Logo depois acostumou-se de novo.

O rapaz disse para as irmãs:

- Acho melhor não pararmos defronte, para evitar histórias. Ela salta do carro, a gente ensina aonde é, ela vai sozinha e dá o recado de que é para ficar.

Uma das moças da casa perturbou-se: receava que o irmão, com uma incompreensão típica de homem, falasse demais diante da namorada. Eles não visitavam mais o irmão de Petrópolis, e muito menos a cunhada.

- É sim, interrompeu-o a tempo antes que ele falasse demais. Olha, Mocinha, você entra por aquele beco e não há como errar: na casa de tijolo vermelho, você pergunta por Arnaldo, meu irmão, ouviu? Arnaldo. Diz que lá em casa você não podia mais ficar, diz que na casa de Arnaldo tem lugar e que você até pode vigiar um pouco o garoto, viu...

Mocinha desceu do automóvel, e durante um tempo ainda ficou de pé mas pairando entontecida sobre as rodas. O vento fresco soprava-lhe a saia comprida por entre as pernas.

Arnaldo não estava. Mocinha entrou na saleta onde a dona da casa, com um pano contra pó amarrado na cabeça, tomava café. Um menino louro – decerto aquele que Mocinha deveria vigiar – estava sentado diante de um prato de tomates e cebolas e comia sonolento, enquanto as pernas brancas e sardentas balançavam-se sob a mesa. A alemã encheu-lhe o prato de mingau e aveia, empurrou-lhe na mesa pão torrado com manteiga. As moscas zuniam. Mocinha estava fraca. Se bebesse um pouco de café quente talvez passasse o frio no corpo.

A mulher alemã examinava-a de vez em quando em silêncio: não acreditara na história da recomendação da cunhada, embora "de lá" tudo fosse de se esperar. Mas talvez a velha tivesse ouvido de alguém o endereço, até num bonde, por acaso, isso às vezes acontecia, bastava abrir um jornal e ver que acontecia. É que aquela história não estava nada bem contada, e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-la sozinha na saleta, com o armário cheio de louça nova.

- Preciso antes tomar café, disse-lhe. Depois que meu marido chegar, veremos o que se pode fazer.

Mocinha não entendeu muito bem, pois ela falava como gringa. Mas entendeu que era para continuar sentada. O cheiro de café dava-lhe vontade, e uma vertigem que escurecia a sala toda. Os lábios ardiam secos e o coração batia todo independente. Café, café, olhava ela sorrindo e lacrimejando. A seus pés o cachorro mordía a própria pata, rosnando. A empregada, também meio gringa, alta, de pescoço muito fino e seios grandes, trouxe um prato de queijo branco mole. Sem uma palavra, a mãe esmagou bastante queijo no pão torrado e empurrou-o para o lado do filho. O menino comeu tudo e, com a barriga grande, agarrou um palito e levantou-se:

- Mãe, cem cruzeiros.

- Não. Para quê?

- Chocolate.

- Não. Amanhã é que é Domingo.

Uma pequena luz iluminou Mocinha: Domingo? Que fazia naquela casa em vésperas de Domingo? Nunca saberia dizer. Mas bem que gostaria de tomar conta daquele menino. Sempre gostara de criança loura: todo menino louro se parecia com o Menino Jesus. O que fazia naquela casa? Mandavam-na à toa de um lado para outro, mas ela

contaria tudo, iam ver. Sorriu encabulada: não contaria era nada, pois o que queria mesmo era café.

A dona da casa gritou para dentro, e a empregada indiferente trouxe um prato fundo, cheio de papa escura. Gringos comiam muito de manhã, isso Mocinha vira mesmo no Maranhão. A dona da casa, com seu ar sem brincadeiras porque gringo em Petrópolis era tão sério como no Maranhão, a dona da casa tirou uma colherada de queijo branco, triturou-o com o garfo e misturou-o à papa. Para dizer a verdade, porcaria mesmo de gringo. Pôs-se então a comer, absorta, com o mesmo ar de fastio que os gringos do Maranhão têm. Mocinha olhava. O cachorro rosnava às pulgas.

Afinal Arnaldo apareceu em pleno sol, a cristaleira brilhando. Ele não era louro. Falou em voz baixa com a mulher, e depois de demorada confabulação, informou firme e curioso para Mocinha:

- Não pode ser não, aqui não tem lugar não.

E como a velha não protestasse e continuasse a sorrir, ele falou mais alto:

- Não tem lugar não, ouviu?

Mas Mocinha continuava sentada. Arnaldo ensaiou um gesto. Olhou para as duas mulheres na sala e vagamente sentiu o cômico do contraste. A esposa esticada e vermelha. E mais adiante a velha murcha e escura, com uma sucessão de peles secas penduradas nos ombros. Diante do sorriso malicioso da velha, ele se impacientou:

- E agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? Volta para a casa de minha mãe, chega lá e diz: casa de Arnaldo não é asilo, viu? Aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu!

Mocinha pegou no dinheiro e dirigiu-se à porta. Quando Arnaldo já ia se sentar para comer, Mocinha reapareceu:

- Obrigada, Deus lhe ajude.

Na rua, de novo pensou em Maria Rosa, Rafael, o marido. Não sentia a menor saudade. Mas lembrava-se. Dirigiu-se para a estrada, afastando-se cada vez mais da estação. Sorriu como se pregasse uma peça a alguém: em vez de voltar logo, ia antes passear um pouco. Um homem passou. Então muita coisa muito curiosa, e sem interesse, foi iluminada: quando ela era ainda uma mulher, os homens. Não conseguia Ter uma imagem precisa das figuras dos homens, mas viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos. A sede voltou-lhe, queimando a garganta. O sol ardia, faiscava em cada seixo branco. A estrada de Petrópolis é muito bonita.

No chafariz de pedra negra e molhada, em plena estrada, uma preta descalça enchia uma lata de água.

Mocinha ficou parada, espreitando. Viu depois a preta reunir as mãos em concha e beber.

Quando a estrada ficou de novo vazia, Mocinha adiantou-se como se saísse de um esconderijo e aproximou-se sorrateira do chafariz. Os fios de água escorreram geladíssimos por dentro das mangas até os cotovelos, pequenas gotas brilharam suspensas nos cabelos.

Saciada, espantada, continuou a passear com os olhos mais abertos, em atenção às voltas violentas que a água pesada dava no estômago, acordando pequenos reflexos pelo resto do corpo como luzes.

A estrada subia muito. A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e sua muito. Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.

Durante a leitura deste conto, Aline e Lisa mostravam-se incrédulas nos trechos onde a personagem Mocinha era tratada com frieza ou esquecimento. Olhavam uma para a outra, meneavam suas cabeças em sinal de não concordarem com o que ouviam, remexiam-se e franziam suas testas.

Mal acabei de ler o conto e já se pronunciaram.¹²

Lisa: Ai, que dó, eu pensei que ela tivesse dormido, eu queria que ela dormisse...

Aline: Eu já estava esperando. Desde a noite anterior que ela sonhou, sonhou não, pensou, pensou muito nos filhos, nos mortos dela. E as falhas de memória...

Suas falas irromperam como se estivessem presas e necessitassem de liberdade, de expressão. A impressão que tive foi que Aline e Lisa precisavam das palavras como forma de retirar de si, por meio delas, toda a angústia que sentiram durante o conto.

As irmãs retomaram vários trechos do texto, comentando-os.

Algumas falas de Aline e Lisa refletem o quanto consideraram indiferentes as atitudes dos personagens que conviveram com Mocinha na história:

Aline: Porque nunca ninguém chegou a conhecê-la de verdade. Ela passava pela vida dos outros, não é?

Lisa: Não a consideravam nem parente. Porque a mandavam um para casa de outro. E aquele do carro, que malcriado, nem levar até a porta, deixou-a no beco...

Aline: E ela já foi trazida da terra dela por caridade.

Lisa: Do Maranhão, não é? A mulher também a largou, deu um dinheirinho e a largou. Um a empurrava para o outro, um empurra-empurra...

Mariangela: E ser tratada por caridade.

Aline: Não, ela não tinha mais parentes. Eram estranhos. Eles a acharam na rua. Depois mandaram para o outro porque ele também tinha lugar lá [na casa dele] e ele que fique com ela um pouco. E a alemã não lhe ofereceu nada... todo mundo comendo...

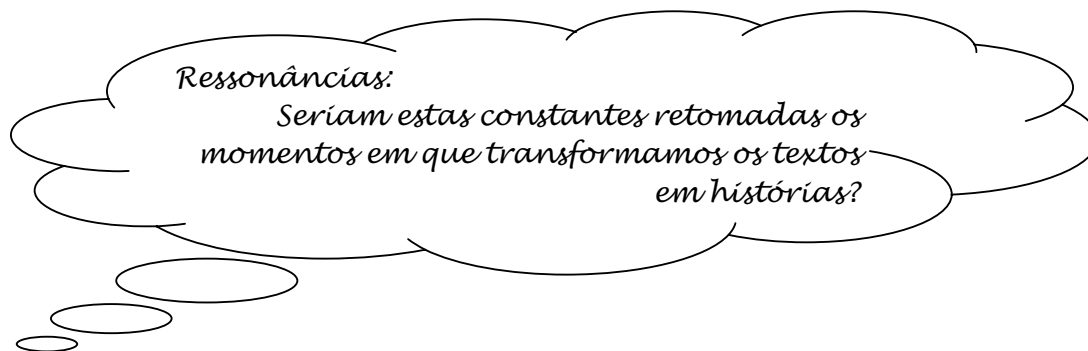
Aline: Nem a empregada que era uma pessoa mais simples teve nenhuma atitude...

Lisa: ...de oferecer nada. E ela ficou ali sentadinha, esquecida, esperando o cara voltar e falar que a minha casa não é asilo.

Aline: E o outro falou: - Bate e fala que nós mandamos a senhora ficar morando aí...

Lisa: ...que tem lugar.

¹² As transcrições que se seguem, desta página 60 até a página 63 são referentes ao encontro de 05 de novembro de 2008, quando lemos "O grande passeio", de Clarice Lispector.



Outros são retomados como forma de compreender a situação da personagem:

Lisa: E depois, ela comia pão velho, acho que era mal alimentada.
 Aline: Na casa lá, praticamente, ela só dormia. E tudo que davam para ela era bem refugio mesmo. O cantinho para ela dormir, a caminha...
 Lisa: ...cama estreita...
 Mariangela: O texto diz: *quando me davam alguma esmola davam-me pouca...* Ela era pequena e achavam que ela não precisava comer muito...
 Aline: Como uma pessoa vai avaliar isto, não é?
 Lisa: É para não ter preocupação, dá qualquer coisa e pronto.
 Mariangela: *Quando davam-lhe cama para dormir, davam-lhe estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume* então como se dá esse olhar para alguém e achar que pode ser assim ou daquele jeito.
 Mariangela: A questão é que a Mocinha ficou destituída de muitas coisas: da família, de lugar...
 Lisa: Se afastou de tudo, não é, coitada...
 Aline: Foi a conscientização da situação dela. Ela se conscientizou que era uma pessoa assim... um encosto...
 Lisa: De mais, não é?
 Aline: De mais na vida dos outros. Na realidade ela nem ficava atrapalhando na casa. Ela incomodava quando aparecia de vez em quando. Mas ela saía de manhã e voltava à noite, não é?
 Mariangela: Ela não fazia diferença...
 Aline: Talvez se ela tivesse ficado lá no Maranhão, no meio de gente mais conhecida, mas aquela pessoa resolveu trazê-la para colocar na vida, se ainda fosse para morar com ela tudo bem.
 Mariangela: Trouxe, mas deixou...
 Aline: Para arranjar um asilo, mas não deu certo. E abandonou à própria sorte. Talvez devesse ter levado de volta.

Os momentos precedentes à morte da personagem foram resgatados. De certa forma, Aline e Lisa exprimiam em suas falas que a personagem já estava prevendo o momento de sua morte.

Aline: Sem direito a escolha de nada. Ela devia ser sempre lúcida, mas nesta última noite, que avisaram que ela faria a viagem, ela já começou a fazer o grande passeio.
 Mariangela: É, provavelmente, o grande passeio dela já começou na noite anterior.
 Aline: Ela quase não dormiu.

Lisa: Você viu que ela teve dor no corpo... o colchão... Ela viu a realidade, porque antes ela nem notava o colchão duro.
 Aline: Ela nem bem saiu e já teve dor no peito. Onde a colocavam estava bom, mas naquela noite ela sentiu tudo.
 Mariangela: Ela sentiu tudo que não sentia antes: fome...
 Aline: Era bem de manhã, eles saíram bem cedinho...
 Aline: E ela louca por um café, não é, coitada...
 Mariangela: E isto nos vai levando a uma angústia. Porque a gente se coloca no lugar daquela mulher que precisa de algo...
 Lisa: ...de café, de um café para me esquentar...
 Aline: Mas ela já estava sentindo o frio da morte...
 Lisa: E vê-se que ela não tinha mais nem ânimo. Ela se distanciou da estação, pegou a estrada, ela não sabia que rumo tomar.
 Aline: Porque era o passeio.
 Lisa: É, era o passeio...
 Mariangela: O grande passeio...
 Aline e Lisa: O final!
 Lisa: Porque a estrada era uma estrada e ela achou mais bonito que o Rio de Janeiro...
 Lisa: E morreu sozinha lá na estrada, quietinha, sem dar trabalho a ninguém.

Lembro-lhes que houve um momento em que Mocinha toma uma decisão na história.

Mariangela: Mas ela fez a escolha. Ela escolheu entre voltar para o trem ou dar o passeio.

Aline e Lisa lembram o texto:

Lisa: Ela foi se afastando da estação...
 Aline: ...foi indo bem longe...
 Aline: Então ela decidiu ir em frente para seguir outro caminho. E esse caminho foi a morte.
 Aline: É, porque ela pensou: não posso voltar para casa porque disseram: - Vai para lá que lá tem lugar. Chegando lá disseram que não, que era para ela ir embora porque lá também não tinha, e ela resolveu escolher outro lugar. O texto é triste, duro, mas real. Este texto foi bem para balançar a gente.

Conforme conversávamos, lembrei-me da história de Hans Christian Andersen, "A pequena vendedora de fósforos".

Mariangela: Tem uma história do Andersen, não sei se vocês a conhecem, "A vendedora de fósforos"?
 Lisa: Sim, nossa, era da nossa infância, da minha infância...
 Mariangela: Além de achar o conto bastante profundo e que remete a questões sociais e humanitárias em relação a todos, não precisa ser idoso, não precisa ser novo, criança, homem, mulher. E este tipo de relação eu percebo que está cada vez mais se deteriorando. Assim, quando eu li este conto, logo me remeteu à história do Andersen: é uma menina, mas, que de certa forma, sofre tudo isto.

Aline: Ela só podia voltar para casa se ela vendesse todos os fósforos...

Lisa: E era noite de Natal, ela olhava pela janela. Era triste, eu chorava...

Aline: E ela não tinha conseguido vendê-los, então foi acendendo um a um...

Mariangela: Até que ela encontra a avó, que a leva para o céu, e o céu era a morte. Ela se despediu da vida e se despedir da vida era se despedir de tudo aquilo que ela passava: a fome, o frio, o descaso, a sensação de não ser amada. Ela se despede de toda esta situação, não é? E a Mocinha me lembra muito a menina dos fósforos. Parece que vejo muito mais a menina dos fósforos do que a Mocinha...

Lisa: E veja cada coisa que ela lembrava: do paletó, do marido em manga de camisa... flashes que ela tinha.

Aline e Lisa refletiram sobre suas próprias atitudes, suas concepções de mundo, relacionando fatos narrados com fatos vividos. Embora a fala seja de Lisa, a atitude rememorada e relatada abaixo corresponde a uma vivência de ambas as irmãs.

Lisa: Rejeitada...foram renascendo aqueles pensamentos que ela já não tinha...que triste...que rejeitada. Ainda bem que cuidei de meu avô de 92 anos... Ainda bem que a gente cuida dos parentes. Que triste não, que gente seca...

Lisa, finalizando nosso encontro, olhou com seriedade e disse:

- Lições. Lições de vida.

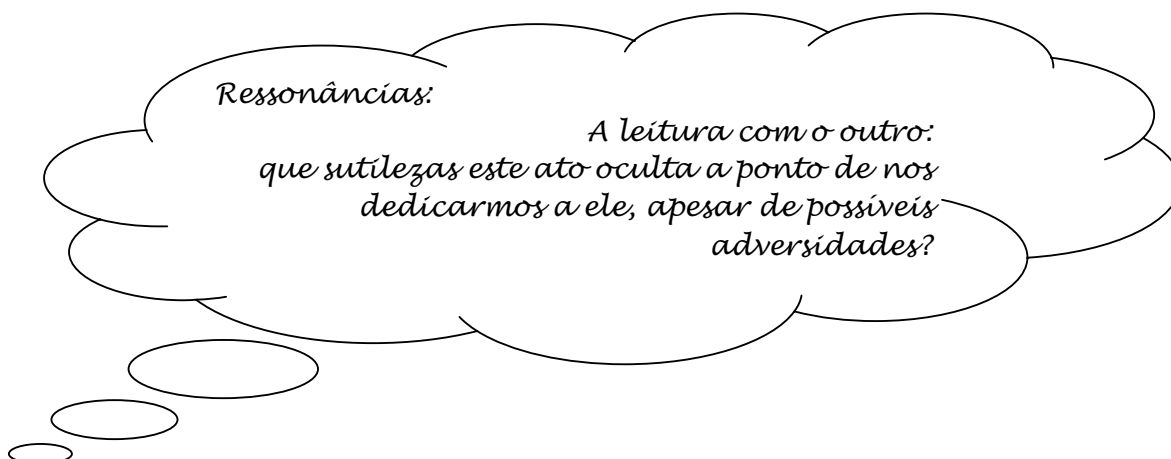
Tessituras

Os encontros no Gabinete de Leitura com Aline e Lisa corresponderam a momentos alegres, suaves, quando podíamos nos entregar a falar sem constrangimentos sobre as impressões que um texto nos causava, contar nossas memórias e construir uma história.

Elas sempre vinham caminhando, protegidas por suas sombrinhas, e andavam muitas quadras até chegarem à biblioteca para os encontros.

Em nosso último encontro, havia nuvens escuras no céu. Era perceptível que não demoraria muito para iniciar um temporal. Perceberam minha surpresa assim que entraram no Gabinete, pois imaginei que elas não viessem devido ao mau tempo que se formara. Em resposta à minha surpresa disseram que o momento de leitura que teríamos compensaria a chuva que estava por vir e que teriam que enfrentar para voltar às suas casas.

Lisa e Aline não sabiam que história seria lida, pediram-me, em nosso último encontro, somente que fosse mais um texto de Clarice Lispector. Poderiam gostar ou não do conto escolhido, corriam este risco, assim como corriam o risco de voltarem molhadas pela chuva para casa.



Refletindo sobre este momento, percebi a história que estávamos tecendo: a história de três mulheres em torno de um texto e de várias vozes. Apropriei-me das palavras de Marcel Proust (2001, p. 42): “Na leitura, a amizade é de repente levada à sua pureza primitiva. Com os livros, não há amabilidade. Esses amigos, se passamos a noite com eles, será porque realmente temos vontade de fazê-lo”. Éramos o próprio livro, a própria história, e gostávamos disso.

Este capítulo narra uma fase da constituição da pesquisa, que podemos chamar de exploratória, num tempo em que buscava bases mais firmes para o estudo proposto. Chamo-o exercício de formação, pois sua realização possibilitou-me reflexões sobre o modo como via a formatação da pesquisa e repensava este modo. Passava, ainda que lentamente, a pensar de modo mais amplo, a conceber que necessitava daquilo que escapasse ao planejado, enquanto, de fato, uma exposição do sujeito. Este movimento vai além de procedimentos práticos porque pressupõe uma mudança de postura que ocorre a partir da reflexão que envolveu minha própria história, narrada no Capítulo Quatro, os acontecimentos vividos concomitantes à pesquisa e aos próprios encontros no Gabinete.

Os textos construídos por Aline e Lisa, durante os encontros, conduziram-me ao entendimento de outros textos, lidos e estudados, que procuram desvelar das mais antigas às mais contemporâneas práticas de leitura: a leitura intensiva e a leitura extensiva.

Ao mesmo tempo em que as leitoras praticam a leitura extensiva, “de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente.” (CHARTIER, 1996, p. 86), disponibiliza-se a leitura intensiva de um texto, conforme fizemos.

Este caminhar por entre as práticas de leitura de Aline e Lisa revela mais do que modos de ler, revela as trilhas de suas histórias enquanto leitoras e as revela enquanto formadoras de leitores e de espaços de formação para a leitura, pois fazem ressurgir assim as histórias que as constituíram e constituem.

As revelações feitas durante os encontros com as irmãs possibilitaram que eu me aproximasse do objetivo principal desta pesquisa: pensar a leitura compartilhada enquanto espaço formador de sujeitos e de leitores, gerador e transformador de experiências, onde histórias particulares emergem, podendo se unir e constituir novas histórias.

Durante o encontro em que lemos o conto “Felicidade clandestina”, Aline e Lisa retrataram suas histórias enquanto leitoras e formadoras de leitores e de espaços para a leitura. Ainda, a ação direta que estas leituras tiveram em momentos de escrita.

Outro elemento, a ação direta e intencional na formação de leitores que os próprios leitores exercem, pôde ser observado na postura das irmãs, principalmente na de Aline, ao lecionar em uma escola sem acervo de livros. Posturas atuantes e, provavelmente, influenciadas por suas próprias histórias de vida e de leitoras.

Lajolo e Zilberman (2003, p. 14) definem: “Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas.”

É nesta afirmação de Lajolo e Zilberman que podemos nos sustentar ao pensar sobre a ação das irmãs enquanto educadoras e formadoras, porém sem desconsiderar o espaço de formação que se faz como um espaço que compreende a transformação de todos os sujeitos que nele e dele se constituem, portanto, um espaço que forma e transforma não somente os alunos de Lisa e Aline, mas inclusive elas próprias.

No que diz respeito ao entendimento do texto e aos significados a ele conferidos, conforme a discussão seguia, estas significações se alteravam, se modificavam, necessitando constantemente de retomadas ao conto, como forma de nos certificarmos de seu conteúdo e podermos retomar nossos pensamentos.

Enquanto leitoras, nos dávamos a liberdade de produzir sentidos para o texto conforme nossas próprias referências, independentemente se este seria ou não aquele pretendido pela autora, porém respeitando o escrito, ou melhor, as possibilidades que o escrito permite.

O texto permite que o leitor busque em sua própria história elementos que remetem à produção de sentidos para ele. No caso dos comentários sobre o texto “Felicidade clandestina”, esta relação direta entre texto narrado/ouvido e texto vivido (enquanto história pessoal dos sujeitos da pesquisa) tornou-se clara; de certa forma, as irmãs, em alguns trechos da história, se reconhecem na narrativa. Esta relação permite-nos pensar na questão da experienciação, ou seja, naquilo que experienciamos ao longo da vida e que nos forma, nos transforma, num exercício constante e, em consequência, se faz presente em nossas ações, portanto também em nossa leitura.

Assim, podemos pensar neste momento de leitura como experiência, trazendo outras experiências em si. “(...) la experiencia es lo que me pasa y lo que, al pasarme, me forma o me transforma, me constituye, me hace como soy, marca mi manera de ser, configura mi persona y mi personalidad.” (LARROSA, 2004: 28)

Consideramos ainda que estes fatos vividos só puderam vir à tona por se tratarem de fatos realmente experienciados e que se tornaram possíveis de transmitir. À impossibilidade de relacionar e reelaborar o vivido não se pode dizer experiência:

La imposibilidad de elaborar las experiencias, de darles un sentido propio. Y si las experiencias no se elaboran, si no adquieren un sentido, sea el que sea, en relación a la vida propia, no pueden llamarse , estrictamente, experiencias. Y, desde luego, no pueden transmitirse. (LARROSA, 2004: 29)

E, ainda, o fato de termos sujeitos dispostos a estarem juntos para ler já pressupõe uma relação íntima entre texto e leitor, numa prática compartilhada. As considerações realizadas pelas leitoras durante os encontros relatados revelam o quanto a leitura as constituiu durante suas vidas. Assim, estes elementos nos levam a pensar “a leitura como formação, seria tentar pensar essa misteriosa atividade que é a leitura como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos.” (LARROSA, 2002: 134)

Além dessa análise, acrescento outra, realizada após algum tempo de distanciamento com este texto, depois de sucederem outras histórias.

Todo o caminho por mim percorrido antes e durante os encontros realizados com Lisa e Aline e os encontros com o grupo de teatro do SESI fizeram com que eu me confrontasse comigo mesma.

Este trajeto, este longo trajeto, mostrou que, de certa forma, impus a esta pesquisa um caráter pedagogizante, ainda que não tivesse clareza desta minha postura.

Delimitando textos, direcionando a discussão, não possibilitei o acontecimento, o imprevisível, aquilo que nos passa, nos captura ao mesmo tempo que o capturamos, redirecionamos, produzimos sentidos sem que se tenha planejado de antemão que sentidos seriam estes.

Não falo de algo “solto no ar”, mas do momento do “entranhamento” e até um estranhamento entre o que acontece sem previsão – na liberdade –, aliado a uma preparação para o fazer e, ainda, àquilo que nos constitui – o legado – em constante exercício do devir.

CAPÍTULO TRÊS – PERAMBULAÇÕES... METODOLÓGICAS?

Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, O Pequeno Polegar, Rapunzel, A Bela Adormecida e tantos outros contos de fadas têm parte de suas tramas acontecendo em florestas. Florestas habitadas por ogros, monstros, lobos ferozes, criaturas encantadas. Florestas escuras, densas, onde se busca um abrigo, uma clareira. Busca-se um campo seguro que, talvez, seja movediço.

Geralmente, nestes contos, a floresta é cenário para os momentos em que personagens, heróis e heroínas, têm que enfrentar dificuldades, vencer desafios e fortalecer-se em busca do “ser felizes para sempre”.

Simbolicamente, é possível pensar nesta representação como fronteiras entre aquilo que aos poucos é desvelado e algo que não nos é revelado, e muitas vezes permanece no campo das sensações, num movimento contínuo e incessante.

O momento de escrita deste texto, posso dizer, é um momento onde pareço encontrar alguma clareira, pois, no emaranhado de acontecimentos previstos e imprevistos começo a entendê-los ou, pelo menos, decifrá-los. Os momentos.

Considerar que toda a floresta vai ser revelada, que não haverá mais fronteiras, é enganar-se.

A proposta desta pesquisa é que ela própria se constitua enquanto uma história tecida ao longo de anos e com a participação de muitos personagens. Como uma colcha de retalhos, onde podemos identificar semelhanças entre os retalhos de tecidos que a compõem, e sabemos que se um dos pedaços for retirado o vazio facilmente será percebido. A colcha pode aumentar seu tamanho e modificar sua complexidade conforme acrescentamos outros retalhos, mas a ausência de um único pedaço de tecido será notada.

Posso dizer que cada história é um retalho - mas um retalho que não é sobra e sim elemento constituinte do todo - deste texto; retalhos que se costuram e (trans) formam uma colcha. O exercício de contá-las, escrevê-las, também pode ser comparado ao desbravamento de florestas, na medida em que entrelaçá-las na escrita não se dá de forma tão natural como a forma como ocorrem enquanto são vividas.

O todo que aqui apresento, esta colcha que comporta mais retalhos, foi costurado com o “fio leitura”. O costurar enquanto a ação de ler e o “fio leitura”

enquanto texto: texto que é vida; texto que (trans) faz vida; texto que (se) faz vida e se refaz porque é vida.

É um texto de memórias, embora se apóie em dados coletados. É um texto de experiências? Empenhei-me na construção de um texto que narra/costura as marcas deixadas pelos acontecimentos, por isso de experiência vivida e não de fatos passados.

Imaginar a costura. Pode parecer fácil imaginar alguém costurando, ou uma máquina fazendo a costura. Se pensarmos um pouco mais profundamente, podemos imaginar as mãos que fazem-na, os pontos que se vão entremeando no tecido. Podem ser pontos largos, miúdos ou verdadeiros bordados. Mas a linha pode enroscar, o ponto se desfazer, o tecido ficar engorovinhado e o tecer deixar de ser simples e previsível.

“Costurar” com pessoas, ler com pessoas, compartilhar histórias, esta foi a proposta desta pesquisa, porém nem sempre os pontos desta tessitura se entremearam conforme eu planejava.

Andanças: lugares de busca

Buscava um lugar onde pudesse reunir pessoas para que lêssemos e discutíssemos textos literários. Gostaria que este lugar fosse público e de circulação, presumivelmente, irrestrita.

Algumas alternativas de local foram pensadas, como escolas, praças, centros comunitários, porém, o intento de garantir um número mínimo de pessoas e a livre participação das mesmas, concomitantemente, tornava-se difícil.

Apesar de a proposta ser a de realizarmos a leitura e discussão de textos, não queria que houvesse um entendimento ou relação com a função pedagógica que esta atividade pudesse sugerir.

Mais uma vez me via diante da floresta que parecia bastante densa e escura. Porém, mesmo numa floresta escura, sempre haveria de aparecer um beija-flor entrando pela janela. Ou um vaga-lume...

Comecei minhas andanças pelas três bibliotecas públicas de Rio Claro, em funcionamento: a “Biblioteca do Cervezão Infanto-Juvenil Zeferina Q. Tedesco”, a “Biblioteca Pública Municipal Maria Victoria Alem Jorge” (Biblioteca do Centro Cultural) e a “Biblioteca Pública Municipal Lenyra Fracarolli” (Gabinete de Leitura).

A biblioteca do Cervezão

Visitei a biblioteca do Cervezão numa tarde muito quente.

O Cervezão é um bairro bastante popular e populoso e é fácil perceber isto. O movimento de pessoas pelas calçadas e dos carros pelas ruas é intenso.

Na verdade, parece até mesmo uma pequena cidade dentro de Rio Claro. Possui muitos estabelecimentos comerciais, consultórios médicos e odontológicos, escolas, além de oferecer serviços que muitas vezes só encontramos na zona central da cidade.

Depois de me perder pelas ruas que não obedecem a uma estrutura muito retilínea, muitas fazem curvas e circundam um parque, finalmente encontrei a biblioteca.

A biblioteca não é grande. Pareceu-me mais um espaço aproveitado para sua instalação. Não há nenhum conforto para os leitores, a ventilação é precária e a circulação entre as prateleiras é difícil.

Havia vários jovens que faziam tarefas escolares em grupo e tomavam praticamente todo o espaço disponível. Conversavam animadamente enquanto um senhor de cerca de uns sessenta anos lia o jornal do dia.

Esgueirei-me por entre as prateleiras, observando o acervo, porém atenta ao movimento dos leitores frequentadores da biblioteca, na intenção de conhecê-los e saber se aquele seria o local onde poderia desenvolver esta pesquisa.

Depois de observar o acervo, consegui um lugar para me sentar e fiquei folheando o jornal.

Fui abordada por uma funcionária que perguntou se eu precisava de ajuda. Expliquei-lhe o motivo de eu estar ali e continuei minha observação. Durante nossa conversa, quis saber sobre as pessoas que frequentavam a biblioteca. A resposta não foi diferente à minha breve observação: os estudantes ocupam o espaço realizando suas pesquisas e seus trabalhos em grupo; os leitores mais adultos passam rapidamente para retirar os livros; alguns moradores do bairro passam para ler o jornal, sendo que muitos se detêm nos classificados, principalmente nos anúncios de emprego. As mulheres, geralmente, vêm com filhos no carrinho de bebê e mal entram devido à falta de espaço; já os homens passam com muita pressa porque estão indo ou vindo do trabalho.

De qualquer forma, estive neste local por mais duas tardes, observando o movimento, até chegar à conclusão de que seria bastante complicado realizar a atividade que pretendia ali. Dentro da biblioteca a agitação era muito grande, o espaço não contribuía para um momento em que seria necessário certo silêncio para ouvir um texto e até discuti-lo; do lado de fora pouco espaço havia e estaríamos expostos ao sol ou à chuva, além do barulho dos carros passando.

Outro fator que pouco contribuía era que a maioria dos frequentadores daquela biblioteca fazia sua retirada rapidamente, não permanecendo muito tempo no local.

Minhas próximas investidas foram na biblioteca do Centro Cultural, localizado no Lago Azul, e no Gabinete de Leitura, localizado no centro da cidade.

A biblioteca do Centro Cultural

A biblioteca do Centro Cultural é a mais nova de Rio Claro. O Centro Cultural está localizado num bairro tranquilo, próximo à região central da cidade. Bem à frente da entrada de acesso à biblioteca está situada uma escola pública. O prédio que abriga a biblioteca, o teatro, uma sala de cinema, salas de exposição e a sede da Secretaria Municipal de Cultura, fica no Parque dos Imigrantes Italianos, que compreende também um lago natural, conhecido como Lago Azul, quadras esportivas, pista para caminhadas e área verde, com brinquedos infantis e tanques de areia.

Esta biblioteca é espaçosa, bem arejada e possui melhor infraestrutura para receber os leitores. O acervo se divide em duas partes distintas: literatura e enciclopédias e materiais para pesquisa.

Alguns leitores, logo na chegada, perguntavam pelo título desejado ou já reservado, outros examinavam atentamente as prateleiras até encontrar o que queriam. Algumas mães demoravam-se com seus filhos no espaço destinado à literatura infantil; muitas liam ali mesmo alguns livros para as crianças.

Observando as mães e seus filhos, mais uma vez retomei minha própria história. Jamais poderia imaginar, na época em que fazia o mesmo com minhas filhas, que, anos depois, estaria ali, buscando a oportunidade de discutir aquele ato formador de leitores que se exibia à minha frente.

Nesta biblioteca, durante os momentos em que lá estive não observei leitores que só faziam a leitura dos classificados dos jornais, como ocorria na biblioteca do Cervezão. As pessoas que faziam esta leitura faziam-na de forma mais demorada e, parecia-me, exploravam a maioria de seus conteúdos.

Conversei com a bibliotecária sobre os propósitos de minha pesquisa, explicando detalhadamente o que pretendia. A ideia foi bem aceita e houve um posicionamento de parceria por parte dela, colocando-se à disposição para ajudar no que fosse necessário, inclusive para entrar em contato com leitores mais assíduos, convidando-os para o momento de leitura partilhada que eu propunha.

Nada ficou acertado, pois eu ainda precisava conhecer melhor o funcionamento da terceira biblioteca em pauta para a pesquisa - o Gabinete de Leitura. De qualquer forma, a bibliotecária com quem conversei sugeriu que eles mesmos poderiam realizar algo semelhante, caso os encontros acontecessem em outro lugar.

O Gabinete de Leitura

No Gabinete de Leitura observei um maior movimento em comparação com as outras duas bibliotecas. Mais uma vez fiquei atenta à leitura dos jornais. A imagem que tive foi bastante próxima à da biblioteca do Cervezão: poucos liam os jornais em sua íntegra; a maioria buscava os anúncios classificados, anotava aquilo que procurava e saía rapidamente.

Embora o espaço desta biblioteca não seja tão privilegiado quanto o do Centro Cultural, o movimento de leitores é bem grande, provavelmente devido à sua localização central, na cidade de Rio Claro. Outro aspecto importante foi o horário de funcionamento; esta é a única biblioteca de Rio Claro que funciona das 8h às 19h. As duas anteriormente visitadas funcionam das 8h às 18 horas.

O prédio do Gabinete foi inaugurado em novembro de 1890 e já recebeu visitas ilustres, como a do imperador D. Pedro II. A arquitetura colonial preservada, o assoalho e a escada de madeira, muitas das estantes e obras raras perpetuam não somente uma época, mas a memória da cidade e de muitos leitores que por ali passaram.

Nesta biblioteca, meu projeto de estudo também foi bem aceito por parte da funcionária Cristina. Então, após ponderar sobre as três bibliotecas visitadas, minha

decisão foi pelo Gabinete de Leitura, pensando principalmente nas informações sobre o número de retiradas diárias de livros pelos frequentadores, cerca de noventa, segundo os funcionários, em sua localização favorável e em seu horário de funcionamento.

Tendo finalmente conseguido um local para o desenvolvimento da pesquisa, dispus-me à realização do passo seguinte: a divulgação da proposta e o convite aos leitores para momentos de leitura compartilhada. Para isto, contei com a ajuda preciosa dos funcionários do gabinete, que entregaram os convites aos frequentadores explicando sobre a iniciativa de montarmos grupos de leitura.

Os convites¹³ indicavam algumas datas e horários para os encontros, porém o leitor poderia sugerir outras datas e horários que melhor lhe conviessem.

Ao conversar com os frequentadores do gabinete, convidando e explicando a ideia dos encontros, eu mesma percebia que, apesar de acharem a proposta interessante, não estavam habituados ao tipo de leitura que eu propunha, desvelada, compartilhada, em voz alta, e preferiam a habitual forma de ler: em silêncio, sem maiores comentários sobre o texto lido.

Percebi que necessitava, acima de tudo, de garantias. A garantia de que tudo ocorreria conforme o previsto em meu projeto de pesquisa, a garantia de que houvesse pessoas dispostas a compartilhar comigo a leitura e que poderia escrever sobre isto. Notei que não queria escrever sobre a ausência...

Meu pensamento, quando busquei nas bibliotecas da cidade leitores que compartilhassem comigo suas leituras e suas histórias, foi o mais óbvio e objetivo possível: se há livros, há leitores; se há leitores, há histórias de leituras.

Continuo defendendo esta ideia: a cada livro, a cada leitura, muitas histórias de leitura se constroem, ou melhor, fazemo-nos revelar naquilo que lemos e, muitas vezes, acabamos por nos encontrar em alguns textos. Porém, naquele momento, tive a impressão de que elas não se revelam de forma tão transparente numa biblioteca.

Ao ler meu texto, numa primeira vez, minha professora fez o seguinte comentário: “Parece que o funcionamento das bibliotecas não dá a ver histórias de leitura...”

¹³ Ver anexo A: cópia do convite.

E não mesmo, pelo menos de forma explícita. Nas bibliotecas visitadas observei alunos estudando, pessoas fazendo a leitura do jornal, denotando uma função mais utilitária para a leitura, e pessoas devolvendo e retirando livros, levando-os para uma leitura particular.

As definições do dicionário para este termo “biblioteca” são claras e resumo da seguinte forma: biblioteca é o local onde se guarda livros, podendo haver o empréstimo destes.

Ou seja, os leitores, em sua maioria, não vão à biblioteca para ler, mas para emprestar exemplares para a leitura. Ou ler jornais em busca de informações identificáveis.

Como eu poderia conhecer suas histórias de leitura? Elas devem existir. Muitas devem ter sido disparadas pelos livros emprestados e lidos ou, até mesmo, pelo planejamento da ida à biblioteca para a retirada de determinado título. Ou outras tantas geradas pela diversidade de relações que podem ser estabelecidas entre leitor e objeto de leitura. Histórias que transitam, talvez, pela densidade invisível das florestas...

Boa parte da história de leitura de Julia, revelada no Capítulo Quatro, que influenciou a história de leitura de seus filhos e netos, teve uma biblioteca como cenário. As leituras aconteciam nesta biblioteca que aqui ponho em foco. Fico imaginando as reações que Julia, ela mesma, ainda menina, tinha diante das histórias que lia e das imagens maravilhosas dos contos de fadas que ela foi tecendo dentro de si.

Ainda, pensando na história de Julia, de que forma suas leituras influenciaram seu pensamento e suas ações durante sua vida? Mas, indo um pouco além, teriam as fadas, as princesas, as madrastas e todo o encantamento dos contos ajudado-a a compreender o que vivia? Teriam contribuído para o encaminhamento de soluções para questões de sua própria vida? Não tenho estas respostas, nunca conversamos sobre isto. Entretanto, pela forma como ela “convertia” as histórias em fatos vividos no tempo imediato ao seu acontecimento, explicando estes fatos por meio das histórias, suponho que as histórias lhe serviam de influência. Talvez...

São histórias de leitura e de leitores. De leitores revelando leituras.

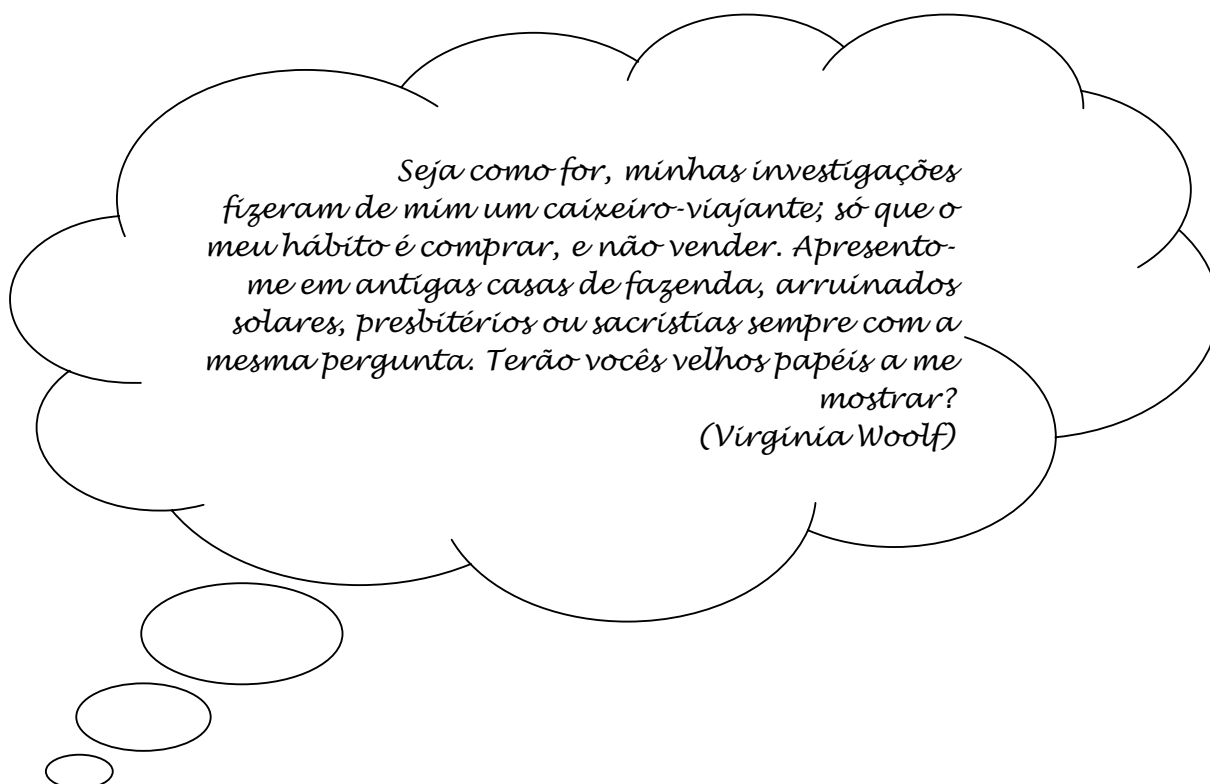
Mas, com o comentário da minha professora, me dei conta de que realmente buscava pelas histórias de leitura e de leitores nas bibliotecas mais do que buscava

pelos leitores. Histórias que pouco se dão a ver. Por onde começo a aproximar-me delas?

Perambulações...

Tinha a impressão que se encontrasse um *lugar seguro* a pesquisa também estaria assegurada. Minha rigurosidade em seguir o projeto não permitia que eu alçasse voo, mas algo desconhecido se contrapunha, fazendo com que não me satisfizesse com os encontros realizados no Gabinete, com Aline e Lisa: precisava de algo mais que não sabia bem o que seria.

Comecei a perambular.



Quando li o conto “[O diário de *mistress* Joan Martyn]”, mais especificamente o trecho citado acima, posicionei-me enquanto o caixeiro-viajante descrito. Passava, mais uma vez, a perambular em busca de pessoas que quisessem compartilhar comigo momentos (e histórias) de leitura.

Havia a possibilidade de realizar os encontros em escolas. Na verdade, seria uma alternativa aparentemente mais simples de se concretizar, garantindo a frequência dos encontros e o número de participantes. Porém, a intenção era conseguir locais alternativos, que não se relacionassem com o ensino e a

aprendizagem da leitura ou da escrita, que possibilitassem uma maior diversidade de participantes envolvidos e que permitissem certa transitoriedade, a fim de que não se relacionassem os momentos de leitura com uma obrigação de leitura.

Como um parêntesis, cabe ressaltar que o fio que tece este estudo é a leitura, não tendo como objetivo discutir concepções de leitura, mas pôr atenção no ato de ler como um fazer incorporado à vida cotidiana, ao fazer cotidiano; nesta esteira, poderia me aproximar da leitura como um “lugar” que pode constituir histórias vividas. O ato de ler, então, não é o foco do estudo e sim constitutivo de histórias e de leitores.

A passagem pelo Gabinete de Leitura tornou-me alerta para o fato de que deveria buscar lugares onde os participantes realizassem alguma atividade, fazendo com que não tivessem, por exemplo, que reorganizar seus compromissos para poderem participar dos encontros.

Tudo parecia obscuro e tenebroso. Na minha inexperiência enquanto pesquisadora angustiava-me a dificuldade de conseguir um local para realizar a pesquisa.

Até que, finalmente, lembrei-me de uma instituição fundada por iniciativa privada, destinada a promover a emancipação econômica e social de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Atende mulheres com baixa renda, pouca escolaridade e idade mínima de 16 anos.

Entrei em contato e marcamos um horário a fim de que eu pudesse expor minha ideia de formar grupos de leitura. Esta reunião aconteceu no final de outubro de 2008. Encaminhei também a esta instituição a proposta, por escrito, dos encontros, pois haveria a necessidade de que o conselho gestor a avaliasse e aprovasse sua realização.

Finalmente, no final de março de 2009, após inúmeros e-mails e telefonemas, consegui autorização para uma primeira aproximação com um grupo de mulheres que se reunia semanalmente e tinha aulas de artesanato.

Inseri-me no grupo de forma sutil. Procurei não ser alguém à parte, mas fazer parte. Os encontros aconteciam num salão do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) Bandeirantes, todas as quartas-feiras, das 14 às 16 horas.

As mulheres, cerca de vinte, dividiam-se em dois grupos, cada um ocupando uma grande mesa, onde o material de trabalho ficava disponível. Um grupo trabalhava com pintura em tecidos e o outro com artesanatos em geral (pintura de

sabonetes e toalhas, confecção de caixas em papelão, crochê com tirinhas de plástico etc.). Como o material era destinado às participantes e eu não estava inscrita como tal, predispus-me a apoiá-las naquilo que precisassem (buscar pincéis e moldes, cortar fitas adesivas e papéis, ajudar nos laços, embalar crianças, servir o lanche etc.).

Dessa forma, tive a oportunidade de me aproximar de todas as participantes.

As reuniões iniciavam e terminavam sem que me fosse dada a oportunidade sequer de apresentar a proposta dos grupos de leitura. Questionei se haveria esta oportunidade ou não e obtive como resposta que poderia, sim, reunir as mulheres para a leitura, desde que eu lesse e discutisse com elas textos cujos temas estivessem relacionados diretamente à geração de renda e inserção no mercado de trabalho.

Após meses de negociação com a instituição e algumas semanas de aproximação com aquelas que imaginei possíveis companheiras na leitura de literatura, retomei ao estado de angústia e pus-me novamente na trilha da floresta densa, procurando por uma clareira.

Não perdi tempo, ou melhor, já não tinha tempo para pensar muito nas próprias dificuldades. Passava de carro pelas ruas, nos trajetos que percorro diariamente, sempre olhando no entorno, buscando pessoas reunidas.

Na escola, com as crianças, basta pegar um livro nas mãos e todos já vão se aconchegando para ouvir a história. Algumas crianças não se contêm; conforme a narrativa se desenvolve seus corpos se inquietam, suspiros e gemidos são ouvidos e muitas, muitas vezes, não conseguem deixar de interromper para expressar sua indignação ou contentamento diante do que é narrado. Perguntei-me por que, por vezes, deixamos isto se perder, mas faltou-me coragem para fazer o mesmo: pegar o livro, abri-lo e ler, em alguns dos lugares pelos quais passei.

Já era abril. Parei e pensei nos momentos em que aproveito para uma leitura rápida; aqueles momentos que poderiam ser perdidos não fosse um livro na bolsa para não permitir isto.

Fila do banco, sala de espera do médico ou do dentista, aulas extras de nossos filhos. Nem todas estas alternativas permitiriam à leitura o espaço que lhe é de direito. Mais uma vez tive que parar e retomar as questões que me levaram a buscar a leitura comunitária. Percebi que me afastava de meus princípios ao pensar em filas ou salas de espera. O momento que almejava era um momento de entrega

à leitura e à *felicidade de ser leitor* (PENNAC, 1993, p. 119), e não de distração ou forma para passar o tempo.

Em continuidade, ao tentar visualizar momentos possíveis para uma leitura comunitária, lembrei-me de quando minhas filhas, há mais de oito anos, faziam aulas de dança no Sesi - Serviço Social da Indústria, ainda em Rio Claro.

As aulas aconteciam duas vezes por semana e tinham uma hora de duração. Enquanto esperava, junto a outras mães cujas filhas também participavam da aula, aproveitava o tempo para a leitura. Lembrei-me de que outras mães também faziam suas leituras e que, vez ou outra, comentávamos sobre o que estávamos lendo.

Passei pelo Sesi e informei-me sobre os horários das aulas de dança para crianças menores, visto que estas sempre são esperadas pelas mães do lado de fora da sala de aula.

No horário destinado a elas, lá estava eu observando o que as mães faziam enquanto esperavam.

Na época em que eu esperava por minhas filhas, ficava sentada do lado de fora do centro esportivo (este centro abriga as salas para aulas de ginástica, dança, musculação, e também piscinas, quadras etc.), em bancos de cimento. Atualmente, bem ao lado de uma das salas de dança, há uma antessala com sofá, poltronas e revistas.

Acomodadas nestes sofás, estavam as mães. Aproximei-me, contei minha história e falei sobre os grupos de leitura. As mulheres gostaram da ideia e combinamos que começaríamos assim que eu obtivesse autorização da direção do centro esportivo.

Imediatamente, dirigi-me ao coordenador responsável pelas atividades do centro e expus meu projeto. Ele mostrou-se totalmente favorável, porém havia a necessidade de conversarmos também com o diretor da unidade. Marcamos para o início da semana seguinte, 05/5/2009.

No dia da reunião estavam presentes o diretor da unidade, os coordenadores da área esportiva, a coordenadora da área cultural e as coordenadoras da unidade de ensino, pois o Sesi oferece escola de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Falei sobre meu projeto. Prontamente, todos os presentes na reunião se dispuseram a receber-me em suas áreas de atuação para que eu pudesse realizar os momentos de leitura comunitária.

O diretor autorizou imediatamente a montagem dos grupos, conforme melhor me conviesse. Chegou a propor que eu realizasse leituras durante os momentos em que os usuários esperam pelos espetáculos que a unidade oferece (mostra de dança, peças teatrais, apresentações musicais etc.), o que seria uma missão um pouco difícil de cumprir devido aos muitos horários dos eventos e ao grande número de pessoas que esperam por eles.

Os coordenadores de esportes se disponibilizaram a ajudar-me a montar grupos com o pessoal da terceira idade, visto que estes são mais predispostos a novas propostas de atividades. Além disso, concordaram que a ideia dos grupos de leitura com os pais que esperam por seus filhos seria bastante interessante, pois seria uma iniciativa que poderia ser continuada pelos próprios pais, ao final da pesquisa.

A coordenadora cultural falou sobre o trabalho realizado com os grupos de teatro, permitindo meu livre acesso às aulas. Interessei-me bastante em desenvolver minha pesquisa com estes grupos, pois poderia observar o processo de leitura do grupo, desde suas primeiras leituras, seu entendimento e possíveis significações a elas atribuídas, até a montagem da peça.

As coordenadoras de ensino sugeriram que eu fizesse a atividade com crianças ou durante parte do tempo destinado às reuniões pedagógicas.

Ao final da reunião estava eufórica. Diante de tantas opções, finalmente conseguiria desenvolver minha proposta. Decidi-me por montar o grupo de leitura com as mães e observar, a partir da semana seguinte, um dos grupos de teatro que iniciava a leitura de um texto para a montagem de uma peça.

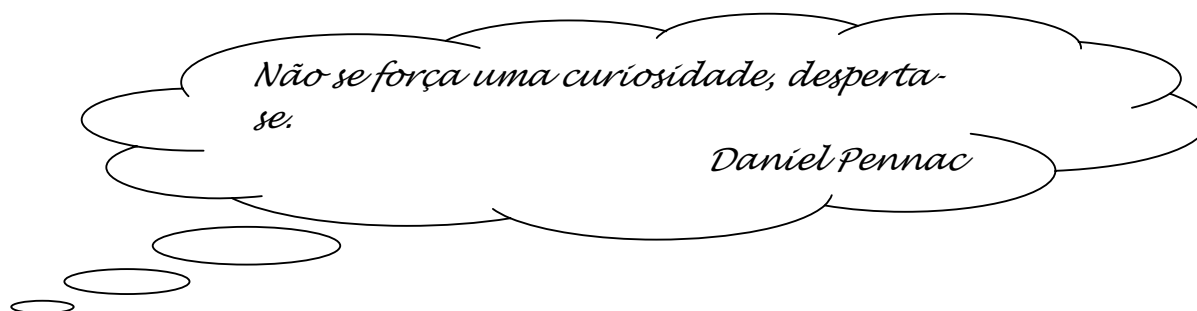
O dia seguinte ao da reunião era dia de aula de dança das crianças. Cheguei antes do horário, muito disposta. Assim que as mães me viram, já sabiam do que se tratava. Notei que havia algumas que não estavam presentes no dia em que expliquei o projeto, e elas se entreolhavam. Percebi nestes olhares certa resistência à minha presença.

Todas se sentaram e expliquei novamente a proposta dos grupos de leitura. Uma das mulheres, ausente no primeiro dia, se posicionou contra a atividade, dizendo que seria aberta uma turma de ginástica no mesmo horário da dança das

crianças para que as mães pudessem se exercitar. Conforme falava sobre a aula de ginástica, instigava as outras mulheres, dizendo que estas haviam se comprometido com a formação da turma para a ginástica. Além desse, outros empecilhos pouco consistentes foram colocados.

Considere aquela situação incoerente. Não teria conseguido autorização para montar os grupos se houvesse a intenção de aulas de ginástica para o horário. Entretanto, já estava bastante desgastada com minhas idas e vindas tentando montar os grupos, e assim pedi somente para ler a história que trouxera. Li, agradei a oportunidade e me despedi.

Posso dizer que havia em mim a esperança de que a história lida cativasse aquelas mulheres e despertasse nelas a vontade de ouvir outras.



Comuniquei ao coordenador esportivo sobre o acontecido e justifiquei minha atitude, deixando claro que a proposta só teria sentido se realmente houvesse o interesse das pessoas, o que não foi demonstrado neste segundo encontro.

Percebo que defendia a ideia de leitura com as mães porque me via naquele grupo, retomava minha história, minhas memórias e, por isso, não aceitava bem o fato de este ser mais um caminho que não consegui trilhar.

De toda essa trajetória relatada, primeiramente saindo em busca de lugares passíveis de me oferecer histórias de leitura e leitores, depois de formar grupos de leitura que me trouxessem histórias, em seguida saindo, quase literalmente, à caça de pessoas com quem compartilhar leitura e histórias, de toda essa trajetória, ainda que não intencionalmente, fui (re)compondo um pouco de minha própria história; nas brechas do vivido, posso localizar-me como leitora em situações nunca dantes pensadas como possibilidades, como constitutivas deste tema em estudo.

Após inúmeros desencontros, perambulando, encontrei (ou fui encontrada) o grupo de teatro...

Acredito que começava a abandonar o sujeito do saber e começava a me encontrar com o sujeito da experiência.

[...] o sujeito da experiência se define não tanto por sua atividade, como por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre o ativo e o passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2004, p. 161)

E encontrar-me com o sujeito da experiência era como se rompesse com o razoável, o compreensível, o planejado...

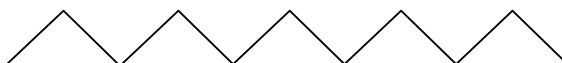
As coisas não querem mais ser vistas por pessoas
razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul –
Que nem uma criança que você olha de ave.
(BARROS, 2009, P. 21)

Ziguezagueando

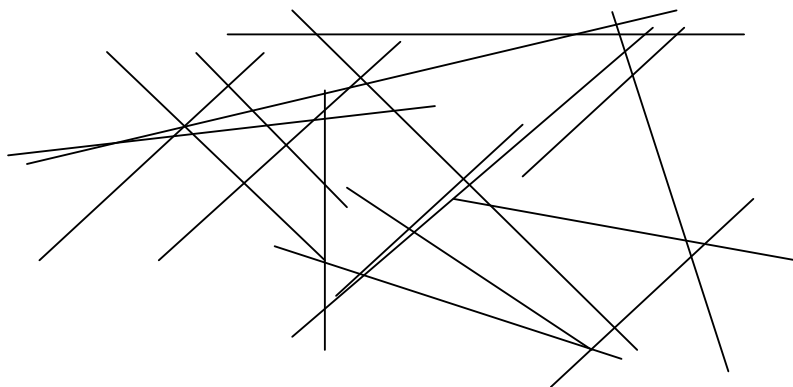
Talvez este ponto a costurar os retalhos possa ser comparado ao do ziguezague das máquinas de costura, se não fosse um detalhe: esse ziguezagueando não tem as medidas idênticas e nem sempre se repete da mesma forma.

Exemplifico:

Ziguezague:



Ziguezagueando (mais ou menos assim, porque não é possível determiná-lo exatamente...):



Nota: Imagine o ziguezagueando em movimento.

Ao narrar os fatos ocorridos no Gabinete de Leitura, com o grupo de teatro, nas andanças e perambulações, recorria às histórias já passadas e as reinventava de modo a poder tornar esses fatos histórias.

Não era um ir e vir, um ziguezague. Era um ziguezagueando, engorvinhando o tecido, sobrepondo retalhos até fundi-los. Foi assim que os fatos narrados tornaram-se histórias, na medida em que os lia e os recriava a partir de minhas próprias histórias revisitadas e recriadas, que conto no próximo capítulo.

Revisitar histórias e, a partir desse revisitar, criar outras, foi se traduzindo numa travessia e na tensão de encontros com minha própria história, expondo-a, na medida em que expunha a mim mesma, na medida em que deixava para trás o planejado, o determinado, tombava-me diante dos acontecimentos e lançava-me ao imprevisto, portanto àquilo que eu não podia planejar, abria-me ao novo, submetendo-me a ele, aceitando-o, questionando-me, tornando-me, aos poucos, “o sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo do qual faz experiência se apodera dele.” (LARROSA, 2004, p. 163)

fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, apud LARROSA, 2004, p. 162)

Tecido engorvinhado: o objeto de estudo.

Assim como a marcante necessidade de escolha do lugar onde realizar a pesquisa foi se modificando, o objeto de estudo também foi tomando outros contornos, aos poucos. Inicialmente, tinha na leitura um objeto central, com o qual buscava, no espaço para a leitura compartilhada, realizar reflexões sobre questões como atribuição de sentidos, formação de leitores, entre outras expostas na apresentação deste texto.

O objeto de estudo, assim como um personagem de uma história que não corresponde àquilo que antevemos para ele, não se curvou diante de minha proposta e adquiriu outros contornos.

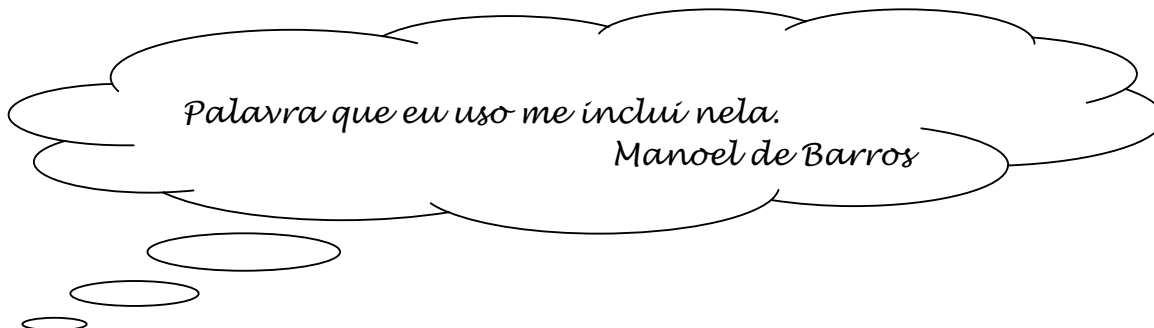
Esta configuração tornou-se um pouco mais clara no momento do zigzagueando. Registrar o caminho percorrido ao compartilhar uma situação de leitura no Gabinete de Leitura (Capítulo Dois) e com o grupo de teatro (Capítulo Um) alcançava sentido quando recorria à minha própria história, quase me impondo revivê-la; assim ia entrelaçando-a às outras produzidas. E às que não foram produzidas.

As histórias compartilhadas no capítulo que se segue se situam no espaço do vivido e do narrado; da experiência, talvez. São histórias de vida que dão a ver indícios que revelam ações leitoras, memórias de leituras, modos de existência e reelaboração de experiências que ocorrem de diferentes modos. A partir de minha própria história “leio” os fatos que aqui apresento, fazendo-os histórias.

A imagem de Paulo Freire vem à minha mente. Em “A importância do ato de ler”, Freire conta sua história enquanto leitor. Permite-nos perceber que não se tornou um leitor desde o momento que conheceu os signos que compõem uma palavra, mas desde as primeiras impressões do *seu* mundo e não *do* mundo. E foram justamente estas impressões que conferiram à palavra uma existência, na medida em que era resultado de uma relação dialética com o vivido, tocado e experienciado, a materialidade, conforme Bakhtin (2006).

Para Benjamin (1994), “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. A esta apropriação alia-se uma (re) organização, buscando o sentido ou o dar sentido àquilo que nos constitui e àquilo que nos acontece (LARROSA, 2002). A tessitura das histórias.

Estas memórias encaminham-nos a pensar a leitura enquanto experiência que nos toca e que nos deixa marcas, pois ela as perpassa. A leitura que ocorreu ou decorreu dos fatos narrados não é leitura que se esvai, porque ficou retida na memória por muito tempo. Ao ser narrada, escrita com palavras, transforma-se definitivamente na história.



Às palavras cabem diferentes interpretações, leituras, num movimento constante, dinâmico. Assim, a intenção desse texto compreende o exercício do “dar a ler”, de libertar a palavra para que esta não diga sempre o mesmo.

- Para que as palavras durem dizendo cada vez coisas distintas, para que uma eternidade sem consolo abra o intervalo entre cada um de seus passos, para que o devir do que é o mesmo seja, em sua volta ao começo, de uma riqueza infinita, para que o porvir seja lido como o que nunca foi escrito... há que se dar as palavras que recebemos. (LARROSA, 2004, P. 15)

Além disso, pensar a ação leitora exercida pelos sujeitos envolvidos é retomar o entendimento de Larrosa no que diz respeito aos sujeitos da experiência:

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade e ocasião.
[...]
A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. (LARROSA, 2002, p. 25)

Esta travessia por entre aquilo que é indeterminado e perigoso é exposta quando os sujeitos se dão em leitura por meio de suas narrativas, portanto eles próprios são textos, textos-vida.

As narrativas também podem ser entendidas como reveladoras da leitura enquanto espaço de formação, na medida em que remetem a ações leitoras em si mesmas, e ao texto enquanto espaço de transformação.

Pensar nas histórias, na leitura e nos textos como formação e transformação, remete-nos a pensar nas ações leitoras e no próprio texto enquanto experiência, portanto algo que nos passa e nos deixa suas marcas, constituindo-nos, tornando-nos parte dele – do texto (LARROSA, 2002, p. 136).

Porém, é necessário destacar que esta formação que se dá como e na leitura é plural, múltipla em significados, pois se refere a sujeitos únicos e distintos, com diferentes histórias, diferentes experiências. Esta concepção de leitura remete ao sujeito que se modifica constantemente, que se dobra e desdobra, interpela-se diante da leitura e do viver.

É o sujeito que se coloca diante da leitura como aquele que não sabe ler, que pressupõe que as palavras podem dizer além daquilo que o texto significa, portanto dá a ler.

E neste âmbito é possível perceber a sintonia entre a concepção de linguagem, para Bakhtin e Freire, e a concepção de leitura enquanto espaço de formação e de transformação, para Larrosa. Da mesma forma que o espaço de formação, múltiplo e em constante transformação, assim também se faz a linguagem que é múltipla, incompleta e inacabada, pois sempre comportará, enquanto processo em constante interação, as vozes do(s) outro(s), conforme Bakhtin (2006).

Em relação à leitura compartilhada, na ação leitora efetiva, constituindo um espaço para a leitura, a contribuição de Daniel Penac encaminha o pensar sobre os diferentes espaços coletivos para o exercício de ler e para a postura ao ler. Penac (1993) e Larrosa (2004) propõem a leitura com o outro como um ato de entrega ao outro e à leitura, destituído do saber ler, de conceber significados aos textos, mas a liberdade de buscar sentidos nos textos.

- Dar a ler, então, é dar palavras sem dar ao mesmo tempo o que dizem as palavras. Ou, melhor, interrompendo todas as convenções que nos fazem dar a ler o que já temos como próprio, o que já sabemos ler. Temos lido que “as palavras são sempre as mesmas e o que dizem não é nunca o mesmo”. Por isso há que se dar as palavras retirando ou interrompendo ao mesmo tempo o que dizem as palavras para dar assim o infinito durar das palavras, sua possibilidade de dizer sempre de novo mais além do que já dizem. (LARROSA, 2004, p. 20)

Observar a leitura e seus leitores remete a olhar o lugar da criação nesta relação. Criação porque invenção de (outros) sentidos.

A palavra comporta diferentes significações, que variam de acordo com o contexto onde ela se insere. A entonação, que se situa entre o dito e o não-dito, no pensamento que parece querer tomar forma material, confere à palavra o sentido almejado diante de determinado contexto. A tensão entre palavra e entonação gera uma “nova palavra”, carregada de sentidos (BAKHTIN, 2006).

Pensar a palavra, conforme Bakhtin (2006), propõe pensar um processo dinâmico, um movimento ininterrupto de compreensões que se dão por meio da interação com o outro. A cada palavra dita por um sujeito, cabe uma réplica daquele que a ouve; e tanto palavra quanto réplica trazem em si outras palavras e réplicas.

Deste modo, compreender esta interação que é possível por meio dos diálogos entre os sujeitos, ou entre o sujeito e as vozes que constituem seu interlocutor (como na relação sujeito/literatura), é reconhecer a constante renovação que ocorre neste exercício da linguagem.

Esta constante renovação remete ao caráter inventivo da linguagem e, portanto, da leitura e das histórias produzidas. Este entendimento de constante (re)invenção é expresso por Vigotski (2003) quando exemplifica o homem enquanto aquele que combina suas experiências a novas vivências, (re)elaborando-as.

Retomando as ideias de Bakhtin e de Vigotski, pensar a leitura compartilhada, enquanto leitura que comporta vozes - dos sujeitos envolvidos e de outros -, palavra e entonação, é pensar o exercício da linguagem em sua plenitude e assumir uma postura dialógica, poder-se-ia dizer, imanente ao ato de ler.

Os lugares visitados, os personagens dessa história, as histórias produzidas nesta constante interlocução: personagens/personagens – personagens/histórias – histórias/histórias, são os pontos da costura ao mesmo tempo em que são retalhos. Retalhos e pontos disformes que se encaixam, não da forma planejada ou esperada, mas na medida em que são (re)inventados num exercício incessante de busca por esses “encaixes”, de movimento entre esses pontos e retalhos. De produção de (outros) sentidos.

CAPÍTULO QUATRO – HISTÓRIAS QUE SE TECEM E A LEITURA QUE AS ENTRELAÇA. (Cena 1)

Minhas histórias

Quero enxergar as coisas sem feitiço.
Minha voz inaugura os sussurros.
Manoel de Barros

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas
do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é
uma verdade inventada.
Clarice Lispector

Escrituras

Posso dizer que o trabalho que aqui apresento, inclusive as histórias que relatei nos capítulos Um e Dois, começou há anos. Não desta forma delineada e articulada – nem tão cartesiana assim – conforme foi se encaminhando neste momento, nesta pesquisa.

Este viajar por entre o conhecimento daquilo que estudei e daquilo que vivi, que experienciei, iniciou-se com a minha experiência, poderia dizer.

Histórias e mais histórias, tantas histórias ouvi de minha avó, de meu avô e de minha mãe, de meu pai. Histórias para calar, histórias para pensar, histórias para aprender, histórias para brincar e histórias para esquecer. Histórias que, ao longo do tempo, fundiram-se, emaranharam-se e foram, aos poucos, tecendo outras e outra: a minha própria.

Estas histórias tiveram em mim caráter formativo, na medida em que me constituem e dão indícios da forma como delas me aproprio, tornando-as minha própria história, ainda que não tenha vivido algumas delas no momento em que ocorreram, mas sim a partir de conhecê-las através de relatos. As histórias ouvidas, além de tornarem-se minhas próprias histórias, também me conduziram ao pensamento leitor, à imaginação diante da narrativa, à pressuposição dos fatos que poderiam ocorrer na busca de prever, antever, o que aos poucos se revelava, e a

relações possíveis com acontecimentos cotidianos que a eles agregavam um pouco de magia, já que em sentido tanto se assemelhavam aos contos.

Os contos de fadas e as fábulas, contados por minha avó, principalmente, tornaram-se, durante toda a minha infância, formas de explicação para o mundo que a mim se apresentava aos poucos, fonte de sensações, de sentimentos, além de estimularem sonhos e fantasias.

Quando criança preferia os contos de fadas. As princesas, as bruxas e madrastas, os príncipes e todos os seres e acontecimentos fantásticos me pareciam a mais clara representação de um mundo sonhado, desejado.

Tudo era entendido de forma muito clara. Não havia a possibilidade de um único ser agregar em si o bem e o mal ao mesmo tempo. O bom era bom e o mau, mau. Branca de Neve, clara como a neve, de tão pura e boa falava com os animaizinhos da floresta, já sua madrasta invocava forças ocultas por meio de um espelho. Nas histórias ouvidas, o bom sofria as tentações e agruras provocadas pelo mau. O belo parecia envolvido por uma névoa formada de maldade, em sua mais ingênua expressão, porém, até o final da história, esta névoa se dissiparia e cederia espaço a uma brisa fresca e iluminada. Uma visão ausente de malícia, que separava o bem do mal de forma muito definida e que não admitia um meio-termo.

O mais interessante é que a percepção dessa visão infantil para os contos, característica que lhes é própria, é efetivada neste momento de escrita, quando compreendo o motivo pelo qual esta condição/característica tão bem definida me atraía e se fazia natural. Hoje, racionalmente, é um pouco difícil conceber as mesmas princesas isentas de vaidade ou egoísmo, e até mesmo de algum desejo de vingança diante de seus malfeitores; basta enveredar-me num desses contos novamente, eis que o feitiço recai sobre mim outra vez e esqueço a ambivalência dos seres.

Já adolescente, os contos e as fábulas foram substituídos pelos romances.

Lembro-me até hoje de quando terminei a leitura de “O morro dos ventos uivantes”, de Emily Brontë. Era início das férias de julho e estava em casa de minha avó, pois passaria este mês com ela e meu avô, na cidade de São Carlos, onde moravam. Havia passado o dia todo com a leitura, ignorando as amigas que tinha, desde a infância, com garotas e garotos da minha idade, vizinhos de meus avós.

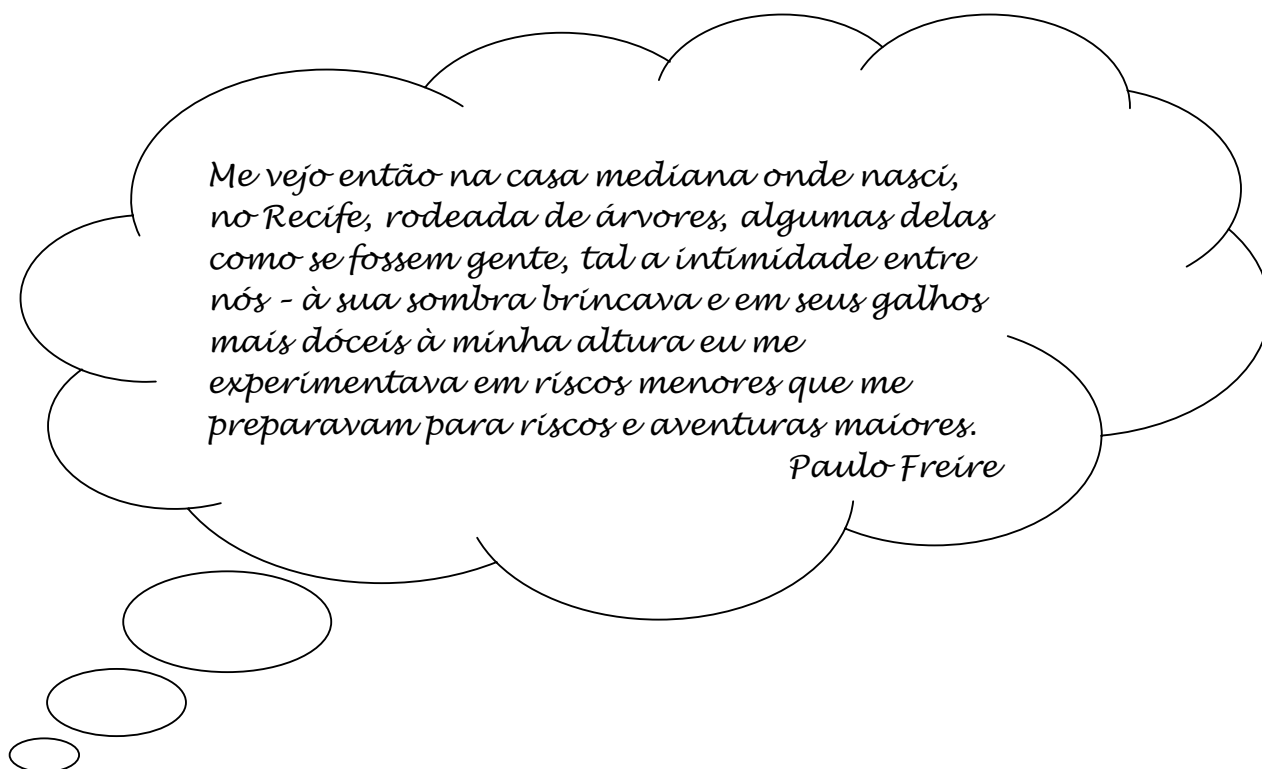
Posso sentir o aperto no peito ao pensar nos momentos em que fazia a leitura do livro. Imaginava a névoa que pairava sobre Wuthering Heights enquanto

outra névoa envolvia seu próprio dono, tornando-o misterioso e fascinante. Terminei o livro tarde da noite, na cama antiga de madeira com colchão de molas que, anos antes, servira de esconderijo para as brincadeiras de esconder com meus primos. Os lençóis eram branquíssimos, alvejados por minha avó, e parece que posso até mesmo sentir o cheiro da brancura deles, mais de vinte e cinco anos depois. Sei que esta lembrança se faz mais devido à recordação da leitura e do que vivi na relação com o livro, como o vivido em “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, do que das brincadeiras ou do zelo de minha avó.

Recentemente, quando já havia escrito o trecho acima, ao rever algumas leituras encontrei o livro de Ana Maria Machado, “Como e por que ler os clássicos universais desde cedo”. Nele a autora relata sua experiência com a leitura do mesmo romance que tanto marcou minha adolescência:

Ah, esse me proporcionou uma das leituras mais hipnotizantes de minha adolescência... Fiquei obcecada com os personagens – principalmente o fascinante Heathcliff, que eu não sabia se era objeto de minha paixão ou me apavorava, mas certamente povoava meus sonhos. A situação até poderia ser semelhante a de outros livros – a moça pobre que vai trabalhar na grande mansão. Mas a atmosfera do livro é insuperável, com seus elementos góticos e lúgubres em meio a uma paisagem agreste e misteriosa que, para sempre, introduziu em meu imaginário os pântanos cobertos de neblina, as urzes da charneca (eu tive que procurar no dicionário o que eram essas palavras, mas isso só aumentava meu encanto), os ventos desencadeados e constantes. Tudo impregnado de memórias terríveis, de dor profunda, da tentação de vencer o sofrimento por amor. (MACHADO, 2002, p. 105-106)

E pensar que a leitura deste livro não me fora indicada por ninguém na época. Simplesmente, ao vasculhar as estantes da biblioteca da escola em que estudava, deparei-me com ele e me senti atraída por seu título. Sentia certa amizade por aquelas estantes e pelos livros, tínhamos uma convivência, às vezes pareciam gente, guardando histórias para mim, tal qual minha avó fazia.



Era um mundo, um lugar que ia se configurando, que daria depois sentido a outros lugares e a outros mundos.

Outros gêneros literários foram descobertos ao longo do tempo.

Já adulta, me dei conta de que as histórias não eram tão ingênuas como me pareciam quando as ouvia na infância ou no sonhar adolescente, e o risco na leitura ia se modificando, por vezes aumentando.

“Patinho Feio” não mostrava somente a discriminação e as dificuldades vividas por seu autor; penetrava na alma e fazia-nos “enxergar/sentir” aquilo que nos tornava o próprio patinho diante da vida.

Percebi que os contos trilhavam comigo os caminhos que me levavam a mim mesma. Entendi os contos de fadas na plenitude de narrar os anseios, os desejos humanos e, principalmente, como verdadeira expressão narrativo-figurativa da maturidade que alcançamos após desafios vividos, enfrentados, superados, que se fazem e refazem dando origem a outros e reafirmando, tal como nos contos onde, assim que um ciclo vivido se “conclui”, outro é iniciado, num movimento onde não se reconhece um início e nem um final. Uma forma bela de falar dos sofrimentos, das angústias, e de reafirmar a força e a coragem que conquistamos no caminho do existir.

Muitos livros vieram. Muitas histórias envolveram-me, tiraram-me o fôlego, mas os contos de fadas retornaram à minha vida quando nasceram minhas filhas.

Com elas, a história se repetiu, perpetuou-se. As histórias a mim contadas por minha avó passaram a fazer parte do universo de minhas filhas.

Anos mais tarde, em 2001, passei a contar histórias numa instituição rio-clarense destinada a acolher crianças órfãs ou cujas guardas estavam, ainda que provisoriamente, indefinidas. Foi uma experiência enriquecedora que, infelizmente, durou somente até 2003, devido a modificações administrativas na instituição. Lembro-me de algumas histórias contadas às crianças, porém não foram as histórias contadas que se tornaram marcantes e sim a história que produzimos: a convivência com crianças maravilhosas que necessitavam de um pouco de aconchego, seja por meio de um contato visual, pela voz ou pelo corpo, quando iam se encostando e acomodando no meu colo.

Posso dizer que esta experiência teve importância marcante em minha vida e ajudou-me na decisão de buscar uma formação acadêmica. Em 2003 ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Rio Claro.

As leituras e seu compartilhar, realizadas durante a graduação, revelaram-se enquanto entrada em outros mundos que eu não conhecia. Foi nos anos de graduação que experimentei a leitura que se revelava e se aprofundava na multiplicidade de sentidos que o grupo produzia, de colegas e professores neste caso, visto que cada um trazia consigo diferentes experiências.

Recordo-me de leituras exaustivas, como trechos de obras de alguns filósofos como René Descartes, Immanuel Kant, John Locke e outros, que aos poucos foram me dando pistas sobre o pensamento humano dentro do contexto histórico em que estava inserido ao longo da história da humanidade.

A “História Geral”, termo que usamos para nos referir à história mundial durante a formação escolar básica, aprendida na escola, passava a ser apreendida com os escritos de Antonio Gramsci, Karl Marx, mas também repensada com a contribuição de Boaventura de Sousa Santos, de Michel Foucault, Pierre Bourdieu e muitos outros.

Aliadas a estas, vieram outras leituras e outras formas de perceber a leitura da literatura inserida em diversos contextos e a todo o tempo. Contos de Clarice Lispector, como “A menor mulher do mundo” e de Virgínia Wolf, como “Três

quadros”, tornavam-se fonte para reflexões sobre questões que iam além das indagações que tínhamos sobre os discursos e atos pedagógicos, pois tratavam de questões em sua totalidade, nunca desconsiderando a emoção e as sutilezas humanas neles presentes.

Mas um dos primeiros textos lidos durante a graduação, que redimensionou minha concepção de leitura e de formação do sujeito leitor, foi “A importância do ato de ler”. Não conhecia Paulo Freire quando fiz esta leitura. Suas palavras me remeteram a um novo olhar sobre o sentido da leitura em minha vida, da estreita ligação entre aquilo que fazemos e vivemos com o sentido que conferimos ao que lemos ou ao lugar ocupado pela leitura, e posso dizer que passei a olhá-la como quem olha para um ser vivente pleno de vontades, de desígnios.

Além disso, ao ler este texto de Freire estamos diante de sua história: ao contar sua própria história, ele produz novos sentidos para o ato de ler.

Um ano após o ingresso na faculdade, matriculei-me em um curso destinado a formar contadores de histórias. De início, a ideia me pareceu muito estranha. Entendia como contadores aqueles que narram algo, seja suas experiências, uma história lida ou ouvida, e desta forma, como contadores, poderiam ser pensados todos os seres humanos.

Se chegamos em casa e contamos como foi nosso dia, aí está a história. A viagem, um passeio, nascimentos, o canto dos pássaros voando de árvore em árvore que vejo e ouço pela janela aberta diante de mim, enquanto escrevo, são histórias que narram e registram outras várias histórias, além de revelarem modos como olhamos o nosso cotidiano e tudo à nossa volta. E todos o fazem, mas não são todos os que se consideram contadores.

Para mim, contar histórias é um ato quase natural, que foge aos métodos e às técnicas. Ocorre porque temos necessidade de nos expressar, de permitir que acontecimentos não permaneçam enclausurados, trancafiados na fortaleza dos corpos e das mentes. Aquilo que contamos tem como natureza a liberdade.

Conforme escrevo esta reflexão, não consigo deixar de me lembrar do filme “Peixe Grande e suas histórias maravilhosas”. Falaria sobre ele depois, tentei me conter e esperar, mas foi impossível.

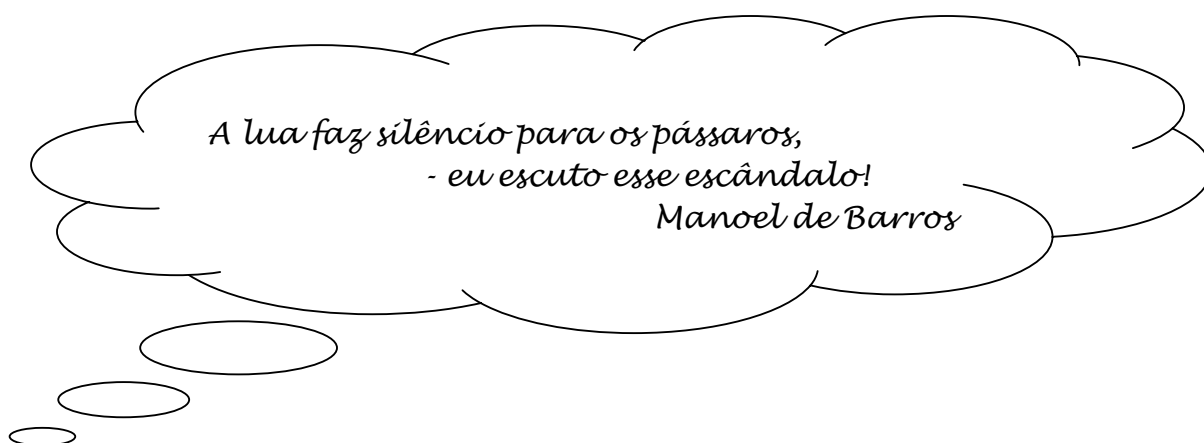
O filme trata do conflito entre Ed - Peixe Grande – e seu filho, já adulto e prestes a se tornar pai, Will. Peixe Grande, grande contador de histórias, relata sua

vida como uma grande aventura, povoada por seres, acontecimentos e lugares fantásticos e maravilhosos.

Na verdade, Will passa uma temporada com seu pai, pois sabe que este está em seus últimos dias de vida, mas não aceita bem as “fantasias” do contador ao narrar fatos de sua vida, como quando se apaixonou por sua mãe, o serviço militar e a experiência de guerra, o casamento e o nascimento de Will. A todo tempo, Ed rememora e narra estes fatos vividos, principalmente para sua nora, esposa de Will.

Um beija-flor entrou pela janela aberta. Assustei-me e desviei meu pensamento da história de Peixe Grande para as poesias de Manoel de Barros, porque depois que conheci suas poesias nunca mais um ser, vivente ou não, pôde ser por mim ignorado, ainda mais se estiver entrando em meu escritório. Precisei contar sobre o beija-flor. Talvez um trabalho acadêmico não comporte um passarinho entrando pela janela, de qualquer forma sua existência está registrada por esta narrativa.

Não pude deixar o beija-flor de lado porque ele me tirou daquilo que havia planejado: relatar o filme. E foi exatamente neste momento de encantamento que minha mente, minha imaginação uniu, em existência, Peixe Grande e Manoel de Barros.

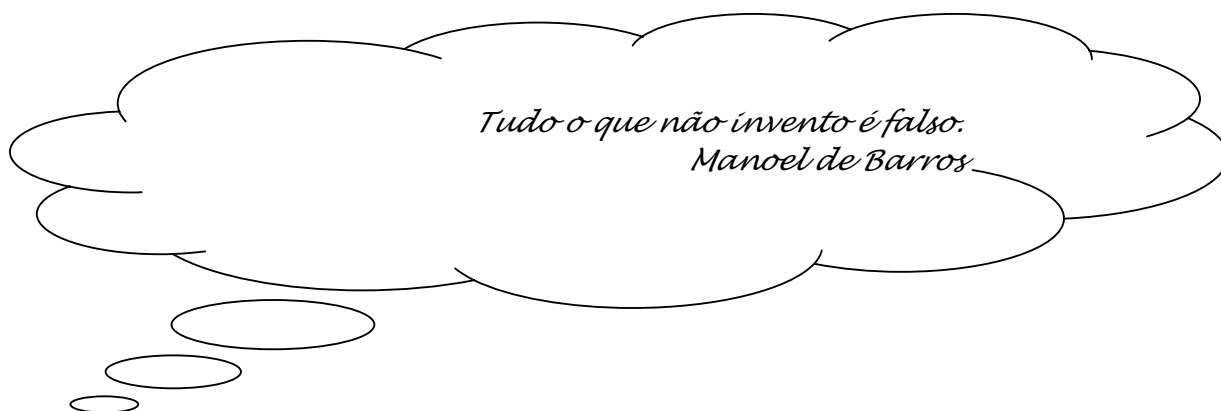


É uma potência, uma força que não se explica. A lua que silencia, o passeio do beija-flor... Não há palavra que expresse essa existência.

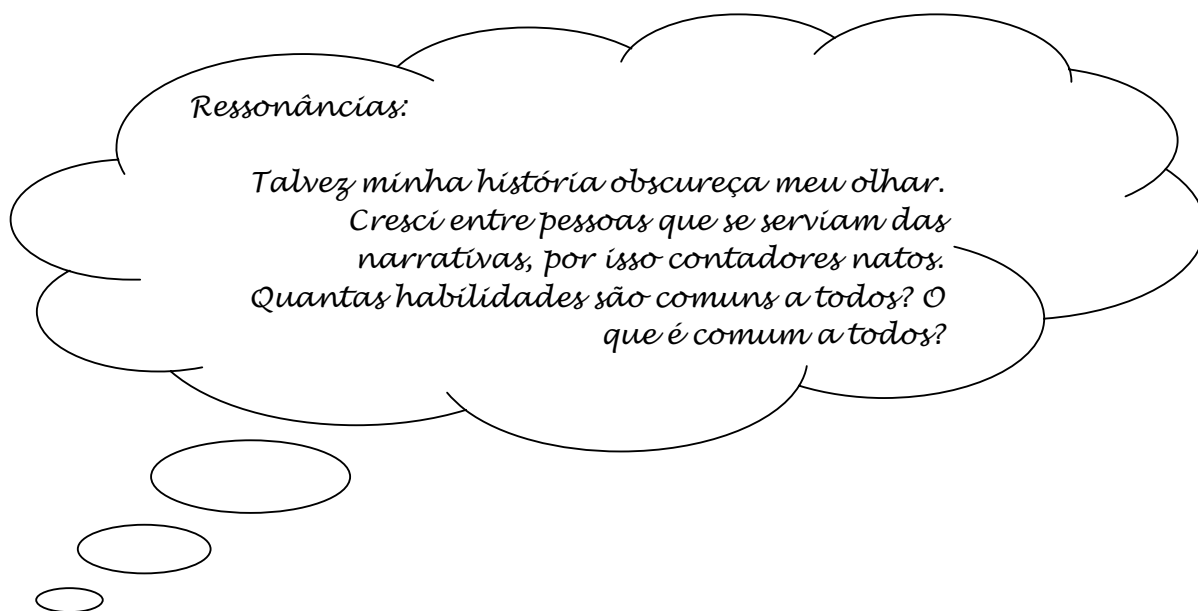
Pensando novamente em Peixe Grande, esta narrativa não seria exatamente a forma simples que nós, seres humanos que vivemos por um cisco de tempo, encontramos para assegurarmos nossa existência? (Ou para assegurarmos, nós mesmos, sobre ela?)

O fato é que, durante a temporada que passa na casa de seu pai, Will descobre muitos documentos antigos que comprovam lugares e acontecimentos relatados pelo pai. Quando Ed morre, seus amigos, os seres fantásticos cujas características marcantes foram intensificadas pelo contador, visitam a família para o funeral e Will percebe que seu pai nunca mentiu para ele, apenas optou, narrando, por transformar cada fato de sua vida em um grande acontecimento.

Beija-flor, que entra pela janela, traz sempre leveza e outras cores.



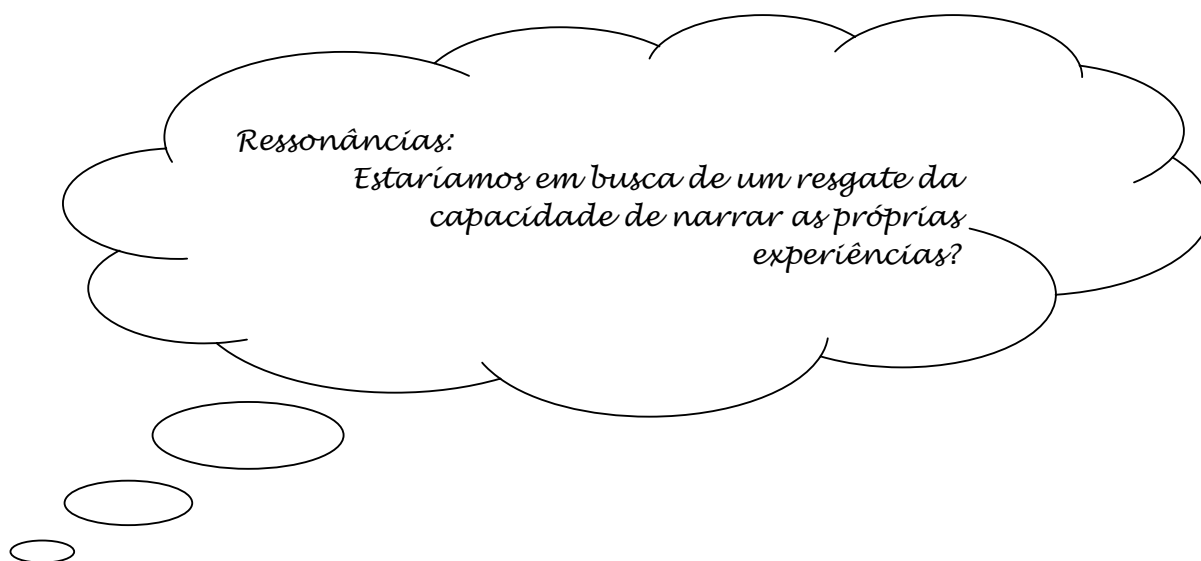
Precisei contar tudo isto para justificar o motivo de meu estranhamento diante de um curso com a finalidade de formar contadores de histórias.



Movida pela curiosidade, e também pela possibilidade de ouvir narrativas por parte de outras pessoas e da professora do curso, lancei-me a uma nova experiência.

No curso foram discutidas muitas técnicas sobre como melhor se posicionar perante o público, formas de vencer a timidez e como preservar a voz do contador.

Porém, o que mais me chamou a atenção foi a quantidade de pessoas, cerca de quinze adultos, reunidas aos sábados pela manhã, procurando *aprender a contar histórias*.



Estava já na fase final do curso quando conheci a proprietária de uma livraria localizada na zona central desta cidade, Rio Claro - SP. Na verdade, comprava alguns livros nesta livraria quando começamos a conversar. Durante a conversa falei sobre minha experiência com a narrativa de histórias, sobre o curso que estava fazendo e, desta conversa, surgiu o convite para que eu passasse a contar histórias, uma vez por semana, naquele lugar.

Era mês de férias e a livraria havia sido reformada, acomodando agora um espaço destinado a servir cafés e lanches rápidos. Um evento cultural semanal, o espaço de contação de histórias, sem dúvida atrairia clientes, mas também privilegiaria a história da livraria, pois sua proprietária a montou a partir de vendas de livros nas escolas rio-clarenses, que eram sempre acompanhadas de muita contação de histórias por ela própria.

Aceitei o convite sem hesitação. Seria uma experiência, durante o período de férias, num outro lugar que não era minha própria casa com minhas filhas e também bem diferente de estar com as crianças órfãs.

A cada semana aumentava o número de pessoas presentes às contações de histórias, de tal forma que, muitas vezes, o espaço disponível era pequeno e algumas pessoas ficavam do lado de fora, observando pela janela. Com isto, a experiência não se limitou ao mês de férias. Durante cerca de dois anos, semanalmente, promovi diretamente estes encontros com o mundo da fantasia que as histórias permitem.

“A hora do conto”, assim chamávamos esses encontros, de certa forma possibilitou que minha capacidade de narrar histórias fosse conhecida além das paredes da livraria. Sempre era convidada para contar histórias em escolas e eventos literários.

Contar histórias, nesta época, passou a ser uma atividade profissional, pois eu era contratada para tanto e recebia os honorários pelos serviços prestados. As escolas rio-clarenses com poucos recursos financeiros, que me procuravam, também eram atendidas, mas para estas eu não cobrava pelo serviço.

Acostumei-me a contar histórias principalmente para crianças e constitui um baú de histórias e um baú para as histórias.

O baú de histórias fica dentro de mim. São as que eu mais gosto de contar e as que algumas crianças pedem até hoje para eu contar. Posso comparar esse baú à infância de Paulo Freire, descrita em “A importância do ato de ler”. São histórias que me compõem, que me identificam porque revelam meu modo de (re)ver e (re)interpretar o mundo. Penso que as conto com muita intensidade a ponto de torná-las as preferidas de outros também, e que isto se deva exatamente pelo quanto são “verdadeiras” para mim.

Já o baú para as histórias é um baú de vime, cheio de lenços, óculos coloridos, pequenos pandeiros, apitos, uma violinha, tiaras de princesa e um tanto de imaginação, minha e dos ouvintes, que confere a cada um desses objetos a magia para se tornarem encantados.

No ano de 2005 fui convidada por uma escola de Rio Claro, com cerca de 1400 alunos na época, para a reinauguração de sua biblioteca, devendo contar histórias para todos os seus alunos, ou seja, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. De imediato, fiquei preocupada em contar histórias para os adolescentes e

jovens, mas aceitei o desafio. Acredito que temia os riscos dessa forma de leitura e a exposição resultante dela. A experiência com as crianças sempre foi muito positiva; elas são capazes de não tocar um lenço se este estiver representando um riacho e, se tiverem que tocá-lo, imediatamente depois secarão os pés e até sentirão o frio da água gelada.

Recorro a Manoel de Barros. E penso nele como penso na criança diante do riacho. Que capacidade de imaginação é essa que ouve o silêncio da lua? Que escuta a cor dos peixes? Que sente a temperatura das águas de um riacho, mesmo estando dentro de uma escola?

As histórias... o encanto... a criação.

Selecionar histórias para crianças, portanto, não era tarefa difícil, mas preocupava-me com os maiores. Busquei em muitos livros até encontrar algumas fábulas italianas no livro “A última fábula”, de Liliana Laganá. Convidei uma amiga e colega da graduação, que já havia trabalhado com teatro, para dramatizar o que eu contava, e assim formarmos uma dupla.

A apresentação foi um sucesso, um enlace quase perfeito entre a história e sua dramatização que, de certa forma, acontecia de forma espontânea. Ao contar as histórias, eu não me preocupava em seguir literalmente o texto e intensificava alguns acontecimentos e atitudes de suas personagens. Minha amiga tinha que acompanhar minhas palavras e lidar com os imprevistos. Idade não foi problema. Crianças, adolescentes, jovens e adultos compartilharam este momento de leitura.

Penso que esse “não seguir literalmente o texto” expressa além de uma identificação com os acontecimentos da narrativa, conduz a uma possibilidade para a re-criação no momento da oralidade, que também se pode entender como uma reescrita do texto, visto que o revê, o reinterpreta.



Tarde de contos na livraria – julho/2004
Fonte: Mariangela Polacchini Zanella (acervo pessoal)



Noite de contos e causos junto aos Cururueiros de Piracicaba
Junho/2005
Fonte: Mariangela Polacchini Zanella (acervo pessoal)

Quando ingressei como professora, no ano de 2006, na mesma escola onde contei as histórias para a reinauguração de sua biblioteca, tive que interromper esta atividade por não conseguir conciliar minha atividade profissional, o último ano de graduação, minhas tarefas enquanto mãe, esposa e dona de casa, e o compromisso de preparar-me todas as semanas para contar histórias.

No ano de 2005, durante a graduação, participei do projeto “As possíveis leituras/escutas do mundo encantado de Hans Christian Andersen”, vinculado ao Núcleo de Ensino – UNESP Rio Claro, coordenado pela professora doutora Maria Augusta H. W. Ribeiro.

Neste projeto contei histórias deste escritor para professores de uma escola pública de ensino fundamental (1ª a 4ª série). Após ouvir a narrativa das histórias de Andersen, conversávamos sobre o texto contado/ouvido, como se buscássemos um melhor entendimento de algumas partes dele.

Foi interessante perceber que estes comentários sobre o texto geralmente se iniciavam com a formulação de algumas questões sobre ele, como se os participantes precisassem de uma reafirmação do que havia sido narrado ou de uma certificação de que haviam compreendido a história realmente. Uma busca pelo entendimento explícito do texto.

Em seguida passávamos a falar das nossas próprias experiências. Nossas vidas, nossas leituras, o exercício profissional de cada um, tudo isto emergiu enquanto narrativas desencadeadas pelo texto, pela história.

Muitos relatos sobre o uso das histórias em sala de aula eram feitos: a utilização delas como suporte pedagógico, a fim de desenvolver aprendizagens previstas no currículo escolar; como apoio para resolução de conflitos que envolviam, de alguma forma, os aspectos evidentes na narrativa; mas também pelo prazer da leitura.

Além dos relatos sobre o uso da literatura em sala de aula, outros, de natureza pessoal e subjetiva, emergiam durante a discussão do texto: relatos que rememoravam situações vividas há tempos e que traziam, consigo, risos, silêncio ou lágrimas. Mais uma vez deparei-me com o ressoar de histórias, ou o encontrar-se a si mesmo, a partir de histórias, buscando em mim mesma, com os outros e nas próprias histórias, uma reinvenção pessoal. É impossível não trazer novamente a experiência de Paulo Freire e seu exercício de interpretar e compreender contextos a partir da história em que se insere.

O sentido implícito do texto ia, aos poucos, se revelando por meio das discussões. Associações entre as situações relatadas nas histórias e as observáveis no cotidiano eram realizadas e, aos poucos, os participantes do projeto percebiam o motivo pelo qual podíamos denominar aquelas histórias como clássicos literários.

Também percebíamos o quanto um mesmo fato narrado podia remeter a diversas significações, aproximando-nos, novamente, do entendimento do quanto a vivência pessoal se torna presente no entendimento que fazemos do mundo e de tudo que nos cerca.

Em 2006 formei-me pedagoga e, como mencionei, continuava a lecionar em uma escola, com crianças da segunda série do Ensino Fundamental.

Sem dúvida, a carreira docente traduz minha história de vida, pois permeia uma relação entre pessoas, a qual se dá por meio da troca de experiências, das múltiplas formas de perceber o mundo, estabelecendo relações entre estas percepções e, acima de tudo, de observar o entendimento que se faz, e que fazemos enquanto grupo – alunos (as) /professora/escola/comunidade, de tudo o que vivemos. Na verdade, esta concepção se relaciona diretamente à minha compreensão sobre o que é a leitura e sobre a necessidade de produzirmos histórias.

Esta vivência me encaminhou a pensar um pouco mais sobre a importância das histórias, sejam de vida ou literárias, movida por minha própria experiência subjetiva, percebendo o quanto estas histórias registram que a formação é um constante devir.

Com este intento, saí em busca de estímulos e de pensamentos que se somassem, se transformassem e que se dispusessem a **compartilhar**¹⁴ experiências e olhares em relação a essa questão: histórias, leitura, leitores e histórias de leitura. Passei a compor, em 2008, o grupo de estudantes do Programa de Pós-Graduação da UNESP – Rio Claro, como aluna do mestrado.

No começo tudo estava muito confuso, na verdade não sei bem se assim ainda continua ou se, de alguma forma, deixei a confusão um pouco mais arrumada. Colocar todas as ideias no papel, compor um projeto de pesquisa, me parecia mais

¹⁴ Destaco a preposição com o intuito de querer evidenciar seu significado de interação e faço uso da palavra – compartilhar – com o sentido de experiências construídas e partilhadas, porém multiplicadas, entre aqueles que vivem e convivem entre si.

complicado do que atravessar as florestas escuras e cheias de ogros descritas em muitos contos de fadas. De certa forma, acho que já estava em uma delas.

Entretanto, delinear o estudo correspondeu apenas a uma modesta trilha nesta floresta que pretendia desbravar, que pensava poder desbravar, mas que, aos poucos, fui percebendo que eram florestas mais encantadas do que parecem, pois erguem-se em lugares e momentos distintos durante toda nossa existência.

De início, tinha a minha experiência e a minha história. Mas o que outras experiências e histórias tinham a oferecer enquanto práticas que formam e transformam pessoas a todo o tempo?

Esta questão não era o início da trilha porque, aos poucos, compreendi que uma caminhada já havia sido feita e desconhecia o que viria à frente. De todo modo, já estava sendo narrada e bailava nos limites fronteiriços da floresta dos contos de fadas, inspirando-me fascínio e também a busca pelo desconhecido.

Iniciava-se mais uma experiência, uma nova história para ser contada. Porém, assim como ocorre na literatura, nem sempre o caminho que prevemos, o desfecho que antevemos, é aquele que o autor reserva para sua história.

Nesta história, tecida ao longo dos últimos dois anos e meio, não foi diferente. Personagens saltaram do texto, traçaram rumos inesperados, abriram trilhas, conduziram a caminhos que não haviam sido pensados.

E eu me deixei levar, como num romance, abrindo-me a novas descobertas...

Revisitando experiências

No segundo semestre do ano em que iniciara a pós-graduação, fui convidada a ministrar um curso de formação de contadores de histórias na livraria onde contei histórias por dois anos.

Inicialmente, recordei meu próprio pensamento ao ser aluna num curso com esta mesma proposta e, reconhecendo que seria uma experiência bastante interessante, aceitei o convite.

Confesso que me senti bastante ansiosa, imaginando quem seriam as pessoas a inscreverem-se no curso e, principalmente, se haveria pessoas inscritas.

Mais uma vez me questionava sobre que motivos alguém teria para se esquecer que é contador de histórias por natureza.

Surpreendi-me logo nos primeiros dias de inscrição para o curso: na primeira semana, as vinte vagas disponibilizadas foram preenchidas.

O curso teve trinta horas de duração e aconteceu entre os meses de setembro e dezembro de 2008, sempre às sextas-feiras, das 18 às 21 horas.

Minha proposta para o grupo, formado por jovens e adultos, homens e mulheres, era de que redescobrissemos a forma “natural” com que cada um conta uma história.

Trouxe também sugestões como o uso de fantoches, lenços, objetos e instrumentos musicais, para que pudéssemos experimentar um pouco de tudo, pois havia algumas professoras interessadas no uso desses materiais para contar histórias às crianças.

Sempre compreendi a leitura e o dar a ler enquanto liberdade de pensamento e desprendimento de conceitos preestabelecidos, embora, muitas vezes, percebo a mim mesma amarrada e amordaçada por estes conceitos e custo a me dar conta disso.

Tenho muitas recordações deste curso, mas um fato se destaca e aconteceu logo no primeiro encontro.

Eu estava ansiosa e nervosa. Contar histórias é fácil, é só contar o que passa pelo pensamento ou aquilo que vivemos, mas se propor a ensinar a contar... Acho que só me dei conta disso no dia de iniciar o curso.

Comecei, é claro, contando uma história, “A fábula da fábula”, de Regina Machado. Sentia que tremia por dentro. Em seguida, me apresentei e pedi que cada um, ao se apresentar, contasse como seu nome foi escolhido – quase impossível separar a contadora da professora – como forma de já iniciarem contando uma história.

Levei minha televisão e um aparelho de DVD para a livraria, pois havia programado, para aquele primeiro encontro, assistirmos ao filme “Peixe Grande e suas histórias maravilhosas”. A ideia foi muito bem aceita pelo grupo. As pessoas que já haviam assistido encantaram-se com a possibilidade de poder vê-lo novamente e as que não o conheciam mostraram-se receptivas com a ideia.

A exceção foi um casal que, inicialmente, não expressou opinião, mas durante o filme mostrou-se inquieto, remexendo-se o tempo todo. Tanto ela quanto

ele deixaram clara sua insatisfação. Saíram da livraria várias vezes e, quando começamos a discutir o filme e o curso, não se manifestaram.

Na semana seguinte, logo que cheguei para o segundo encontro, recebi a notícia de que este casal havia desistido do curso e que criticara nossa última reunião, não entendendo que relevância aquele filme poderia ter para o curso.

Confesso que, passada a sensação ruim perante a não aceitação à proposta do filme, que senti ao receber a notícia, senti-me aliviada. Fiquei imaginando a postura daquele casal, pouco aberta a outras formas de olhar, perante o ato de contar histórias, um ato de entrega, de exposição quase total de quem conta.

Ao final dessa pesquisa, percebi em mim a mesma postura; ainda que não ocorresse nenhum fato de forma explícita, percebo o quanto, muitas vezes, tentei controlar, direcionar, decidir tudo o que ocorria, não aceitar possibilidades. Este “abrir o olhar” para a liberdade dos acontecimentos vem acontecendo e posso dizer que o trajeto que percorri, as experiências que vivi a partir desse trabalho têm grande parcela de responsabilidade nisto.

Voltando ao relato, seguida à notícia da desistência dos dois, veio outra: a de que as duas vagas já haviam sido preenchidas.

Cada hora que passamos juntos naquele curso foi valiosa, rica. A troca de experiências que se deu enquanto montávamos uma história para contar, o envolvimento de cada um com a história escolhida, identificações particulares e pessoais que se revelavam pouco a pouco, e tantas outras sutilezas, construíram uma história, esta história que agora conto.

Esse contato, esses encontros com o outro e com a diferença entre outros, me aproxima dos contos de Clarice Lispector. Sempre me fascinei por seus contos, principalmente pelas inúmeras facetas da personalidade e dos sentimentos humanos que Clarice revela. A experiência de ver e ouvir e sentir o outro a contar uma história vai me enredando a pensá-lo em sua plenitude, a imaginá-lo intensamente. Talvez isto seja possível pelas brechas que se abrem durante a exposição entre a história e a pessoa.

Vez ou outra encontro-me com alguns integrantes do grupo, que sempre me perguntam quando faremos a continuação, o “número dois” de vários outros. Respondo sempre que faremos sim, e este é um projeto para o final deste ano, quando todas as versões desta escrita estiverem prontas.

E o que dizer dessa experiência hoje, passados dois anos de seu acontecimento?

Ao retomá-la, busco elementos que me ajudem a olhá-la um pouco mais profundamente. Questiono-me o que esses fatos significaram aos envolvidos na atividade, se houve um encantamento que nos manteve unidos durante três meses.

Talvez a palavra seja realmente ENCANTAMENTO. Ao distanciar-me desses fatos e retomá-los tempos depois, entendo que o encantamento venha exatamente daquilo ou naquilo que desconhecemos, mas que buscamos uma aproximação.

Durante o curso pude planejar os fios que permeariam nossas discussões, mas não poderia supor aonde chegaríamos. Talvez esteja aí o espaço da formação, do devir, no movimento do que conheço, do que preparo, planejo e me imponho, com o imprevisível, o espaço do acontecimento, onde ocorre a criação.

Histórias com outros

Passa um galho de pau movido a borboletas:
Com elas celebro meu órgão de ver.
Manoel de Barros

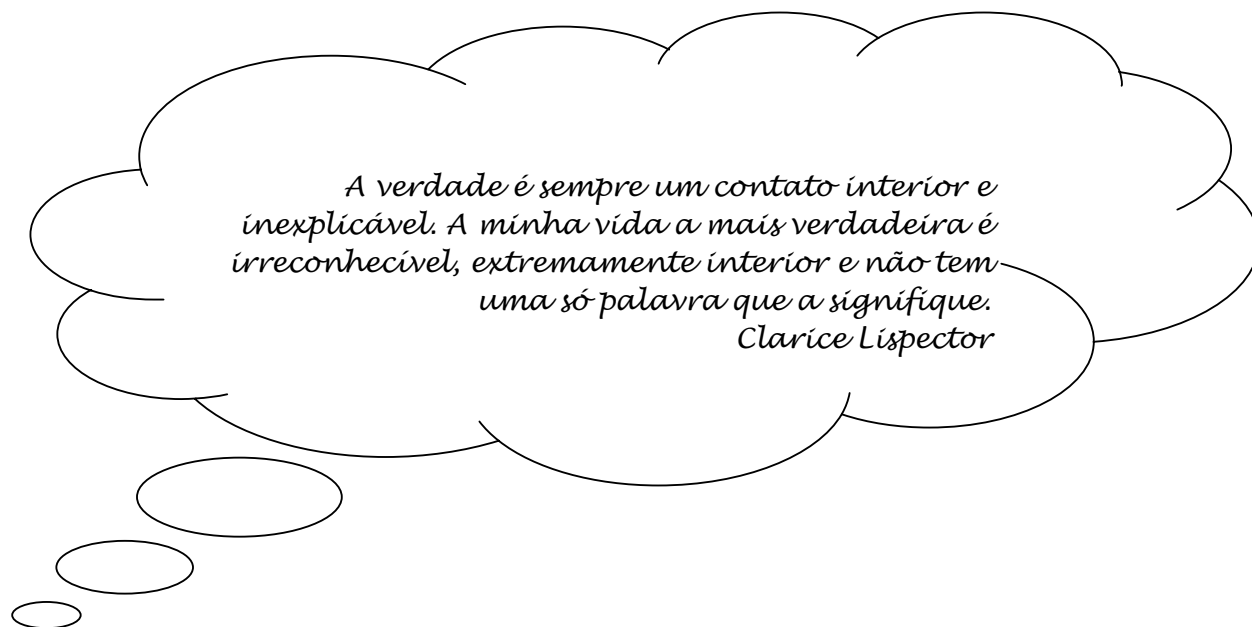
A manicure

Certo dia, enquanto a manicure de um salão tratava de minhas unhas, percebi ao seu lado um livro, cujo estado de conservação denunciava já ter sido visitado por muitos leitores.

Puxei conversa com a leitora, que trabalhava em seu ofício com destreza. Quis saber o que lia, se conseguia ler durante os intervalos entre uma cliente e outra, enfim, me aproximei.

A leitora se rendeu à conversa de forma mais atenciosa do que aquelas que se veem, ou melhor, que se ouvem, nos salões de beleza, durante os serviços prestados. Diminuí o ritmo dos alicates e das lixas e passou a contar sobre livros e leitura.

Contou que sempre gostou de ler e que se entregava à leitura como se estivesse em outra vida. Passava a ser ela própria um dos personagens da história que lia, geralmente aquele que mais lhe chamava a atenção.



Relembrou sua felicidade quando o marido, chegando de uma viagem que havia feito a trabalho, entregou-lhe uma coleção com livros do Paulo Coelho, que havia ganhado num sorteio. Comentou que preferia outros autores, outros gêneros literários, mas que ficou muito satisfeita, pois raramente comprava algum exemplar.

Durante a conversa, que durou cerca de 40 minutos, revelou que uma vez por semana, sempre no dia de sua folga, passava pela biblioteca pública do Cervezão¹⁵ para devolver os livros que estavam em sua posse e emprestar outros. Geralmente retirava um ou dois livros para si, que lia durante a semana, e outros, infantis, para ler para seus filhos.

Este encontro me trouxe boas recordações. Embora eu não frequentasse a mesma biblioteca que a leitora que acabara de encontrar frequente, também eu realizava, há alguns anos atrás, quando minhas filhas tinham entre três e sete anos, idas semanais à biblioteca pública do Centro Cultural “Roberto Palmari”, de Rio Claro. Possuía três carteirinhas, uma minha e uma para cada uma das minhas filhas, para poder retirar uma quantidade maior de livros, principalmente os infantis, que

¹⁵ Cervezão é o nome de um bairro do município de Rio Claro – SP.

traziam histórias mais curtas e muitas ilustrações e, em consequência, eram devorados mais rapidamente.

Para além das recordações, uma sensação de proximidade com aquela mulher, estranha, tomou-me. Enquanto conversávamos e narrávamos nossos modos de viver, nos encontrávamos e sabíamos que compartilhávamos uma história semelhante.

Expúnhamo-nos como se nos conhecêssemos há anos. Provavelmente, quem observasse nossa conversa não poderia supor que acabávamos de nos conhecer.

Lena e Julia: leitoras singulares

Lena¹⁶

Conheci Lena através de Norma. Assim como o beija-flor, não sei se Norma pode entrar assim num trabalho acadêmico. Na verdade, conheci Norma por meio de alguns de seus textos e também já a vi de longe, em congressos. Acredito que não chamá-la por seu sobrenome, mas sim pelo nome como é conhecida por seus amigos e colegas de profissão, não seja desrespeito nem intimidade, mas forma de registrar uma amizade com a leitura dos textos que ela escreveu. Além disso, seria um pouco estranho chamar de Ferreira quem me apresentou Lena.

Lena, uma leitora muito especial.

Quando menina, Lena viveu em várias cidades. Estudou até os treze anos, e foi com esta idade que terminou a quarta-série, não porque havia sido reprovada em algum ano, mas por causa das mudanças de cidade que fazia com sua mãe.

Lena aprendeu a ler, mesmo, com seus irmãos mais velhos, brincando de escolinha.

¹⁶ A narrativa é baseada em artigo disponível na página virtual do ALLE – Grupo de Pesquisa, Alfabetização, Leitura e Escrita. FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. “Anotações sobre uma leitora singular”. Disponível em http://www.fe.unicamp.br/alle/pub_textos.htm (acessado em 20/02/2010, às 20h23).

Com treze anos foi viver com o pai de seus três filhos que, na época em que Norma contou esta história, 2002, estava num presídio. E com isto, acabou deixando a escola na infância/adolescência para retomar os estudos quando já estava adulta.

Além da leitura intensiva da Bíblia, Lena lê jornais. Acredito que a leitura deste material não se deve ao gosto específico, mas ao fato de tê-lo disponível na casa onde trabalha como empregada doméstica, pois ganha e leva os jornais para casa depois que a família os lê.

Em casa, Lena lê o jornal com seus filhos, em voz alta, todos juntos, do mesmo modo como Norma e sua família o fazem.

Não se preocupa em folheá-los na ordem das páginas. Separa os cadernos, vistoriando-os até encontrar aquilo que lhe chame a atenção para a leitura – prende-se bastante nas imagens. Neste ponto me pareço com Lena; nunca consegui ler jornais e revistas pela ordem das páginas e sim pelas matérias que apresentam e me chamam a atenção.

Depois, Lena recorta tudo o que mais lhe interessou, sendo que sua preferência, entre as notícias e matérias dos jornais, é pelas narrativas, também as ficcionais, além das informações de utilidade pública.

Para ela – Lena – a leitura serve para mantê-la firme em sua fé e longe daquilo que é mal; é forma de informar-se e de superar a ignorância; é trabalho, porque quanto mais se exercita mais se aprende. Também é forma de educar os filhos, fazendo-os interiorizarem aquilo que leem e escrevem.

Ao contar a história de Lena, Norma conta a história de muitas outras Lenas que não aparecem nas pesquisas que, de certa forma, condicionam o ato leitor ao ato consumidor de adquirir o material de leitura. Esta leitora não compra livros e nem assina jornais, porém lê sozinha, lê com seus filhos, pratica diferentes modos de ler diferentes objetos impressos.

Lena transforma a leitura de um material informativo numa história de vida, nos momentos junto aos filhos, compartilhando experiências, saberes, sonhos, realidade...

Julia



Julia Medeiros com sua neta (1970)
Fonte: Acervo da família Silva – São Carlos – SP

Julia sempre teve uma Bíblia e a lia intensivamente. Foi ela quem fez a catequese dos filhos.

Estudou até a quarta-série e trabalhou como empregada doméstica na casa de sua professora. Foi nesta casa que teve contato com os livros.

A professora tinha uma biblioteca, assim Julia dizia. E, todos os dias, depois de terminar o serviço da casa, ela podia ficar ali, lendo o que quisesse. Preferiu a leitura das fábulas e dos contos de fadas, dizia se encantar com as gravuras das histórias de príncipes e princesas.

Lia sozinha, intensivamente, até decorar cada fábula, cada conto lido.

Não comprava livros, não tinha condições financeiras para isto, mas era leitora.

Foi bastante difícil recuperar os vestígios da experiência leitora e escritora – de cartas – de Julia. Ela falava pouco sobre sua infância e adolescência.

Desde criança trabalhou muito, sempre em serviços domésticos, pois esses eram os acessíveis às mulheres pobres da sua época.

Escrevia muitas cartas. Cartas para as irmãs que moravam em São Paulo – ela morava em Santa Cruz das Palmeiras –, cartas para o noivo que morava em Graúna.

Encontrei as cartas do noivo, mas as que ela escrevia para ele, ela mesmo havia queimado muitos anos antes de sua morte e nunca permitiu que ninguém as lesse, pois as considerava muito particulares.

Considerando que as cartas do noivo são diálogos com a noiva, suponho que para cada carta dele houve uma dela. As cartas eram trocadas principalmente nos períodos em que o noivo não dispunha de folgas ou não havia trem disponível nos horários que pudesse visitá-la.

Em 1932 houve a escrita de uma carta; em 1933 foram duas; em 1934 foram dezenove; em 1935 foram trinta e cinco; em 1936 foram dezesseis cartas. Julia e Antenor casaram-se em 01 de setembro de 1936.

Além das cartas para o noivo, Julia sempre escreveu para as irmãs, para os filhos e para os netos. Enquanto morava em Graúna, sua sogra morava com ela e, não sabendo ler e escrever, pedia à Julia que fosse escriba das cartas que queria enviar aos filhos, parentes e amigos, e ledora das cartas que recebia.

Nunca teve telefone e se atrapalhava um pouco quando precisava usá-lo.

Seus filhos ouviram suas histórias, aquelas lidas na casa da professora, ainda adolescente, mas seus netos ouviram mais, principalmente a neta que com ela viveu durante alguns anos da infância.

Mas, retomando, quando deixou de ser noiva e passou a esposa, mudou-se para Graúna, vilarejo pertencente ao município de Itirapina, que abrigava uma estação ferroviária onde seu marido trabalhava.

Uma semana após o casamento, Madrinha, forma como a sogra de Julia gostava de ser chamada, foi morar junto com o casal, na mesma casa, em Graúna.

Madrinha se casou ainda muito jovem, com um homem maduro, “muito mais velho do que ela”, conforme Julia contava aos filhos, sem precisar a quantos anos esta expressão correspondia. O marido de Madrinha era muito ausente devido a trabalhar como tropeiro e passar longos períodos longe de casa, e ela teve sobre si a responsabilidade de criar seus sete filhos, três homens e quatro mulheres. Ficou viúva quando seu filho caçula, Antenor, tinha doze anos.

Como Antenor viveu mais tempo com a mãe, o último filho homem a se casar, a responsabilidade em abrigar a mulher viúva, que não poderia morar sozinha, conforme os costumes morais da época, era dele.

Madrinha assumiu posição matriarcal na casa do filho. Passou a comandar o lugar e a ditar regras. Até mesmo a escolha dos nomes dos filhos do casal passava por sua avaliação, que se dava em checar se o dia do nascimento da criança era consagrado a algum santo, se fosse a criança deveria ter seu nome, ou se o nome não era de mau augúrio ou, ainda, se lembraria alguém que deveria ser esquecido.

Os padrinhos dos filhos de Julia e Antenor também eram escolhidos por Madrinha.

Madrinha era muito conhecida e querida no vilarejo, pois era a parteira do lugar e conhecia as plantas medicinais.

Durante a infância dos filhos, a vida de Julia foi muito difícil. Trabalhava sem descanso.

Além dos afazeres domésticos, do plantio de gêneros alimentícios, como arroz, feijão, cebola, alho, legumes e hortalças, e dos cuidados com a criação de animais, ela ainda lavava e passava roupas para clientes que moravam, em sua maioria, em Rio Claro, e cujas roupas eram transportadas pelos trens para o serviço.

Não podia ficar muito com os filhos, que se cuidavam entre si. Se sobrasse algum tempo, ou houvesse um tempo roubado, esse tempo era destinado à catequese e às lições de bordado e crochê.

Não houve muito tempo desfrutado com os filhos em suas infâncias e, mesmo que houvesse, não podia estar junto deles.

Observava seus bebês recém-nascidos, clandestinamente, pela janela, sem que Madrinha a visse, pois considerava que Julia tinha muita coisa para fazer e não deveria perder tempo com as crianças.

Julia só pôde estar ao lado de seu pequeno José quando ele já estava em seus últimos instantes de vida. Quando José ficou doente, sua avó, Madrinha, iniciou um tratamento baseado nas plantas que conhecia. O menino piorava a cada instante e Julia queria que trouxessem um médico de Rio Claro, como se fazia quando alguém adoecia.

O pedido de Julia foi atendido por Madrinha, mas quando isto aconteceu já não havia nada que o médico pudesse fazer.

Em sua sabedoria, Julia chorava baixinho, falava baixinho, sorria intensamente. Apesar de contar suas histórias com Madrinha, ela nunca se mostrou rancorosa ou culpou sua sogra por momentos mal-vividos ou não vividos. Sempre dizia que as atitudes da sogra eram reflexos da vida que ela vivera, das dores da alma que sofrera.

Acredito que a leitura de Julia, na época em que morou em Graúna – mudou-se para São Carlos – SP com o marido, quando os filhos já estavam adultos e a sogra já havia falecido, baseava-se nos textos bíblicos e nas correspondências com suas irmãs e mãe.

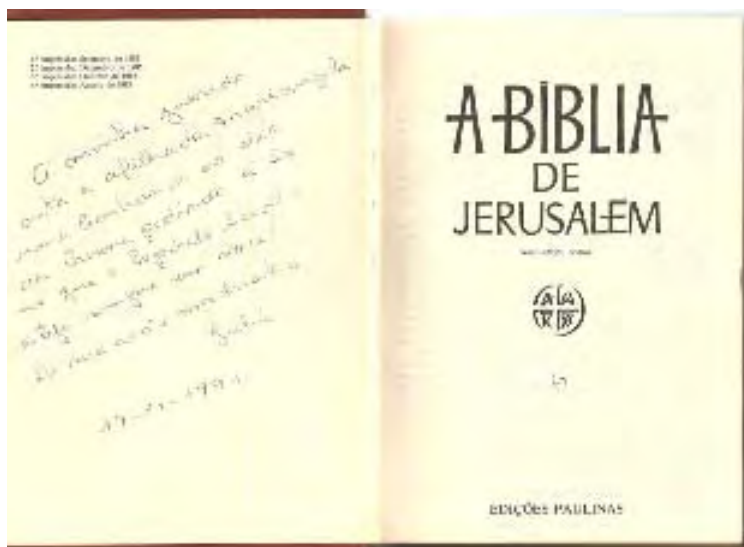
Para a neta, tempos depois, contou todas as histórias que sabia. Talvez tenha até inventado algumas.

Muitos momentos foram marcados por histórias. Para a avó não era necessário dizer que não se pode mentir, bastava contar a história de Pinóquio.

A neta tinha os cabelos compridos e, nesta época, devia ser muito pequena, pois a avó, que era bem miúda de corpo e estatura, colocava-a sentada sobre a penteadeira para penteá-la. E como devia ser difícil fazê-lo...

A menina reclamava muito, porque, após lavá-los, os fios se embaraçavam demais e tornavam o pentear uma tortura. Neste momento, a avó contava a história “A moça das pérolas” e a neta ouvia atentamente, esquecendo-se da dor, e pensava nas pérolas que poderiam cair de seus cabelos.

Além das cartas de seu marido, enquanto ainda era seu noivo, e poucas recordações enquanto leitora e escritora, Julia deixou a dedicatória na contracapa de uma Bíblia, dada de presente para a neta quando esta foi crismada:



Lena e Julia

Histórias se encontram, se abraçam e se entrelaçam. E movem pensamentos.

Tempos e lugares distintos, mas algo as liga.

As histórias de Lena e Julia vão além de relatos. São histórias que expõem modos de existência, que trazem à tona experiências vividas, geradoras destes modos de existência. Revelam práticas leitoras e ao revelar estas práticas denotam o motivo pelo qual estas mulheres se apropriam ou apropriaram das leituras que fizeram, como as utilizaram e, principalmente, como as transformaram num espaço onde puderam ver-se a si mesmas ou torná-las suas vozes em direção aos seus.

São histórias que nos permitem construir “personagens”, imaginá-los em seus contextos, em suas próprias histórias, por vezes julgar seus modos de agir, inquirindo-os, e até interpelando-os como se estivessem diante de nós.

O que fascina pode ser também aquilo que não revelam, o que lhes passa no íntimo, sutilezas da natureza humana que, pode ser, só tenhamos a possibilidade de conhecer pela literatura, pelas linhas e entrelinhas de Clarice Lispector, de Guimarães Rosa...

Alinhavando retalhos

Vários podem ser os fios que entrelaçam as histórias contadas. Diferentes leituras e significados podem ser atribuídos a elas.

Estas histórias, que se recontam e se transformam incessantemente, vão se juntando, se completando, se (re) moldando e se construindo como únicas e múltiplas.

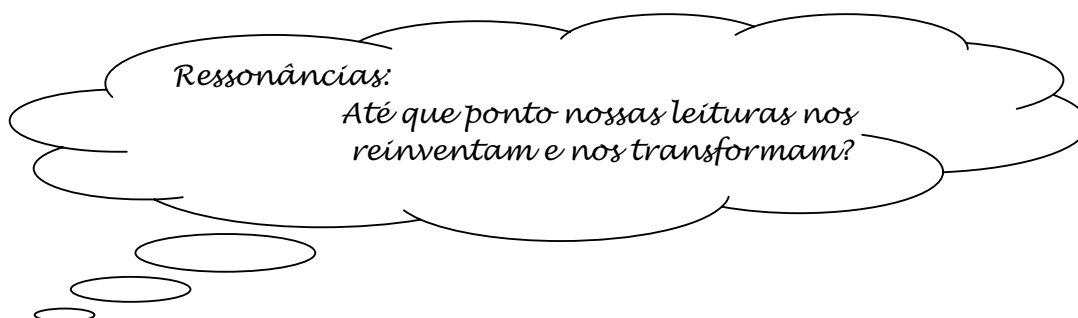
Da mesma forma como acontece com o texto, que se expõe e se dá a ler, as histórias contadas expõem pessoas e acontecimentos que podem se dar a ler como se fossem textos, e que se apropriam dos textos significando-os ou (re) significando-os conforme suas próprias histórias.

A leitura transpassa, permeia todas as histórias, e pode ser elo entre elas. A tudo cabe uma leitura, desde que não consideremos que leitura se aplica somente a textos, imagens. Leitura se aplica a acontecimentos, a fatos, pois implica no modo como os olhamos, os interpretamos, os modificamos...

As histórias que contei revelam experiências que se sustentam na leitura, portanto, apropriando-se dela, relacionando ficção e realidade como forma de constituição pessoal permanente, mas sempre inacabada.

Julia se apropriava das histórias para educar e, possivelmente, para resolver seus embates com a vida. Lena se apropria da leitura como forma de sustentar-se na fé, de educar os filhos e de se tornar preparada e capacitada intelectualmente.

Já a manicure se reinventa, olhando para si mesma enquanto uma personagem.



Minha experiência com a leitura de histórias e a influência de determinados livros me conduziram a trilhar caminhos relacionados à leitura com o outro.

Lena, Julia, a manicure e eu percebemos na leitura diferentes significados. E nos apropriamos do ato de ler em diferentes formas. Não se trata de compreensão de um texto, mas dos modos como a leitura se insere na vida de cada uma de nós.

Os lugares e os objetos de leitura se introduzem como uma abertura para pensarmos em quão particulares são os leitores e, mais especificamente, remetem-me aos objetos de leitura, denunciando que muitos leitores não aparecem em pesquisas, simplesmente porque não compram materiais de leitura, mas leem.

Este texto, enquanto vai sendo tecido, fundado em histórias vividas, organizando-as, relacionando-as, num ato coletivo, remete à troca de experiências que se expõem em forma de narrativa e me possibilitam organizar um pouco mais a proposta de estudo:

Pensar a condição da leitura compartilhada como espaço fluente, transformador e produtor de experiências, de histórias, que, desta forma, se configura como espaço de constituição de sujeitos e de formação de leitores que se apropriam de textos, de leituras e de histórias.

Esta condição é intrínseca às histórias que se fazem, se revelam e se reinventam, e o modo e as palavras usadas para contar essas histórias revelam o sentido que se produz (ou que não se produz) diante de outros acontecimentos.

Essa constante transformação no modo de olhar para si mesmo ou para um acontecimento se traduz em formação subjetiva, explicada por Jorge Larrosa:

E isso com base na convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e às vezes funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, em que fazemos coisas com as palavras e também que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos baseando-nos em nossa genialidade, em nossa inteligência, mas valendo-nos de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao se somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E portanto também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos diante em relação a tudo isso. (LARROSA, 2004, p.152)

Um objeto de estudo também se constrói com histórias – e com as palavras usadas para contá-las. E é nelas, as histórias contadas pelos livros, as histórias disparadas pelos livros, as histórias presentes nos livros e nos lugares em que eles são disponibilizados aos leitores, as histórias de pessoas que se fazem em leituras e com leitores, que busco encontrar indícios que permitam o estudo proposto, e que, principalmente, me apoio para produzir novas histórias, para produzir e dar sentido às histórias com Aline e Lisa e com o grupo de teatro que aqui contei. Mais que isso, para que eu mesma possa me reinventar e tornar-me outra, num movimento rítmico e ininterrupto. Histórias, e existência, verdadeiras, pois “Tudo que não invento [recrio] é falso” (BARROS, 2006)

...

ALGUNS PONTOS...

Finalizar este texto me parece tarefa difícil a ser cumprida. A cada momento em que me deparo com ele tenho a certeza de que falta muito a dizer ou que algo poderia ser dito de outra forma.

Aventurar-me.

Esta palavra me vem à mente quando penso em algumas considerações a serem feitas para este trabalho. Não se trata de encerrar uma narrativa, mas de parar um pouco e rememorar a trajetória desta escrita.

Este parar para a escrita...

Lutei com palavras, como Drummond, e brinquei com palavras, como José Paulo Paes. Entre o brincar e o lutar, pensamentos que vêm, movimentam-se, não param.

Cada uma das histórias aqui apresentadas poderia ser contada de inúmeras formas, de acordo com quem a conta (ou de quem a lê).

No caminho percorrido, desde os primeiros esboços do projeto de estudo, passando por sua realização junto a outras pessoas e chegando a este momento da escrita que, repito, talvez seja o início de outras histórias, mas não é história encerrada, algumas considerações podem ser feitas.

Posso dizer que as histórias foram fundamentais em minha formação: histórias de vida de meus familiares, histórias contadas por meus familiares, histórias dos livros, histórias e histórias que se fizeram e se fazem a cada instante, a cada momento.

Contei-as como as entendia e recriava no momento da escrita. Ao relê-las e reelaborar este texto não as alterei, mas acrescentei reflexões que somente foram possíveis porque vivi outras histórias. À medida que vivia outras histórias, o modo como olhava as que já haviam acontecido ia se modificando.

Delinear um projeto de estudo a partir de histórias e apresentá-las ao rigor acadêmico foi reafirmar e valorizar a importância da tradição oral, que mantém muitas histórias vivas até hoje. Histórias que se originaram de outras e se perpetuam há milênios, como os mitos, as fábulas e os contos de fadas.

ARRISCAR-SE ENQUANTO PESQUISADORA, esta foi a frase de Maria Rosa em meio a anotações e flechas no labirinto de pensamentos depositados na folha de papel, durante a construção deste texto.

Arriscar-me enquanto pesquisadora. Arriscar-me a revelar e buscar histórias, acreditando que delas emergiriam trajetórias de leitores e de leitoras que pudessem revelar o sentido da leitura em suas vidas e, muito mais que isso, parar e pensar na apropriação da leitura como forma de dar novos horizontes à existência. Como fez Lena.

Arriscar-me a formar um grupo. Arriscar-me e lançar-me em busca de pessoas, dos ilustres desconhecidos, que hoje chamo de amigos e amigas, que constituem comigo esta história. Quantos ilustres desconhecidos se esbarram o tempo todo e ocultam histórias que poderiam se entrelaçar...

Arriscar-me a ser parte de um grupo, a inserir-me em um grupo. Deixar uma posição e assumir outra. Mudar a forma de olhar. Ter que lidar com o inesperado e ser a pesquisada, a observada.

A retomada das histórias, da oralidade, iniciava-se no momento em que esta pesquisa se impunha à condição da formação dos grupos. Se a palavra alcança sentido na interação, na multiplicidade de vozes que a compõem, esta palavra precisa de vozes e, portanto, precisa do grupo.

O grupo de pessoas enquanto abertura para a palavra.

Entremeando e ligando as histórias e as pessoas está a leitura. É possível que esteja aí o sentido de arriscar-se, de aventurar-se. A leitura que possibilita a exposição, mas permite o oculto, que dá a dizer e cala, que desloca, dispara, mas paralisa.

É com esta leitura, com este entendimento de leitura, abertura para o imprevisto que desconstrói e se refaz dinamicamente, que entrelaço as histórias, as pessoas, a trajetória - esta história, num exercício constante que me fez entender o que é chegar a ser o que se é, mas tendo clareza que este exercício acompanha a existência, não começa e nem termina.

Arriscar-me enquanto pesquisadora hoje, percebo, foi ir além da elaboração e do desenvolvimento de um projeto de estudo, foi rompê-lo, deixar que ele tomasse a forma de uma peneira e não fechar seus buracos para apreender a matéria, mas ver o que é que escapava por eles.

Busquei sentidos nas leituras com Aline e Lisa e com o grupo de teatro do SESI. Somente após contar estas histórias e contar também as minhas histórias fui percebendo que o sentido, ou a produção de sentidos, estava exatamente em todas

estas histórias que fui registrando, reelaborando e reinventando ao longo da escrita deste trabalho.

As histórias aqui contadas expõem o modo de olhar o que se passa e como este modo de olhar e de viver vai sendo transformado constantemente.

Reflito sobre o modo que escolhi para ler textos com os participantes desta pesquisa: sem expressar minhas emoções diante do lido – o sujeito do saber. Não consigo mais ver sentido nesta atitude. Penso que anulei-me e anulei quem comigo compartilhava a leitura, pois, de antemão, já supunha que, ao me revelar na leitura, estabeleceria minha compreensão para ela e não daria espaço ao outro.

Durante as leituras com o grupo de teatro, diferentes interpretações eram feitas e refeitas pelos atores e atrizes, e a cada dia estas interpretações eram reinventadas. Não posso contar quantas histórias se fizeram, seria impossível. Penso nesse espaço como o espaço do imprevisto, do porvir.

Com o teatro também aprendi o espaço do fazer, que é espaço de criação. Um espaço que se vai preparando a cada dia; espaço aberto porque comporta o que vem; espaço que concilia estudo, determinação, empenho, com o relampejo de ideias que querem tomar forma e quando conseguem não param por aí, mas continuam se movimentando e espreguiçando e correndo e voando. Espaço de formação, de constituição, de devir.

A experiência com o teatro possibilitou que me aproximasse do “dar a ler” para Larrosa, da destituição de mim mesma como condição para ir além de significados, libertando-me para os acontecimentos, para a produção de sentidos.

- De fato, para entender o “dar a ler” como a ação de um sujeito passional: para que o “dar a ler” não seja o que faz um sujeito soberano pondo em jogo seu poder, seu saber e sua vontade... mas o que lhe passa a um sujeito indigente quando suspende toda vontade de domínio, toda propriedade, todo saber, todo poder e toda intenção. E isso tanto sobre as palavras que dá a ler como sobre a leitura daquele a quem dá a ler. O “dar a ler” é o ato de um sujeito passional quando sua força não depende de seu saber mas de sua ignorância, não de sua potência mas de sua impotência, não de sua vontade mas de seu abandono. (LARROSA, 2004, p. 21)

A produção desta história buscou o entrelaçamento de tantas outras. Buscou ser um exercício de criação, por vezes um quebra-cabeças, na medida em que capturou elementos em cada uma delas, colocando-os a dançar entre si e compondo um espaço onde quem as lê as interpreta e recria conforme sua própria existência, ou uma nova existência, encontrando ou não semelhanças ou pontos

ainda que distantes que lhes remeta às suas próprias, conforme sua própria trilha na floresta do devir.

*Se tudo pode acontecer
Se pode acontecer qualquer coisa
Um deserto florescer
Uma nuvem cheia não chover
Pode alguém aparecer
E acontecer de ser você
Um cometa vir ao chão
Um relâmpago na escuridão
[...]*
(Arnaldo Antunes, *Se tudo pode acontecer*.
CD Paradeiro, BMG, 2001)

Leituras: uma imagem

O que é ler? O que é viver a leitura? O que é fazer da vida uma leitura?

Leitor é aquele que lê inúmeras obras em um mês ou ano como a menina devoradora de livros em “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, ou é quem lê e relê inúmeras vezes o mesmo texto? Não há resposta. Há respostas, múltiplas respostas.

Demorar-se em leitura. Demorar-se em viver um momento, ainda que já passado. Ler. Ler de novo. Perguntar-se se o que foi lido estava mesmo escrito ou se o lido foram os próprios pensamentos, disparados por alguma palavra ou situação do texto. Ter pensamentos disparados por um texto, por uma história... Histórias marcam vidas, escritores e escritoras podem marcar pensamentos, almas.

Perder-se entre o que faz sentido e o que não importa que sentido faz, porque o que faz é sentir e não o sentido. Um sentir que às vezes arrepia, acelera o pulsar, aquece e umedece a pele, faz a respiração ser ouvida, aperta o peito...

De que matéria são feitos os escritores, as escritoras? Que capacidade é essa a de não nos deixar sair ilesos após uma leitura? Não é, após a leitura, pensar no que foi lido ou querer comentar com alguém, são as marcas deixadas por esta leitura, que não desaparecem com o tempo. Marcas que se intensificam com o tempo e passam a fazer parte do corpo, como se fossem mesmo uma parte dele ou outra parte dele e, se fossem tiradas, seria como uma amputação.

É possível ser o mesmo após as leituras e releituras de alguns textos?

O texto que agora apresento, desde sua apresentação, passando por cada capítulo, procura trazer à tona o pensamento de escritores e escritoras que capturam, ao mesmo tempo em que libertam, que dizem, num dizer que mais parece música, aquilo que se pensa, mas que, muitas vezes, não se encontra palavras para descrever.

Como seria possível alguns (des) encontros sem que antes não nos destituíssemos de nós mesmos para enxergar o que dantes não se podia ver, tal como Guimarães Rosa o faz em “O espelho”? Ainda que não se consiga todo o “crescer da alma”, marcas se inscrevem. Não se sai ileso.

No conflito entre o que faz e o que não faz sentido, entre o que se pode e o que não se pode explicar, no sofrimento da (ex) posição, o (não) encontro com as palavras e, muitas vezes, a dor de viver o momento, naquilo que nos faz e que nos desfaz, desconstruindo o que se podia pensar ter solidez, fortaleza, o (des) encontro consigo mesmo e o confronto com a “Água Viva”, tão viva que pode sacudir, derrubar, afogar e impregnar cada poro do corpo com esta água que é viva e queima.

Que rebuliço de emoções é esse o causado por Clarice Lispector? Como pode ela penetrar as entranhas do ser, na alma, tirando de lá tudo o que há de mais belo e também obscuro, fugaz, que se esconde, negando ou evidenciando a existência do que se sente? E por que não se resiste a ela, às suas palavras?

O fato é que não se vive da mesma maneira depois de se embrenhar em uma de suas florestas, em um de seus contos ou em um único parágrafo de seus textos.

Explicar o motivo disto acontecer? Impossível, e insolente.

Trilhando ainda pelo caminho do (não) sentido, o encontro com Manoel de Barros faz parar, paralisar, com um estranhamento que é um misto de surpresa e incompreensão.

A composição de suas palavras causa estranhamento. É um estranhamento deslumbrado, fascinado, incrédulo. Surpreender-se diante de sua capacidade de dar – ou evidenciar - vida a uma gota d’água ou a uma pedra esquecida. E perguntar-se de onde vem este olhar tão infinito, que se alarga e vê cada detalhe da amplidão, e ao mesmo tempo é tão penetrante, que parece poder esmiuçar uma célula.

Como não ser uma rã em sua poesia? Classificar uma rã como um anfíbio após ler sua poesia parece uma regressão.

Encontrar-se e acalmar-se em Paulo Freire. Parece que o quintal de sua casa, no Recife, quando criança, também acolhe a outros, além dele próprio. As árvores deste quintal protegem e fortificam, sustentam. Encontrar em suas histórias de infância a coragem para revelar suas próprias histórias, e torná-las fonte para que se criem outras ou para que se compreendam outras, inserindo-se nelas, apropriando-se delas, tornando-se outro...

Impossível viver sem sentir, ler sem viver, encontrá-los – aos escritores e escritoras - e seguir, como se nada houvesse acontecido...

BIBLIOGRAFIA:

AMORIM, Marília. *Abordagem sócio-histórica na pesquisa qualitativa*. In: Cadernos de Pesquisa, nº 116. Julho/2002.

BACOCINA, Eliane Aparecida. *Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadores: contribuição para a invenção de modos de aprender e ler*. Dissertação de Mestrado. Rio Claro, SP: UNESP, 2007.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

_____. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem* – 12. ed. São Paulo, Editora HUCITEC, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESNOSIK, Maria Helena da Rocha. *Encontros de leitura: uma experiência partilhada com professores de zona rural da Bahia*. Dissertação de doutorado. São Paulo: USP, 2002.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Editora Porto, 1994.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Anotações sobre uma leitora singular*. Campinas: Unicamp. Disponível em: http://www.fe.unicamp.br/alle/pub_textos.html

_____. *Dos amores difíceis: uma leitura compartilhada na aula de Língua Portuguesa*. Campinas: Unicamp. Disponível em: http://www.fe.unicamp.br/alle/pub_textos.html

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa*. In: Cadernos de Pesquisa, nº 116. Julho/2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

JOUE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

LARROSA, Jorge. Algumas notas sobre la experiencia y sus lenguages. In: BARBOSA, R. L. L. (org.) *Trajetórias e perspectivas na formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (org.) *Caminhos investigativos (novos olhares na pesquisa em educação)*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

_____. *Nietzsche e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr, 2002a.

_____. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). *Habitantes de Babel*. Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 281-296.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Os melhores contos de Clarice Lispector*. São Paulo: Global, 1998.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Regina. *O violino cigano e outros contos de mulheres sábias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2001.

RIBEIRO, Luciana Fernandes. *Entre Caixas de Pandora, Canastras de Emília e Bolsas Amarelas: memórias de leitura*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

RIOS, Maria Tereza Ribeiro. *Com engenho e arte: a construção da escrita significativa por crianças de 3ª e 4ª séries*. Dissertação de Mestrado. Rio Claro, SO: UNESP, 2006.

ROSA, José Guimarães. O espelho. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008.

SOUZA, Solange Jobim e. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

VIGOTSKY, Lev S. (1986). *La imaginación y el Art en la Infancia*. 6ª ed. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

ANEXO A: Convite aos frequentadores do Gabinete de Leitura para a “Hora da Leitura”

**HORA
DA LEITURA**

Não existe melhor fragata que um livro para levar-nos a terras distantes.

Emily Dickinson

O Gabinete de Leitura de Rio Claro convida para a *Hora da Leitura*. Confira dias e horários e venha ouvir contos e poemas.

01/10/08 – 4ª feira – 17 horas

07/10/08 – 3ª feira – 16 horas

15/10/08 – 4ª feira – 17 horas

22/10/08 – 4ª feira – 17 horas

29/10/08 – 4ª feira – 17 horas

Contamos com sua presença!

Nome: _____

Telefone: _____

ANEXO B – Diário de Campo – Grupo de Teatro do Núcleo de Artes Cênicas
do SESI de Rio Claro – SP – 14/05/2009

Este encontro aconteceu com alguns atores ausentes, pois estavam na Bahia, apresentando uma peça num festival.

A intenção do encontro foi a leitura do texto, destacando suas características, para poder criar os personagens.

Sentamo-nos em círculo no teatro. Alguns estavam deitados.

Achei muito interessante como os integrantes, ao ler as falas dos personagens, já caracterizavam a fala por meio de sotaque nordestino.

O clima era muito bom. A diretora fez várias sugestões, porém sempre deixando em aberto a possibilidade de os atores criarem em cima do que liam.

Várias vezes os atores recorreram a referências de outros personagens, em outras montagens como forma [acredito] de imaginar o personagem que teriam que criar.

Foram necessárias várias retomadas ao texto para que se certificassem se estava acontecendo uma boa compreensão da história.

Conforme iam lendo o texto, tiravam conclusões sobre as características de cada personagem.

Por vezes, relacionavam a cena que imaginavam com algum personagem conhecido popularmente. Foi feita (Tula) a relação entre uma fala do anjo Gabriel com o jeito do personagem Vera-Verão. Para mim, pareceu mais uma fala de cangaceiro.

Percebo que a Tula não está satisfeita com seu papel (Maria). Claudia justifica sua escolha, alegando que a Tula tem o autoritarismo como característica pessoal, relacionando-o à postura de Maria no texto. Pensam numa caracterização antagônica à da Maria que se nos apresenta em imagens ou descrições, recorrendo ao texto para mostrar que algumas vezes sua postura também é esta (“Ela é geminiana.” – fala da Cláudia).

Os integrantes concordam que não deve haver muitas características para cada personagem.

Passam a discutir sobre as características de José.

Herodes: as discussões sobre as características deste personagem geram muitas brincadeiras; muitos insistem que Herodes é homossexual. Referências históricas também foram lembradas para justificar as características do personagem.

Anjo Gabriel: Tula entende o anjo como manipulador.

O grupo segue discutindo as características dos personagens, recorrendo ao texto, interpretando-o a fim de conseguir extrair as características psicológicas dos personagens.

Também é discutido sobre iniciar a peça com uma cantiga, o pastoril, com a intenção de já introduzir o público para ideia que a história propõe.

Todos começam a treinar a cantiga. Passa a ser impossível somente treinar a afinação de vozes. Todos se mexem no ritmo da música, que é muito fácil de acompanhar.

O Millo começa a tocar o violão, tudo vai se encaixando: a cantiga, a música, o bailar dos atores. Também não consigo ficar parada, mais parece que também pertença ao grupo. Canto e danço com eles.

A diretora imagina a cena e pede para que busquem algumas saias.

As saias chegam. São compridas, floridas e muito coloridas. Todos vestem e já saem cantando, dançando e balançando suas saias. Belíssimo!!

Muitas ideias de como, com esta dança, envolver o público surgem.

Thiago busca o surdo, o triângulo, o pandeiro e o chocalho. O Milo orienta o uso dos instrumentos.

Várias possibilidades de canto e sons são testadas.

Fica decidido que a abertura do espetáculo será assim.

Todos vão ao portão que fica depois do saguão de entrada para ensaiar a entrada no teatro.

Outras formas de combinar instrumentos e cantoria são testadas.

Isso foi muito interessante. Uma ideia foi se agregando a outras e posso dizer que diante de mim já se fazia o espetáculo.

ANEXO C – Transcrição do encontro de 14/05/2009

INTENÇÃO: criação do personagem para fazer pequenos roteiros

Millo: Será que o personagem não vai surgir da própria improvisação?
Lendo, montando a história e ...

Tula: Por exemplo:

- *Tula, você vai ser o Milo.*

- *De onde você veio?*

- *Eu vim da Bahia.*

- *E seu pai?*

- *Meu pai e minha mãe eram pobres, meu pai judiava da minha mãe, minha mãe fugiu de casa com o vizinho. O vizinho criou todos nós, ele era padeiro, enriqueceu e então botou um chifre na minha mãe.*

E essa era a vida do meu personagem.

Millo: Ah, entendi. Você quer dizer a gênese.

Cláudia: Então, só que na Comédia D'llarte, uma das coisas que a gente vai ter que ver é que não é desse jeito.

Tula: Não!

Claudia: É de uma outra forma. Acho que é muito mais corporal.

Tula: A Maria pode ser manca?

Claudia: Pode!

Tula: Podia usar um sapato daqueles que tem solona grande num pé e normal no outro.

Joe: Eu vi uma máscara muito louca. A máscara era só na testa, descia no nariz e no bigodinho só.

Claudia: Porque olha só, uma das coisas que a gente tinha dito aqui era que a Maria, por exemplo, onde é que a gente vai começar a criação do personagem. João Teité nem está aqui. Maria é uma das enamoradas; ela é sonsa...

Tula: ...tapada, sonhadora, viajante... Mas, espera aí...

Tiago: Ela é enamorada na Comédia D'llarte original, mas deste texto...

Claudia: ...aí a gente tem que bater uma com a outra e fazer uma mistura, entendeu?

Tiago: Certo.

Paulo L.: Afinal, quem são os enamorados da peça, são o José e Maria só?

Millo: José e Maria...

Claudia: Maria e José.

Millo: ...e tem um ameaço entre Mateúsa e Matias Cão...quer dizer tem uma intenção de um lado só...

Patrícia: O Matias e a Mateúsa tem um pouquinho...

Tiago: Mas enamorado, enamorado..., porque sempre tem um criado que quer pegar uma moça ou o Pantaleão quer pegar uma criada... Isso sempre aparece também.

Claudia: Vamos começar pela Maria? A Maria e o José, não é? Poderíamos pegar as características dos enamorados e depois pegamos alguns dados da Maria do texto e depois chegamos a uma conclusão.

Tiago: Ou procuramos nas falas da Maria, no texto...

Tula: Maria nem entra quase, coitada da Maria.

Claudia: Entra...

Tiago: Na verdade, ela fica em cena, mas fala pouco. Está aqui olha, primeira parte (cena 3):

Entra João Teité, com a mão em pala, divisando o horizonte. Atrás dele entra Maria em seu burrico, com Jesus no colo. De seu burrico sai uma haste. Na ponta da haste, um cordão que vai até outra haste que é segura, mais atrás, por José.

José: Está vendo alguma coisa?

João Teité: Estou, mas não conheço nada do que estou vendo.

[...]

José: É bom que esteja certo! (Aparece uma seta com a inscrição: "Paraguai, a 2km". Teité toma um susto e pára.)

João Teité: Ave Maria!

Maria: Que quer?

João Teité: Não é nada com a senhora, não. Acho que estamos com um pequeno problema.

Maria: Eu também estou. José molhou mais uma!

Patrícia: José, molhou mais uma!

Tiago: hahaha...isso! (para a correção da Patrícia) Maria: Não me envolva nisso! Resolvam vocês!

Claudia: Por que é que ela fala para o José que molhou mais uma? Ela não é a mãe, ela não tem que trocar?

Tiago: É... porque, de certo, como eles estavam no burrico, as fraldas e outras coisas estavam no burrico...

Tula: Porque José lava fraldas. Olha:

José dá o varal para Teité segurar e lava uma fralda para Maria, que se vira de costas e troca o menino, brincando com ele.

Tiago: NOSSA!!!

Millo: Ele que lavava, e que pendurava...

Tula: NOSSA!!! Era tudo o que eu queria... *José dá o varal para Teité segurar e lava uma fralda para Maria...*

Tiago: LEVA!! para Maria...

Tula: Deixa o lava Tiago!!

Tiago: AH HA HA...

Tula: Como você é chato!

Tiago: *leva uma fralda para Maria, que se vira de costas e troca o menino, brincando com ele.*

Tula: O cuti cuti da mamãe (em tom de zombaria para o trecho: *brincando com ele.*)

Tiago: É aquele negócio. Sabe quando você vê o casal andando com o bebezinho e o pai que está com a bolsa no ombro, acho que é isso.

Tula: Vou botar uma pedra dentro da bolsa...

Claudia: (se referindo ao José) Olha, pelo jeito ele era muito carinhoso porque se ele segurava as coisas, dava as fraldas, ele até que era um pai carinhoso...

Tiago: Vamos ler...

Tula: Espera aí, Tiago. Você vê, então vai bater mais ou menos com aquilo que você queria porque ele sendo carinhoso e ela não sendo nada dócil, nada gentil, coitadinho, o público vai ficar com dó dele, igual ao coronel...

Tiago: Vamos ver as cenas em que eles estejam e vamos ler a cena. A primeira é esta mesma, cena number three.

Claudia: Então, faz o seguinte: a Maria fica sendo a Tula mesmo, o José o Tiago faz, só agora, na leitura.

Tiago: O que acontece aqui é que o João Teité está levando eles e eles estão achando que estão indo para Belém e Teité achando que estão indo para outro lugar.

(Tiago, Tula e Paulo L. leem o trecho abaixo. Tiago como José, Tula como Maria e Paulo L. como João Teité)

José: Está vendo alguma coisa?

João Teité: Estou, mas não conheço nada do que estou vendo.

José: Estamos perdidos, então?

João Teité: Nem tanto.

José: Para onde estamos indo?

João Teité: Daqui estamos indo pra lá.

José: E onde é lá?

Teité: O problema está aí. Calma! Tenho certeza que estamos indo pra divisa de Sergipe com a Paraíba.

José: É bom que esteja certo!

João Teité: Ave Maria!

Maria: Que quer?

João Teité: Não é nada com a senhora, não. Acho que estamos com um pequeno problema.

Maria: Eu também estou. José molhou mais uma!

Teité: Colocando-se de frente pra onde nasce o sol e abrindo os braços em cruz, temos à direita...

Claudia: (interrompendo) Não! Vamos fazer o seguinte: onde tiver rubrica então você lê (apontando para a Patrícia). Você lê Pati?

Patrícia: Leio.

João Teité: Ave Maria!

Maria: Que quer?

João Teité: Não é nada com a senhora, não. Acho que estamos com um pequeno problema.

Maria: Eu também estou. José molhou mais uma!

Patrícia: José dá o varal para Teité segurar e leva uma fralda para Maria, que se vira de costas e troca o menino, brincando com ele. Teité abre os braços, tentando descobrir os pontos cardeais.

Teité: Colocando-se de frente pra onde nasce o sol e abrindo os braços em cruz, temos à direita o sul, à esquerda... Ou será o contrário? Ou o oeste é à esquerda? Eu faltei nessa aula de geometria!

José: Estamos perdidos, Teité?

Teité: Não. Estamos perto do Paraguai. Só não sei onde fica esse diacho de lugar!

Patrícia: José toma do cajado.

Teité: Que é você vai fazer, seu José?

José: Sou conhecido como um velho paciente. Acho que vou mudar minha biografia!

Teité: Mãe de Deus!

Maria: Não me envolva nisso! Resolvam vocês!

José: Não vou tirar lasca! Só vou botar um pouco de juízo na sua cabeça!

Teité: Vê o lado bom da coisa, seu José: estamos tão perdidos que o Demônio e o Heródes nunca vão farejar nosso rastro!

Patrícia: José acalmando-se.

José: Tem lógica! Mas a gente não pode ficar perdido para sempre.

Maria: Deixa que eu resolvo. Teité, pra que lado você acha que está esta bendita estalagem?

Teité: Tenho certeza absoluta que está naquela direção.

Maria: Burrinho, qual é o caminho da estalagem?

Patrícia: Burro vira-se na direção contrária de Teité.

Maria: José, vamos por aqui.

Patrícia: Tomam a direção apontada pelo burro.

José: Sempre se encontra um burro que sabe mais que o outro!

Patrícia: Saem.

Teité: Espera, que o guia tem de ir na frente.

Claudia: Olha, só por este pedaço aí, a gente já tira algumas conclusões sobre a Maria. Ela é mandona. Ela é autoritária.

Tiago: O próximo é a cena 5, a Mateúsa: Ave Maria!

(Patrícia ou Tiago: itálico; Paulo M.: Mateúsa; José: Tiago; Matias: Joe; Demônio: Patrícia; Anjo Gabriel: Paulo L.)

Mateúsa: Ave Maria!

Patrícia: Matias Cão pede silêncio, ao mesmo tempo em que entra Maria.

Matias: Psiu!

Maria: Que é?

Mateúsa: Não chamei a senhora, não! Foi só jeito de falar. Prepara tudo que já estamos de saída.

Patrícia: Maria volta pra dentro.

Matias: Tuchou narcótico? Estão todos dormindo?

Mateúsa: Fora a gente nossa não tem um olho aberto nessa casa!

Patrícia: Entra o demônio.

Demônio: Pois enganou-se!

Mateusa: Virgem Maria!

Patrícia: Entra Maria.

Maria: Que é?

Patrícia: Mateúsa responde com medo.

Mateusa: Chamei, não.

Maria: Isso já está me irritando!

Mateúsa: Mas já que veio ajuda a gente!

Matias: São José de Nazaré!

José: Estão chamando mesmo ou é só jeito de falar?

Matias: Vem ajudar que a coisa está feia!

Demônio: E vai ficar pior! Quero o menino!

Maria: Acima desse menino só existe a força de Deus. E essa força agora está em mim! Vem, que é hoje que vou esmagar a cabeça dessa serpente conforme a profecia!

Patrícia: Entra Gabriel.

Gabriel: Deixem...

Tiago: Agora é a parte "da hora"! Há, há há há há há...

Gabriel: Deixem a coisa comigo e vão que o demônio gasgueia sem precisão e grita por não ter opinião!

Tula: O Paulo, já imaginou você entrando assim:

DEEEIXAAAA A COISA COMIGO! (Como um enfrentamento de cangaceiros...)

Joe: Vera-Verão não morreu!

(Risos do grupo)

Paulo, como anjo Gabriel, retoma sua fala, incorporando a observação de Tula.

Demônio: Quem tem coragem não é filho de pai assustado!

Gabriel: Vamos ver! É no fritar do ovo que a manteiga chia!

Tiago: Saem todos menos Matias. O demônio tenta impedir a saída, mas Gabriel corta-lhe a passagem.

Demônio: Ou vai ou racha, ou tudo se escacha ou arrebenta a borracha.

Gabriel: Não há matreiro que não caia e vou te fazer cair de costas e quebrar o nariz.

Demônio: Por um truz, por um trás, por um triz, perco o cachorro, mas não perco a perdiz!

Risos do grupo.

Tiago: Entra Mateúsa e fala para Matias.

Mateúsa: Va'mbora que quando mar briga com a praia quem paga é caranguejo!

Tiago: Com um puxão, Mateúsa retira Matias de cena.

Gabriel: Cara feia pra mim é fome, e cachorro de outro bairro que não venha ladrar neste.

Demônio: Vou te ensinar a comer feijão e arrotar galinha, comer lambari e arrotar tainha, cabra!

Gabriel: Cavalo olho-de-porco, diabo de fala grossa, cachorro que não acoa, um não presta e dois à-toa!

Tiago: O demônio tenta responder, mas não lhe vem nenhuma ideia.

Demônio: É...

Risos do grupo.

Tula: Imagina o demônio, comemorando...

Tiago: O demônio desiste e sai furioso. Anjo comemora.

O grupo procura no texto a próxima cena onde Maria aparece.

Tula: Nossa, Maria não faz nada...

Tiago: Anota aí: Maria não faz nada!

Tula: Quem foi que escolheu para eu fazer a Maria? Eu posso saber?

Claudia: Eu.

Paulo L.: A Maria geralmente aparece quando alguém fala: - Ave Maria!

Joe: Quem você queria?

Tula: Eu queria o Gabriel...

Millo: (referindo-se à Maria) Ela é mandona e um pouco brava também.

Claudia: Eu não sei não. Eu acho que é muito a Tula mesmo!

Tula: Olha, dona diretora, você está dizendo que eu sou mandona e briguenta.

Claudia: Mas você é mandona e briguenta.

Tula: risos...

Claudia: Você está doida para bater na cara do demônio...

Tula: Por isso que você não quer deixar eu fazer...

Claudia: Não...

Tiago: Muda tudo?

Claudia: Não sei. Sabe por quê? O personagem é bem parecido com a Tula, agora o jeito da Tula eu acho muito legal porque ela é uma anti-Maria, entendeu? A Maria é toda magrinha e eu estava querendo pôr a Tula como uma Maria mais escurachada.

Joe: E Maria é toda educada, não é? E essa Maria vai ser grossa...no papel... (risos)

Tula: Joe, dez anos terminam aqui...

Claudia: Nós vamos pôr um laço de fita na cabeça dela?

Tula: Ela pode pôr um manto com duas fitinhas aqui assim... Olha só, põe o manto e faz duas tranças aqui assim, com dois laços na ponta.

Claudia: Fica legal, fica legal.

Risos

Tula: E ainda é manca, cocha (torcida) o trem da Maria.

Claudia: Ela vai ser cocha?

Tula: Vai!

Claudia: Então, uma das características dela: ela é cocha!

Joe: Ela caiu do cavalo, por isso ela ficou aleijada.

Risos

Claudia: Ah, mas não vai dar!

Tula: Por quê?

Claudia: Como é que ela vai andar de lado se o cavalo... na maior parte do texto ela está montada no burrinho.

Tula: Ah, é... não vai dar.

Claudia: Bom, o que mais?

Tiago: José!

Tula: Maria é só isto? Que bom...

Claudia: Aqui no texto não tem mais. O resto vocês podem estar criando. Vocês querem criar mais alguma coisa? É a hora!

Millo: Quando o Teité rouba a criança e o Gabriel fala: *...olha a frágil mulher que chora*

Claudia: Poxa, isto aí é importante, olhem... o Milo descobriu outra parte que é muito importante.

Millo: O Teité rouba a criança enquanto Maria e José estão trabalhando, numa cena aqui, depois da cantoria da Maria, e o Gabriel fala: *Olhem a frágil figura de mulher que chora e se desespera.*

Claudia: Então ela é frágil...

Tiago: Não, eu acho que ela é mãe. Até a pior mãe do mundo eu acho que iria chorar.

Claudia: Tem umas que colocam dentro de um plástico e jogam no meio da rua... O Tula, você poderia ter um lenço enorme para assoar o nariz...

Paulo L.: Claudia, mas depois fala assim: *Olhem, de novo, a frágil figura: o choro cala, os olhos secam e uma raiva santa inunda! De toda a criação a mulher é a mais variável: onde se espera frágil, assoma em fortaleza guerreira, e no meio da guerra pode desfazer-se em lágrimas.*

Claudia: Ela é geminiana. Porque ela muda de uma hora para outra... É coisa de geminiano, não é?

Millo: *Porque Deus as fez assim não sabemos.* Poderia ser uma fala da própria Maria. Gabriel está falando e a Maria dá aquela limpada nas lágrimas, passa na frente dos três, toma a frente. Gabriel fala: *De toda a criação a mulher é a mais variável: onde se espera frágil, assoma em fortaleza guerreira, e no meio da guerra pode desfazer-se em lágrimas.* E este segredando ao público pode ser a Maria falando: *Porque Deus nos fez assim nós não sabemos. Só sabemos que ele é muito sábio.* E então quando Matias Cão fala: *Virgem santíssima!*, ela já está de volta a ela.

Tiago: Ela já voltou...

Millo: *Não quero saber de conversa...*

Tiago: Ah... Então ela é frágil e forte...

Claudia: Ela é decidida...

Millo: É... ele está explicando esta personagem controversa quando ele fala as duas coisas...

Claudia: Ela tem uma coisa de dualidade...ela tem os dois extremos...

Millo: Aí ela já toma, ela retomou a frente para procurar o menino e retoma a corda, o fio da coisa aqui...

Paulo L.: Então isso daí dá para ser uma fala da Maria?

Claudia: Sabe o que é legal dessas duas características que são opostos, acho que ela pode estar lidando com oposto, por exemplo: ela está chorando, sabe uns exercícios que a gente faz que quando está rindo faz HÁ HÁ HÁ (em demasia) e para de repente? Acho que é uma coisa que é legal e daí o tempo inteiro ela poderia estar lidando com esta coisa. Ela fica preocupada e dali a pouco ela fala: ahh... Então, sabe, acho que ela poderia estar ligando com extremos que acho que é uma coisa legal de estar lidando...

Paulo L.: Olha, porque esta fala do Gabriel, que diz assim, a primeira: *Olhem a frágil figura de mulher que chora e se desespera*. E então o Matias diz *Vamos deixar as mulheres aí...* E aí ela fala: *Olhem, de novo, a frágil...* ela fala de si mesmo...

Claudia: Eu acho que ela nem fala...

Millo: Não...

Claudia: Ela nem fala, ela só olha assim (olha de lado com o olhar furioso); ela só olha nessa hora e já vira outra coisa. Porque quando ela ouve falar a frágil figura... ela olha e já muda... já mudou.

Millo: Ela muda a partir da...

Claudia: A partir do comentário deles ela já olha e fala credo, esta sou eu? Ela já muda e vira outra. Ela é rápida, gente. Ela é geminiana nata, ela é geminiana com ascendente em gêmeos... Que mais? Tem mais algum outro pedaço que fale...

Millo: Tanto é que José, olhe aqui, o marido: *Se eu conheço, ela só pára depois de encontrar o menino!*

Paulo L.: Ou seja, persistente...

Claudia: É persistente...

Millo: É, outra característica. Quer dizer, se o marido não conhece a mulher, quem é que conhece?

Claudia: É, boa...

Paulo L.: E para ele estar falando assim é porque ele sabe do gênio forte dela, não é?

Claudia: Geniosa?

Millo: É!

Paulo L.: É...

Millo: Muito geniosa...

Tiago: E ela é ligada com o filho...

Millo: E olha o Gabriel, a consciência do anjo, ele sabe tudo: *Eu não quero estar na pele de Teité quando Maria, com a sede que está, nele deitar as mãos!* Ela mata ele...

Claudia: Ela é brava.

Millo: Brava também, bem brava... Aqui o Teité veste o burrinho...

Claudia: E este burro, tem horas, que passa de um para outro, porque tem hora que a Maria está no burrinho, tem hora que o Teité está...

Joe: É um burro só Claudia, e o resto vai a pé?

Claudia: É um só, um burro...

Millo: *Cruzam e recruzam o palco. Olha aqui a cena. Teité no burrinho com o menino, Herodes e sua tropa e a família e sua trupe. Passa uma vez Teité com Herodes e a turma dele... Entra uma hora com Herodes e a cambada dele e entra outra hora com a família e a cambada dela.*

Claudia: Entra por um lado e sai por outro. Parece aquelas coisas que entra numa porta e sai pela outra...

Millo: Isso! É aquela confusão. Sem noção, porque sai por ali, entra pó lá, não tem nada a ver...

Tiago: Características de Maria apontadas pelo grupo após a leitura: autoritária, mãe amorosa, manca, vive a dualidade da fragilidade e da fortaleza, vive os extremos das emoções, persistente, geniosa, brava.

Claudia: Paulo, abre este texto e comece a procurar, só o Milo que está procurando.

Paulo L.: Ela tem também uns momentos como quando Teité diz (...) *gente pra que violência, vamos entrar num acordo (...)* e aí a Maria: *vai buscar meu filho agora!* E a Boraceia diz: *traz a criança!* E aí o João Teité: *esperem, como é que eu vou me sair dessa?* E o Herodes fala: *Confie em seu bom senso.* E a Maria: *Confie em seu coração.* Já mudou o tom.

Tiago: Ela é mais emocional do que racional.

Millo: É...

Paulo L.: Ela age em função do...

Claudia: Gente, ela é mãe! Toda mãe é assim...

Tiago: É isso que eu ia falar...

Millo: Por mais brava que ela seja, ela não sabe quando vai terminar esta história. Ele está negociando a criança dela com o cara que tem poder, o Herodes. *Você não se atreva a negociar meu filho!* Ela tem esse medo, e se ele negocia...

Claudia: Só?

Tiago: Se colocar muita coisa também, o personagem fica meio...

Claudia: José?

Tiago: Joseph!

Claudia: Então ta! José.

Tiago: Submisso!

Paulo L.: Absurdamente submisso!

Tiago: É, ele é submisso, mas por outro lado ele é pai!

Claudia: Machista. Ele é machista?

Millo: Não!

Paulo L.: Machista não.

Claudia: Ele é carinhoso.

Tula: Quem?

Tiago: O José!

Paulo L.: Ele é carinhoso, é cuidadoso..., tranquilo...

Tiago: É...

Claudia: Ele se afoba em alguma parte?

Tiago: Tem um momento que ele fica irritado com o João Teité. É até um momento em que ele fala assim: *Sou conhecido como um velho paciente. Acho que vou mudar minha biografia!*

Patrícia: Ou quando ele acha que está perdido...

Tiago: Mas aí não é porque ele é violento, é porque quem é que tem paciência com um sujeito como o Teité também...

Paulo L.: Olha lá: *Sou conhecido como um velho paciente. Acho que vou mudar minha biografia!* Mas então, eu acho que apesar disso ele é a pessoa mais tranquila.

Tiago: Sereno, não é?

Claudio: Mas, e aí, como é o José?

Tiago: Ele é carinhoso, cuidadoso, sereno, manso.

Paulo L.: Você não vê ele se impor em nenhum momento.

Tula: Ele é manso, zeloso, cuidadoso... Isso é o que a gente acha, agora precisa ver o que o Bruno vai achar, não é?

Tiago: Ah, o Bruno, o que a gente colocar aqui ele vai falar: *Não, acho que não...*

Claudia: Poderia pôr mais uma característica interessante, que a gente poderia inventar...

Millo: Ele é gozador também, não é? Porque ele fala para a Maria: *Maria, quando seu filho crescer pede para ele olhar esse Brasil aqui que tá uma merda...* é bem isto que ele fala!!

Risos

Tiago: E que nome eu dou a isto?

Tula: Bem humorado...

Claudia: Não, sarcástico...

Tula: Sarcástico.

Claudia: Eu acho que ele se fazia de submisso, mas acho que ele não era submisso não.

Tiago: Acho que ele respeita muito a mulher dele...

Claudia: Ele é respeitador. É Maria; ele sabe que é a mãe de Deus. Talvez não que ele fosse submisso...

Tiago: É, que falar que ele é submisso dá a impressão que a mulher dele é uma coisa...

Claudia: É, eu acho que ele respeita porque Maria é a mãe de Deus...

Tiago: Ou respeita porque ama a mulher dele.

Tula: Ele é apaixonado...

Claudia: É...

Tiago: O Herodes agora. O Herodes tem bem as características do doutore mesmo...

Joe: Achei muito engraçada a máscara do doutor Curimbatá. Ela é na testa, depois desce assim (mostrando o nariz) e tem um bigodinho. Você já viu esta máscara dele? Eu achei na internet, porque eu digitei os personagens da Comédia

D'Llarte e então saíram todos os personagens e de cada um vai falando um textinho. Tem uma máscara muito engraçada. Ele é um senhor mesmo, barrigudo, mas nada de velhinho, ele era pomposo...

Claudia: Qual é aquele do nariz assim para baixo? O Pantaleão? É, não é?

Joe: Eu vi o Pantaleão, mas não dei muita atenção não. Ele acha que sabe de tudo, mas não sabe, mulherengo, e ele é sério...

Tiago: O que?

Joe: O Herodes...

Tiago: Então vamos lá! Ele é cornudo também, não é?

Joe: É, porque a esposa é uma biscate...

Tiago: Ele é corno, mas por outro lado também não está nem aí, não é?

Claudia: Corno manso...

Tiago: Não, é que ele quer que a mulher dele se...

Claudia: Então...

Joe: O mais engraçado que eu gostei aqui é que ele é assim com o chefe do diabo (risos)...

Tula: A bem da verdade esse Herodes é uma bichona louca...

Tiago: Corrupto...

Tula: Ele é uma bichona...

Joe: Não é... (Joe é que faria a interpretação de Herodes)

Tula: É...

Tiago: (imitando um personagem de programa humorístico) Ele é uma bichona!

Tula: Ele é uma bichona...

Joe: Não...

Tiago: Não, bichona ele não é não. Ela está querendo falar que seu personagem é uma bichona só para ofender você... é melhor falar que é bichona de uma vez...

É eu penso nele, quando eu penso nele, no Herodes, eu penso na relação dele com a mulher dele. Como é que ela é com ele, do jeito que ele maltrata ela pra caramba. Só que ele é assim: ele não abaixa a cabeça. Ele responde, ela vai pra cima dele, ele responde e deixa quieto.

Joe: E eu acho que ele é daqueles maridos de responder para a esposa tirando sarro. Você viu ela furiosa...

Claudia: Ele maltrata ela...

Joe: Ela toda furiosa, aqui no primeiro, ela está furiosa e ele falando que não enquanto ele vivesse porque ela queria roubar o lugar dele...

Tiago: Ele é ganancioso também...

Joe: Eu não o vejo furioso igual a ela (referindo-se à Boraceia, esposa de Herodes).

Claudia: Lê este pedaço aí.

Tiago: É, vamos fazer a cena aí...

(Tiago: Boraceia; Patricia: demônio; Joe: Herodes)

Boracéia: Pois muito bem! Quero o poder de Herodes, meu marido! Quero reinar sozinha na Judeia!

Demônio: Não posso fazer isso.

Boracéia: Então, pode voltar pro meio do enxofre de onde veio! E me mande alguém mais competente!

Herodes: Então, queria meu lugar, cobra peçonhenta?

Boracéia: Queria, sim, pedra do meu rim, bÍlis do meu fÍgado, acido clorÍdrico da minha gastrite! Faria do poder bem melhor uso.

Herodes: Não enquanto eu viver!

Boracéia: Pra tudo existe um jeito na vida! E se esse diabo velho e frouxo não presta para o que eu quero, vou invocar um que justifica a fama!

Herodes: Pode desistir, ó, escorpião da minha cama, sou compadre do chefe desse aí!

Boracéia: Ai, que me mastigo de ódio! Que de raiva me como a dentadas!

Herodes: Enquanto você ia procurar a cobra eu já voltava com o veneno!

Boracéia: Veneno é o que eu vou pôr na sua bebida!

Demônio: Silêncio! O momento é grave! Nasceu o novo rei dos Judeus!

Boracéia: Como? O rei é ele! E quando ele se for, o que não deve demorar muito, a Judeia vai ter uma rainha: eu!

Herodes: Então o que disseram os reis magos era verdade!?

Boracéia: Alguém quer me explicar o que está acontecendo?

Demônio: Nasceu "o filho do homem".

Boracéia: Que filho? Que homem? Ah! Seu filho, desgraçado? Traiu-me com quem, maldito? Ai, que se te pego, arranco o mau pela raiz!

Herodes: Que meu filho o quê! É a profecia que diz que vai nascer um filho do homem que também é filho de Deus. Será o Messias, o enviado, e dele será o poder de todos os reis da terra!

Boracéia: Vai tomar o seu lugar?

Herodes: Parece que sim. E ao que tudo indica ele já nasceu!

Boracéia: E eu?

Herodes: Pra minha última alegria, você vai cair do trono antes de nele ter subido!

Boracéia: Ai, que me desfaleço, que sucumbo, que me sufoco! Ah, injustiça da vida que marca a ferro o sonho humano: tantas boas intrigas que fiz, quantas bem planejadas conspirações, tantas profundas vilanias e bem pensadas traições! Tudo em vões! A vida passa como vendaval que varre todo nosso esforço! Mas vamos pensar em coisas mais alegres: eu queria pegar esse rei que nasceu e dar-lhe um final tão bem dado...

Demônio: A ideia é essa mesma.

Herodes: Mas como saber entre tantas crianças quem é o enviado?

Demônio: Só há um jeito!

Claudia: Olhe, o Herodes, ele, na verdade, não gosta dela...

Tiago: Não, é o que eu falei...

Patrícia: Um não está nem aí com o outro...

Claudia: Ou então é aquele amor...

Tiago: ...amor de ódio.

Claudia: ...amor de ódio.

Tula: Ela gosta do poder dele, do que ele representa, e ele gosta do corpão que ela tem. Então ele usa o corpo dela para alcançar alguns objetivos, alguns favores, e ela usa o poder dele para se manter. Interesse! Interesse!

Tiago: E outra coisa: a paixão dele é o poder que ele tem, também.

Tula: Aliás, é só isso.

Paulo L.: É conveniente ter um ao lado do outro.

Joe: Só esta parte, acho que já dá para deduzir como ele é...

Tiago: Então vamos ver: corno, apaixonado pelo poder, não está nem aí com a mulher, casado por conveniência.

Claudia: Que mais do Herodes?

Tiago: Ele é corno manso, apaixonado pelo poder, não está nem aí com a mulher dele...

Joe: ...e ele se acha o todo poderoso, como o Milo estava falando.

Millo: É, articulador...

Tiago: Ele acha que ele é o mais poderoso...

Joe: ...ele acha que ele é que manda...

Tiago: ...ele acha que com ele ninguém pode.

Claudia: Ele é o dono da verdade, ele é autoritário...

Millo: Ele realmente é poderoso.

Claudia: Ele é. Não é que ele pensa, ele é...

Tiago: Mas ele acha que ele é o mais (poderoso)...

Millo: E ele é o mais poderoso, nessa época...

Paulo L.: Vive um casamento por conveniência. E é, de fato, um homem muito poderoso.

Claudia: O Herodes tem que estar meio dourado, não tem não?

Paulo L.: Podia usar a calça, a fantasia do sol...

Tiago: Claudia, nós temos aqui cinco características, porque lembra que depois, não sei se você vai fazer isto de novo, no ano passado a gente cortou e deixou só três. Eu acho que se colocarmos muitas outras aqui, acho que já não vai ser... As principais e mais notáveis a gente já colocou.

Claudia: Anjo!

Tiago: Agora esse anjo pode ser de mil jeitos!

Joe: Pode ser gay, a Vera Verão.

Tiago: Olha, eu tinha falado para ele ser um anjão metaleiro, mal encarado. Sabe, teria asinha, aureolazinha, mas teria tatuagem, bracelete, piercing. Sei lá, ele falaria: *Qualé?* A hora em que ele vai discutir, se bem que será um repente. Não sei.

Claudia: É, uma das coisas que eu tinha pensado é de todos os personagens serem anti-personagens. Por exemplo: a Maria, geralmente as Marias são todas delicadas, mas essa não vai ser assim delicada, ela vai ser estouradona, ela é mais grosseira. O anjo, que geralmente é todo angelical, esse aí já não é...

Paulo L.: Então, até foi isso que eu tinha comentado com você ontem. Ele podia falar um pouco na gíria, ser mal encarado...

Claudia: Ele manca...

Paulo L.: Usar algum tipo de acessório também. Tanto é que tem uma fala que ele diz: *Eu não só concordo como ajudo a pegar ele*. Ou seja, ele já não é tão paciente.

Claudia: Então vamos falar do anjo? Que mais? Impaciente?

Joe: Porque anjo é do tipo que quando alguém diz: "Eu vou bater nele", diz "Não, meu filho, não vai fazer isto."; agora este anjo diz: "Vamos lá que eu ajudo!".

Tiago: Ele é grosseiro, meio grosseirão?

Paulo L.: Rude?

Tula: Rude não.

Claudia: Não vai ter nenhum que seja assim meio burro, tapado?

Joe: Acho que o demônio podia ser...

Tiago: Acho que o Herodes, a Mateúsa.

Tula: Eu acho que o anjo é meio manipulador, sabia?

Claudia: Faz sentido.

Tula: É, ele é manipulador, alcoviteiro.

Tiago: Então, eu estou procurando esta coisa (no texto). Ele não tem medo de nada, encara, peita...

Joe: O anjo?

Tiago: É, ele não é aquela figura assim...ele enfrenta o diabo...

Tula: Ele é manipulador, eu estou falando...

Tiago: Não, não é ser manipulador. Ele é assim carrancudo, meio mal encarado...

Tula: Ele é pitboy?

Tiago: É!

Claudia: O que que é pitboy:

Joe: É o cara encenqueiro... Mas todo mundo sabe, pitboy é encenqueiro...geralmente é aquele cara que se você deseja bom dia ele pergunta bom dia por quê?

Tiago: É o tipo de pessoa pavil curto.

Tula: Mas ele vai ser tudo isso e gay também?

Tiago: Ah, acho que ele não é gay não.

Tula: Ah, ele é gay.

Tiago: Gay é óbvio...

Risos

Claudia: Próximo!

Tiago: O diabo! O diabo é gostosa...

Tula: O diabo é...sexy, gostosona...sedutora...

Tiago: Vamos lá, capetinha. A diaba.

Millo: Ele é medroso.

Paulo L.: Quando ele enfrenta a Boraceia ele dá para trás, ele não consegue peitar o anjo...

Millo: Ele é um diabo meio medroso.

Paulo L.: Ele é bundão...

Tiago: É bundão, boa...

Millo: A Boraceia sai batendo no demônio.

Claudia: Na verdade, ela quer se impor, mas ela só tem beleza, só tem a carcaça.

Tiago: De todos do núcleo malvado da novela, ela é o menos ruim.

Claudia: É.

Tiago: É o mais "santo" de todos... (Em relação ao diabo)

Claudia: Só que é assim...

Millo: É quem leva a culpa...

Claudia: É, porque quem mandou ser o diabo?

Tiago: É um coitado...

Tula: Quem mandou ela ser o diabo?

Patricia: Ninguém. Sobrou. Verdade.

Tiago: Então o diabo é: gostosa, sexy, provocante, medroso, bundão, coitado.

Claudia: Coitado por quê?

Tiago: Coitado porque ele que leva a culpa...

Tula: Às vezes ele nem fez e estão botando a culpa no coitado...

Tiago: É ele que... ele chegou com a ideia de...

Paulo L.: Na verdade, era para ele assumir...

Tiago: É, era para ele chegar e dizer que nasceu o cara aí, estão dizendo que vai ser o rei dos judeus e vai pegar seu lugar, vamos lá pegar ele? Deixa que eu cuido de tudo. Só que no fim, antes de ele falar qualquer coisa, os dois já dizem: vamos pegar ele, vamos matar, vamos dar um fim bem dado...

Paulo L.: Os outros já foram na frente...

Tiago: Eu vou colocar aqui: bostinha!

Tula: É, só vai ser um corpinho bonito nesta história...

Claudia: Vocês estão rápidos nesta criação de características...

Tiago: Não é, sabe o que é, uma: a gente já fez isso uma vez, esse processo,...

Claudia: Vamos lá!

Tiago: Agora, Mateúsa! (ri) Lá em São Paulo, no dia em que apresentamos na Paulista, foi a primeira vez que alguém riu por causa do nome do personagem, no meio da peça, numa parte que não tinha graça nenhuma, um dos personagens falou o nome da Mateúsa e alguém da platéia começou: há, há, há...

Tula: E aí precisamos parar e esperar...

Tiago: Ele riu do nome da personagem, mas a gente estava no meio do segundo ato... Eu não lembro o que ela faz nesta peça.

Claudia: Ela entra e sai. Entra por uma porta e sai pela outra.

Tiago: Ela é tonta, burra...

Paulo L.: E ela dá trela?

Tiago: Ela é gostosinha, porque o cara dá em cima dela.

Joe: Ela é sonhadora.

Tiago: É inocente, ingênua, tem medo, lembra do começo da peça, do pacto com o demônio? Atrapalhada? Ela é explorada, é uma coitada...

Joe: É irritante, às vezes...

Tiago: Ela é chata? Não, não é chata.

Paulo M.: Ela é boazinha.

Claudia: Na verdade, o pessoal faz ela de besta, ela é meio...

Tiago: ...tonta.

Joe: A Boraceia faz ela de gato e sapato.

Paulo L.: Será que ela é mesmo, ou será que ela faz tipo?

Tula: Será que o que ela quer não é justamente ser ignorada para ser posta neste caldeirãozinho?

Paulo L.: Ah, acho que não, porque quando o rapaz dá em cima dela, ela se põe no lugar dela. Senão ela poderia ter tirado uma lasquinha ou coisa desse tipo...

Tiago: Acha essa cena...

Tula: Ele vai querer me usar... Por que eles são irmãos, não? (referindo-se a Teité e Matias)

Tiago: Não, eles só têm o mesmo nome, mas a relação...

Tula: Não, Tiago. No Burundanga eles eram irmãos, agora eles já não são mais, então não tem por que ela se aliar a ele.

Tiago: O duro que a coitada fala aqui, depois só vai falar aqui (apontando no texto).

(Boraceia: Tiago; Herodes: Joe; Mateúsa: Paulo M.; Matias: Paulo L.)

Boracéia: Pra onde está indo?

Herodes: De onde veio?

Mateusa: Você já tem companhia?

Tiago: Olha aí, ela que se interessa! Ela se interessa pelo Matias antes dele se interessar por ela!

Mateúsa: Cada um pergunta o que lhe interessa, uai!

Matias Cão: Vim aqui para encontrar uma família sagrada.

Boracéia: Ah!

Matias Cão: Que quer dizer esse "Ah!"?

Boracéia: Que acabou de encontrar!

Matias Cão: Vocês são a Sagrada Família?

Herodes: Bem, parte dela. É uma família muito grande. Ela é a sogra, eu sou o cunhado, aquele é o primo.

Boracéia: Sabe onde eles estão?

Herodes: A gente está querendo reunir toda a família.

Matias Cão: E tem certeza que a outra parte também está querendo se reunir?

Boracéia: Que quer dizer?

Matias Cão: É que, por experiência própria e familiar, sei que encarar, de uma vez só, cunhado, sogra e primo só sendo uma família muito sagrada mesmo!

Boracéia: Eles estão correndo perigo. Precisamos ajudá-los.

Matias Cão: Eu sei, o anjo me contou.

Herodes: Sabe onde eles estão?

Matias Cão: Não, senhor, mas posso saber. Pra saber preciso procurar, procurar cansa, o cansaço me faz suar, suar faz perder vitaminas e sais minerais que precisam ser repostos, repor vitaminas e sais minerais custa dinheiro, logo...

Herodes: Não lhe dou um tostão, explorador da dor alheia!

Boracéia: Paga logo, tonel de toucinho!

Matias Cão: Isso! É igual lá em casa: manda quem pode e obedece quem tem juízo!

Herodes: Vai esperando que o seu está assando!

Boracéia: Vamos!

Matias Cão: Todo mundo aqui pertence à família?

Boracéia: Menos aquela escrava imprestável!

Matias Cão: Se for jogar fora eu quero, viu?

Boracéia: Isso não serve pra nada!

Matias Cão: Sempre serve! Uma vez eu consegui uma igualzinha a essa, por um canivete, numa feira de trocas! Isso, bate em quem você vai gostar! Amacia a carne que você vai alisar!

Mateúsa: Se o senhor me deixar, assim, sem graça outra vez eu não sei o que eu faço!

Matias Cão: Quer sugestão!

Boracéia: Vamos parar com esses arrufos que pombinhos só gosto como galetto! Vamos atrás dos fugitivos!

Matias Cão: Não é preciso. Se passaram por aqui, eles vão bater direto na estalagem.

Boracéia: E no meio desse sertão desgraçado tem uma estalagem?

Matias Cão: Tem, dona! São léguas e mais léguas de caatinga esturricada, onde não vive nem calango, nem bacurau, mas tem estalagem.

Boracéia: Não passa ninguém por aqui!

Matias Cão: Não passa ninguém, mas tem estalagem!

Boracéia: E de quem é?

Matias Cão: Não tem dono, não mora ninguém mas é para lá que a gente vai!

Boracéia: Mas...

Matias Cão: Se a gente não for a história não segue, cáspita! Porco cane! E andiamo, via, Che rompo i musi e la faccia de tutti quanti, porca miséria!

Riem do trecho em italiano e dizem SAÚDE!

Paulo L.: Ela aparece pouco, mas são hilárias as cenas dela. Ela já começa interessada pelo Matias...

Tiago: E ela é oferecida...

Paulo L.: Mas, é aquele negócio que a Tula falou: Será que ela não está fazendo tipo?

Claudia: Não...eu acho que ela é biscatinha, sim!

Risos

Millo: Ela é simulada.

Claudia: Ela é simulada, oferecida, ela é...

Tiago: Ela é a professora da turma...

Claudia: Ela é fácil, ela é uma mulher fácil...

Paulo L.: É uma mulher da vida!

Tula: Nossa, Paulo!

Tiago: Vamos para o próximo, senão vamos acabar com a dignidade da artista.

Risos

Tiago: Ela é a professora do ano passado. Eu lembro que ela fazia: dissimulada, ...

Claudia: Na verdade, ela vai com qualquer um ali. Está certo que ela tem gosto, ela gosta de um deles, mas se um ou outro também cantar, ela vai!

Tiago: É uma anta porque ela vai gostar do...

Millo: Tem que cantar ela onde não tem pedra senão ela se machuca toda.

Tiago: E aí, o que mais? Próximo! Falta a Boracéia, o Matias...

Paulo L.: A Boracéia, pode pegar uma folhinha só para ela...

Tiago: O Matias, o Teité e...

Tula: Vai na Boracéia, então!

Joe: Vamos na Boracéia. Boracéia vai. Boracéia é uma biscate..., trai o marido,...

Tiago: Primeiro, antes de mais nada, eu quero dizer que a Boracéia é muito talentosa! (O Tiago faria a Boraceia)

Ahahahaha – risos

Joe: Você sabe quem vai ser a Boracéia? (perguntando para mim e apontando para o Tiago como resposta)

Mariângela: Ah, eu já imaginava!

Tiago: Vamos lá! Mandona, vagabunda... Mandona?

Joe: Mandona não...ela se acha...

Millo: Eu acho que tem uma coisa que resume isto tudo: ela é fútil!

Paulo L.: Nossa! É verdade!

Millo: Ela quer o poder, ela quer poder, ela quer...é tudo na futilidade.

Paulo L.: É...

Tula: Bota aí: Capitu. E acabou!

Claudia: Ela inclusive é meio falsa, não é não?

Millo: Meio?

Tiago: Meio falsa é uma pessoa muito honesta perto dela...

Joe: É... Ela está tramando contra o marido...

Tula: Põe aí: política, deputada federal, deputado estadual, prefeito, vereador, senador...

Tiago: Ela é a versão feminina de todos os políticos, da maioria dos políticos.

Tula: Então, põe aí: ela é político, é tudo o que ela é.

Paulo L.: Então, e tudo o que ela é é absurdo, no máximo...

Millo: Gananciosa...

Tiago: Ah, ela é uma patroa, como se fala, ...

Joe: Exibida...

Tiago: Talvez precise de uma lipoaspiração...

Tula: Arrogante ela é, presunçosa...

Millo: Ela é horrorosa e se acha linda, não é?

Claudia: Pinte o dente de preto! (referindo-se à caracterização da personagem)

Tiago: A gente, eu acho que aqui já resume tudo...

Joe: É, está tudo aí!

Tiago: É o cão! O cão é um gatinho perto dela! E agora faltam os dois...

Claudia: Na verdade, o Teité e o Matias, eles têm...

Tiago: Eles são o Arlequim e o Polichinelo, não é Polichinelo é um outro lá, enfim...

Claudia: Eu sei...

Millo: Não seria os dois aqui, um sempre tentando tirar ao outro, um tentando tirar o contrato do outro, eles se juntam para tentar alguma coisa, mas quando têm a posse de alguma coisa um quer pôr o outro para trás...

Claudia: Um quer engolir o outro... Eles vão brigando o tempo inteiro pelo...

Millo: É, é isto que acontece... São dois Arlequins mesmo!

Claudia: Sempre querendo ganhar um pouquinho... É acho que são dois...

Tula: Foram eles que criaram a lei de Gerson...

Claudia: Eles são esfomeados. Negociantes...

Tiago: É, na verdade, eles são esfomeados e mulherengos, só que o Teité prefere comida...

Joe: ...ele prefere uma mulher para cozinhar.

Tiago: ... e o Matias prefere mulher. Então, eu coloquei: esfomeados, mulherengos,...

Claudia: O que vocês falaram do Teité? Vocês falaram uma porção de coisas dele, anota!

Tiago: São preguiçosos, eles querem as coisas, mas eles querem...

Joe: São folgados!

Tiago: Eles são da lei do menor esforço.

Paulo L.: São malandros!

Tula: A lei de Gerson!

Tiago: A lei de Gerson!

Joe: São folgados, não é Tiago? De mais, de mais, de mais, onde eles estão querem alguma coisa para comer e deitar...

Paulo L.: Eles só fazem alguma coisa em troca de...

Tiago: Essas tiradinhas deles são muito boas...

Joe: A venda do cavalo lá...

Tiago: Aquela é ótima!

Tula: Ache este pedacinho! Da venda do cavalo...

Joe: *Entra João Teité correndo e gritando, perseguido por Matias Cão.*

(Tula: Matias Cão; Tiago: João Teité)

Matias Cão: Quebro-lhe em dois, parto-lhe em três, descadeiro-lhe os quartos, lhe mando para os quintos, seu peste!

João Teité: Vamos resolver nossas diferenças como pessoas maduras, Matias! Precisamos entrar num acordo!

Matias Cão: Eu bato e você chora, eu surro e você grita, eu entro com a vara e você com o lombo, seu filho...

João Teité: Não pode falar palavrão em auto de Natal!

Matias Cão: ...de mulher sobre a qual pesam suspeitas de contumácia em relações licenciosas e ilícitas com inúmeros desconhecidos!

João Teité: Ô, doido, Matias, essa humilhou! Eu preferia um palavrão curto e grosso, alto e claro! Isso magoa, ouviu, Matias!

Matias Cão: Venha cá!

João Teité: Só vou se você falar que não me bate!

Matias Cão: Venha cá que eu estou mandando!

João Teité: Então não me bate!

Matias Cão: Maldita hora em que lhe pus como sócio de minha companhia de transporte!

João Teité: Sua, não, nossa!

Matias Cão: Agora não é nem minha, nem nossa! Você deu sumiço no único jegue que a gente tinha.

João Teité: Questão de opinião! Eu fiz um investimento!

Matias Cão: Eu vou lhe pegar, lhe arrear e lhe colocar no lugar do jegue, condenado!

João Teité: Eu só tive um pouco de azar. Isso acontece todo dia com qualquer investidor da bolsa de valores!

Matias Cão: Venha cá!

João Teité: Então não me bate!

Matias Cão: Não bato, se você me explicar porque rifou o jegue!

João Teité: Estava tudo bem pensado, Matias! Escuta e me dê razão: eu fiz duzentos números pra vender a cinco reais cada. Cinco vezes duzentos, mil. O seu jegue valia trezentos. Setecentos de lucro, Matias! Um ótimo retorno de investimento!

Matias Cão: E onde está o lucro? Onde está o jegue?

João Teité: Problemas de marketing: a imagem do produto não correspondeu às expectativas do consumidor. (risos do Joe) Tive de baixar a minha expectativa de lucro e vendi cada número a vinte centavos.

Matias Cão: Ah, desgraçado! Vendeu por quarenta reais um jegue que valia trezentos!

João Teité: Calma! Vê a relação custo-benefício: tive lucro de quarenta reais porque o jegue não era meu. (risos do Joe)

Matias Cão: Eu vou vender seu couro pra fazer torresmo! Me dá os quarenta reais!

João Teité: Gastei como justo pagamento por todo o trabalho de planejamento e execução do investimento!

Matias Cão: Deus, com todo o respeito, admite, sem desdouro nenhum, admite: o senhor errou quando fez esse traste! Ou, então, quis se superar depois das dez pragas do Egito!

Risos

Tula: Não tem nada pior do que ele!

Tiago: Essa cena é ótima!

Claudia: Agora, tem um que é mais malandro, o Matias Cão é mais malandro, não é não?

Joe: Eu acho que não...

Tula: Não, o Teité é mais malandro.

Paulo L.: Foi o Teité que vendeu o jegue...

Tula: Claro, sem dúvida!

Claudia: O Teité que vendeu o jegue?

Tula: Sim!

Claudia: Então o Teité é o mais malandro.

Tiago: Além dele ser o mais malandro, o trabalho que ele pegou era para o Matias; ele ficou na moitinha ouvindo e chegou lá e cortou...

Claudia: Então o Teité é o mais malandro e o ... porque sempre tem um que é meio... Sempre entre dois palhaços tem um que é mais esperto e outro que é mais tonto...

Tula: O Matias quer ser o esperto, mas acabam passando-lhe a perna... Então, mas o que supostamente seria o mais esperto é o Matias Cão porque ele quer mandar no Teité, mas o Teité sempre passa a perna nele...

Tiago: Na verdade os dois são bem burrões, não é?

Joe: Mas tem um mais esperto que o outro.

Tiago: Um é menos burro que o outro.

Tula: Se é que isto é possível...

Paulo L.: Se for ver, na moral da história, quem é mais burro é o Teité, porque ele se mete nessas encrencas para afrontar o Matias Cão.

Tiago: Mas no fim ele foi esperto...

Patrícia: Ele trocou o menino por um boneco...

Tula: É, ele trocou o menino pelo boneco também,...

Claudia: Ele é bem espertinho... Não é bobo não. Ele faz as trapalhadas, mas é bem esperto! Que mais?

Tiago: Os dois são Arlequins, os dois são esfomeados e mulherengos só que o João é mais esfomeado que mulherengo, e mulherengo o Matias é mais que o João. Folgados, malandros, o Teité é mais malandro, preguiçosos e reticências.

Claudia: Como é que põe, assim, que eles sempre querem...trapaceiros!

Tula: Uai, Claudia, está ali, é a lei de Gerson, eles querem levar vantagem em tudo!

Claudia: Está pronto então? Então, agora vocês escolhem um deles que vocês vão começar a fazer. Vocês querem fazer a introdução? Vocês podem fazer a introdução.

Millo: A música da entrada, aqui vai ter uma música, o pastoril, eu estou vendo uma ou outra coisa, e ela vai nascer disso aqui, da primeira cena, e aí vem a anunciação, e daí vem a música que eles vão cantar.

Claudia: Por que é que a gente não faz assim: a gente já vem cantando a música do pastoril, o público está lá fora ainda, vem cantando e parou, a gente vai vir de mala, aquelas malas antigas com aqueles selos, você põe a mala no chão e apresenta. Depois você retoma e vai dando a introdução. Porque estas músicas, na verdade, contam um pedaço da história.

Millo: É, ela conta. Essa aqui mesmo conta tudo. Ou faz um pastoril lá fora e canta esta com eles entrando (no teatro). Ela é um pouco longo, talvez até cantar duas vezes um refrão.

Claudia: É legal!

Millo: E o pastoril, ele vai surgir!

Joe: Vamos lá então!

Claudia: Vocês sabem a música do pastoril? É:

Boa noite, meus senhores todos

Boa noite senhoras também

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

Não tem homem no pastoril, são só mulheres.

Millo: Era como se fosse uma redenção nessa época.

Joe: Não tem definição de homem e mulher...

Claudia: E tem o cordão encarnado, o verde, o cordão azul e o encarnado, e eles, elas disputavam, então é:

Boa noite, meus senhores todos

Boa noite senhoras também

Somos pastoras, pastorinhas belas

E agora o Joe vai cantar sozinho.

Millo: É, se for uma coisa bem curta assim, pode ser esta mesmo até surgir outra.

Tirando a música no violão:

Boa noite, meus senhores todos

Boa noite senhoras também

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

TODOS CANTAM JUNTOS

Joe: Mas, neste caso, ficarão só as mulheres? Mas nós vamos estar junto?

Tiago: Nós podemos estar com instrumentos...

Millo: Ah, pode cantar, não tem problema.

Tiago: Ah, pode cantar, não tem problema!

Millo: Eu queria ouvir a voz de cada um, para ter uma noção...

TREINAM PARA ACERTAR O TOM DA MÚSICA

Boa noite, meus senhores todos

Boa noite senhoras também

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

TREINAM UMA VEZ SOMENTE OS HOMENS, EM SEGUIDA SOMENTE AS MULHERES E FINALIZAM COM HOMENS E MULHERES

Terminado o treino do pastoril, Milo tenta iniciar o texto, a peça.

Millo: *Sacra Folia! Vinde ver um...* olha aí... cortei tudo...

Claudia: Vamos pegar aquelas saionas do Burundanga e já fazia assim, já fazendo?

Tula: Ah, vamos pegar (a música) mais um pouco, Claudia!

Claudia: É? Eu já estava querendo...

Joe: Eu também!

Millo: Podemos pôr movimento!

Claudia: Ah, eu acho!

Millo: Eu quero pôr movimento porque é uma coisa que pega muito. No centro do palco, em pé, virados de costas formando um círculo, bem encostados uns nos outros, sentindo o outro, bem encostado no outro mesmo, que é para sentir a respiração. É fechado, é fechado, é fechado...

Joe: Como assim?

Millo: É junto! É junto!

TODOS FAZEM O QUE O MILO FALOU E CANTAM O PASTORIL, PORÉM NÃO CONSEGUEM PARAR DE SE MEXER COM A MÚSICA

Millo: Sem movimento por enquanto. Esse exercício faz com que se ouça o outro pelo corpo, então quem tiver tendência a desafinar, começa a ganhar confiança porque está sentindo o outro na respiração toda do corpo. Então vai se cantar isso sem mexer um dedo para prestar atenção ao que o outro está cantando e se ouvir ao mesmo tempo. Encosta o corpo o máximo que dá no outro agora, para cantar e sentir o outro. Vai lá! Procura saber se está sentindo o corpo do outro mesmo, tá, e, lógico, fica confortável para respirar para cantar. Vocês vão perceber uma coisa: vai dar vontade de se mexer, mas não pode.

MILO VOLTA A CANTAR E TOCAR; TODOS FAZEM O QUE ELE FALOU

Millo: Conseguiram ouvir o outro pelo corpo, a respiração? Tem gente que respira em lugar diferente da gente, perceberam isto? Querem trocar de lugar só uma vez só? Troquem de lugar. Isso!

O GRUPO REPETE O EXERCÍCIO

Millo: Bom!

Claudia: Eu já acabei de ver a cena! Se as meninas estiverem de saia os meninos podem pôr aquele chapeuzinho.

Alguém murmura...

Claudia: Por que, vocês também vão pôr saia? Se vocês quiserem, vocês podem pôr saia!

Tiago: Mas aí vai ficar...

Joe: Vai ficar muito igual ao Burun... (Burundanga)

Claudia: Vai ficar muito igual ao Burundanga. Acho que os meninos podiam entrar com o chapéu. Mas aí é que está: as mulheres vão estar de saia e você é mulher (na peça, apontando para Tiago que interpretará Boraceia).

Tiago: Não, na entrada meninas são meninas e homens são homens...

Joe: É, senão já vai perceber quem vai fazer papel de mulher logo na entrada...

Tiago: É, e depois ...

Millo: Eu acho que a saia, dentro do movimento agora, é um bom exercício.

Claudia: É!

Millo: Para soltar o corpo mesmo. Uma pergunta: tem alguém sentindo desconforto com o tom da música, com a garganta? A Tula me falou que está se cansando...

AS SAIAS CHEGAM E CADA UM VAI ESCOLHER A SUA E A COLOCAM – MILO COMEÇA A MELODIA E O GRUPO O ACOMPANHA – DECIDEM QUE A PRIMEIRA CANTORIA COMEÇA SEM VIOLÃO, SOMENTE COM VOZ E DEVAGAR PARA QUE O PÚBLICO OUÇA A LETRA; DEPOIS CANTAM, DANÇAM E MOVIMENTAM AS SAIAS.

Millo: Uma ideia!

Claudia: Sabe uma coisa que eu estou pensando...ele parece um Burundanga, mas é um Burundanga com outra cara. A gente começa com as saias, começa dançando, mas é de outra forma...

Tiago: Nós estamos cantando, uma música folclórica. Burundanga era assim: (dramatizando no palco)

Sabiá no sertão, quando canta me comove

Passa três dias cantando e sem cantar passa nove

Porque tem a obrigação de só cantar quando chove

Tum Tum Tum Tum Tum Tum

Millo: Eu acho que ficaria interessante aquela coisa de fazer o arco. Primeiro, é a primeira vez, não estão interagindo. Depois que cantou uma, duas vezes, a porta abre e a gente dá as mãos e faz um túnel...

Tiago: ...e o povo todo tem que...que “da hora”.

Millo: Vocês passam, vocês passam, e no que termina de passar, uns dois que ficam por último pegam e traz alguém do público para que venha a passar por baixo e a gente já fica liberado para entrar e o povo vai passando e a gente tentando...

Claudia: Uma das coisas legais é que a gente está ... (encenando a entrada) e a gente começa a cumprimentar o público.

Tiago: mas se a gente estiver com instrumento na mão já não dá para fazer...

Claudia: Os homens, mas as mulheres podem cumprimentar. E aí a gente já estabelece uma comunicação porque se a gente que vai querer que passem por baixo, tem que ter uma comunicação primeiro...

Millo: Tem que falar com o povo todo, falar nessa coisa de interação... de cantar para eles, tira um para dançar junto, qualquer coisa parecida, ou todo mundo tira um para dançar junto...

Claudia: Pode estar pegando e fazendo isto (encena a dança com alguém). Pega aqui, pega um pessoal do público...

Millo: É isso aí! A interação é importante!

Claudia: Porque acho que uma coisa que eu senti é que tem que olhar “olho no olho” porque não é só dançar. Olha, a gente se cumprimenta também, porque, logo em seguida, a gente cumprimenta o público, a gente começa e interagir com o povo. Porque vocês podem, mesmo com instrumentos, já dar uma cumprimentada, mesmo com instrumentos dá pra dar um...é um olhar só...

Millo: Na verdade, a gente vai ter o surdo. Vai encarar o surdo mesmo, Tula?

Tula: Gesticula que sim.

Millo: É até bom sabe, o surdo, esse problema que você está falando de labirintite, isso é sério. O fato de você estar com o surdo, você não tem que virar tanto. Assim você só fica...

Tiago: Eu vou lá pegar o surdo...

Millo: O menor, tá! Ele foi pegar o surdo, já podia trazer..., olha, vai ser surdo, triângulo e pandeiro.

Joe: Tiago, pega o surdo, o triângulo e o pandeiro...

Tiago: Está aqui, olha!

Millo: Quem vai se arriscar no pandeiro?

Patrícia: O Tiago sabe!

Millo: Todos poderiam ter um instrumento. Acho que não dá para todos terem um instrumento, dá?

Claudia: Lógico que dá! ... Eu só não sei se sei tocar e dançar...

Tula: Ah! Você vai entrar dançando e tocando! A nuvem tinha que entrar dançando e tocando! Você me judiou, está vendo, um dia da caça e um do caçador...

Claudia: Dançando, cantando e tocando...

Tula: Ah, era o que a nuvem fazia...

Ao fundo, Milo tocando e Claudia cantando:

Boa noite, meus senhores todos

Boa noite senhoras também

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

Milo: Então, não pode esquecer de cantar! O instrumento rouba isto!

Claudia: Vamos fazer uma vez só com os instrumentos pra gente ver?

Todos tocam e cantam:

Boa noite, meus senhores todos
Boa noite senhoras também
Somos pastoras, pastorinhas belas
Que alegremente vamos a Belém
Somos pastoras, pastorinhas belas
Que alegremente vamos a Belém

Tiago: Acho que a gente poderia somente bater palmas... assim olha, (Tiago canta o trecho batendo palmas)

Millo: (orienta a batida dos instrumentos) Chocalho: é chacoalhar a mão, só. Agora entrou no ritmo.

TODOS TOCAM E CANTAM O PASTORIL

Boa noite, meus senhores todos
Boa noite senhoras também
Somos pastoras, pastorinhas belas
Que alegremente vamos a Belém
Somos pastoras, pastorinhas belas
Que alegremente vamos a Belém

Millo: Cada vez que acaba a música, vocês fazem um diferencial no instrumento que é para começar. (Dá exemplo com o chocalho) Perceberam?

Paulo L.: Mas é muito difícil você mexer...

Millo: Mas está rolando! Tenta bater palmas para ver se vai no ritmo. (Cantarola batendo palmas) Foi, foi no ritmo. A Tula está se empolgando aqui...

Tula: Nossa, eu estou me arrebrandando aqui, mas eu vou fazer...

Millo: Vai, é lógico que vai! É isso aí: "Eu vou fazer!". O triângulo...

Tiago: O triângulo parece que não está combinando muita coisa, não é? Dá isso aqui! (Pega um chapéu como instrumento) Acho que ele não é muito para esse ritmo...

Millo: Não é...

Tiago: ...ele não combina com esse ritmo. Para essa outra música que você fez ele dá.

Millo: Aí ele vai...

Tiago: ...aí ele vai...

Millo: Deixa ele de lado, ele não entra. É o chocalho, o chocalho...

Claudia: tem aquele de metal que é legal!

Millo: Esse aqui é legal, fica bem! Uma vez, agora, para a gente comprar a ideia total, a gente canta sem nada, sem instrumento, nada, e a gente dá, a introdução vai ser do surdo, olha é isto aqui (demonstra, com o surdo e cantarolando, a introdução).

Paulo L.: O nosso ritmo vai ser de acordo com a introdução, não é?

Millo: Depois que a gente cantou:

Boa noite, meus senhores todos
Boa noite senhoras também
Somos pastoras, pastorinhas belas
Que alegremente vamos a Belém

Somos pastoras, pastorinhas belas

Que alegremente vamos a Belém

Cantam uma vez sem instrumentos, em seguida, com a batida introdutória do surdo, todos cantam e dançam com os instrumentos.

Millo: (em meio à cantoria) Cumprimentando o público! (pouco depois, também em meio à cantoria) Olha o túnel!

CANTA-SE E DANÇA O PASTORIL

Millo: Aí! Rolou!

Tiago: Rolou...um enfisema, um ataque...

Joe: E a gente vai cantar até o público entrar?

Risos

Millo: Vamos ver se vocês entendem onde a Claudia quer chegar...eu já percebi!

Joe: Onde você quer chegar, Claudia?

Millo: A letra é curta, a música é fácil e o povo inteiro vai cantar!

Joe: Uma salva de palmas para a diretora!

Millo: Não é isso? Tem que chamar gente para o nosso meio, cantar, dançar, é, dança, dança, dança, dança ali...corre uns dez minutos que seja, mas faz parte porque...

Claudia: O pessoal já entra animado!

Millo: ...é, entra no pique da festa. Porque nós vamos abandonar... a ideia é abandonar no túnel.

Tula: A gente vai vir cantando da rua, não é?

Joe: Não, vai pegar a turma aqui dentro...

Patricia: Lá da ponta da fila...

Millo: Entra todo mundo no saguão? Como fica?

Claudia: É, eu acho que a gente vem, o pessoal já está no saguão e a gente vem de lá de fora...

Millo: ...de lá de fora...

Tula: Igual a gente vinha no "Beata".

Claudia: Digamos que esteja super cheio, se a fila vem para cá, ela no máximo fica ali no fim, aqui no portão, a gente pode vir da rua e começa a cantar quando estiver virando o portão ali do teatro e já entramos cantando aqui no portão dois.

Joe: E você vai vir atrás tocando o violão? (perguntando para o Milo)

Claudia: Vem na frente.

Millo: Vem na frente, no meio, ou qualquer coisa parecida.

TODOS VÃO PARA O PORTÃO DOIS PARA ENSAIAR O PASTORIL NO TRAJETO COMBINADO.

Millo: Quer ver sair melhor? SACRA FOLIA!

Todos: luhuu! SACRA FOLIA!

Millo: Olha a ideia que me ocorre: o povo vai entrar, o povo vai estar todo lá dentro em uma fila, eles vão entender que a fila continua, mas nós vamos destruir a

fila quando chegarmos. Nós vamos cantando daqui sem instrumentos, daquele jeito lento, e a porta vai estar fechada...

COMEÇA A CANTORIA CONFORME COMBINADO.

Claudia: Tem que cantar duas vezes...

Millo: Duas vezes, para que o público gravar bem a música.

Joe: Acho que vai ter que cantar três vezes até chegar lá!

Millo: Quando chegar naquele ponto, ali no meio do público, aí acelera...

INICIA-SE NOVAMENTE A CANTORIA COM OS NOVOS COMBINADOS:
CANTA-SE DUAS VEZES LENTAMENTE E DEPOIS AUMENTA O RITMO E
INTRODUZ-SE OS INSTRUMENTOS.

Ao chegarem ao palco:

Tiago: *Sacra Folia!*

Millo: *Vinde ver um auto de Natal!* – Olhe, tem que treinar muito quem está fora de forma aí!

Tiago: O Milo, agora vai ser o seguinte: a gente vai entrar, vai ter essa apresentação e então outra música?

Millo: É!

Tiago: Então nem vamos nos trocar?

Claudia: Vocês vão ter que se trocar em cena!

Millo: Trocar em cena, atrás da carroça!!

Tula, Paulo L., Tiago: Não!

Tiago: Por causa da surpresa!

Millo: Atrás da carroça... por que surpresa?

Joe: Não, não, para os homens verem se as meninas já entraram...

Tiago: É, porque cada personagem vai ser uma surpresa... vai entrar Maria,

...

Millo: Não tem esse “quiprocó” aqui olha: *E agora vamos distribuir os papéis; esse indivíduo aqui será Boracéia, a esposa de Herodes. – Ah, eu não quero fazer...*

Tiago: É, a gente combinou de fazer isso. Então, vai ser aí!

Millo: *Se eu vou ser Boracéia* – então você fala para outro: *Você vai ser Mateúsa!*

Tiago: Aí a Pati faz igual aconteceu a ela de verdade: *Tá bom, sobrou o diabo!*

Millo: Tem que ver quem sai para não ficar buraco...

Tula: Eu e o diabo seremos os últimos...

Millo: Os que entram em cena são mateúsa, Boracéia, ...

Paulo L.: ...o demônio...

Millo: ... o demônio...

Joe: Logo depois já entra o Herodes...

Millo: ...é tem que colocar na ordem de entrar em cena que não dá buraco.

Claudia: Acho que os bonzinhos entram depois..., porque tem a ala ruim e a ala boa, a ala do bem e a do mal, a ala do mal entra primeiro.

Millo: Boracéia, Mateúsa, ...

Tiago: O problema é trocar de roupa, a Tula quem que estar lá para me trocar (representa a Boracéia).

Tula: Então, é assim, está vendo? Por isso que vocês me puseram de Maria, não é? Como o da Maria é pouco eu camelo lá atrás.

Paulo L.: Na verdade, a gente não queria falar...

Joe: Claudia, você vai entrar com a gente na dança?

Claudia: Vou! Acha que eu vou perder essa?

Joe: E é bom que você já sai e diz: *Para mim não sobrou nada, não é?* – E pode inventar alguma fala.

Claudia: *Opa! E eu?*

Joe: Ela pode ser a última a falar.

Claudia: E fico enrolando um pouco e pergunto: *E eu, gente?*

Tula: Aí, alguém grita lá de trás: *Contrarregra!*

Joe: Boa!

Todos riem

Tula: Eu grito, eu grito!

Claudia: Ok? Olha, por hoje eu acho que é isto.

Joe: Uma salva de palmas!!!